

An aerial, black and white photograph of a dense urban skyline, likely New York City. The image is dominated by numerous skyscrapers of varying heights and architectural styles. In the center, a large, white, cursive word is overlaid on the image. The word is 'Deserto', written in a fluid, handwritten style. The background shows a grid of streets and a variety of building facades, with some buildings having flat roofs and others with more complex, tiered structures. The lighting creates strong shadows and highlights, emphasizing the three-dimensional nature of the city.

Deserto

Deserto

por Anônimo

2011



Sobre a tradução para a língua portuguesa:

Para esta versão da tradução para o português, os indivíduos envolvidos optaram por usar o gênero feminino sempre que os sujeitos mencionados compõem os grupos e/ou indivíduos para os quais o texto é direcionado pelo autor (as anarquistas, as ativistas, as resistentes, etc.) mesmo onde a língua portuguesa oficial exige o uso do gênero masculino. Essa escolha tem o objetivo de, assim como foi feito com a versão original em inglês, não submeter o texto ao caráter machista da língua em questão.

Deserto¹, *substantivo*

1. Área particularmente erma e isolada, especialmente: a. Região seca e arenosa com poucas precipitações, temperaturas extremas e vegetação escassa. b. Região de frio permanente que está ampla ou completamente desprovida de vida. c. Área aquática aparentemente sem vida. **2.** Local vazio ou abandonado; erial; deserto cultural. **3.** Arcaico, região selvagem, baldia, inabitada.
[inglês médio, do francês antigo, do latim tardio desertum, do particípio passado neutro de deserere, desertar; veja deserto²]

[Tradução do verbete de um dicionário inglês]

Nota do autor

Como anarquista e amante da natureza, escrevi *Deserto* principalmente para as pessoas que compartilham das minhas inquietudes. Talvez por isso não expliquei algumas ideias que são, de certa forma, consideradas como dadas em muitos círculos anarquistas e ecologistas radicais. Escrevi de forma bastante acessível, assim espero que mesmo que você não provenha desses círculos, possa ler *Deserto* sem problemas. Ainda que as melhores introduções à ecologia e à anarquia sejam aprendidas passando algum tempo em ecossistemas não domesticados e comunidades anarquistas, talvez algumas pessoas considerem estes livros úteis. Para mim eles foram.

- Peter Marchell, *Demanding the Impossible: A History Of Anarchism* (Demandando o Impossível: Uma História do Anarquismo), Londres: HarperCollins, 2008
- Freddy Pearlman, *Against His-story, Against Leviathan* (Contra sua História, Contra o Leviatã), Detroit: Black & Red, 1983.
- Christopher Manes, *Green Rage: Radical Environmentalism and the Unmaking of Civilization* (Raiva Verde: Ambientalismo Radical e o Desmantelamento da Civilização), Boston: Little, Brown and Company, 1990.
- Clive Ponting, *A Green History of the World* (História Verde do Mundo), Londres: Penguin Books, 1991.

Prefacio

Existe algo que obceca a muitas ativistas, anarquistas, ecologistas, a muitas de minhas afinidades. Algo que obcecou também a mim. Grande parte da bagagem que arrastamos de nossas subculturas nos faz acreditar que o motivo dessa obsessão não existe, que não se pode ver nem ouvir. Nossas boas intenções para com o mundo nos dizem para não fazermos caso, mas para muita gente, apesar dos melhores esforços (seguindo adiante com o ativismo de cada dia, construindo movimentos de base, vivendo de forma coerente como expressão de ética), apesar de tudo isso, o espectro demanda forma. A imagem esmaecida se faz cada vez mais sólida, mais inevitável, até que o fantasma termina te olhando diretamente nos olhos. E como acontece com muitos monstros das lendas antigas, quando alguém cruza com o seu olhar, acaba petrificado. Torna-se incapaz de se mover. Perde a esperança, se desilude e acaba inativa. Esse mal estar, a paralização, não só atrasa a ação engajada, mas também afeta cada uma das facetas da vida de muitas de minhas amigas e amigos.

O espectro, que muitas tentam não ver, é se dar conta de uma coisa muito simples: o mundo não será "salvo". A revolução anarquista global não

irá acontecer. As mudanças climáticas são irrefreáveis. Não veremos o mundo acabar com a civilização/capitalismo/patriarcado/autoridade. Não acontecerá em breve. É provável que não aconteça nunca. O mundo não será “salvo” nem por ativistas, nem por movimentos sociais, nem por organizações “do bem”, nem por um proletariado global insurgente. O mundo não será “salvo”. Dói se dar conta disso. Ninguém quer que seja verdade, mas provavelmente o é.

Essas revelações, esta perda da ilusão, não deveria nos incapacitar. Se partirmos do princípio de que é uma questão de ‘ou tudo ou nada’ então temos um problema. Muitas amigas têm “abandonado” o movimento enquanto outras continuam colocando em prática antigos costumes com uma tristeza e cinismo que revela sua sensação de que, na realidade, são costumes que não levam a nada. Algumas perambulam pelo âmbito revolucionário criticando a tudo, mas vivendo e lutando muito pouco.

*“Não é o desespero — posso tolerar o desespero.
É a esperança que não tolero’.”*

A esperança de um grande final feliz machuca as pessoas. Ela serve de base para a dor que sentirão quando se desiludirem. Porque, honestamente, quem de nós acredita num final feliz hoje em dia? Quantas foram consumidas pelo esforço que implica se reconciliar com a fé cega de mudar o mundo com a realidade que nos cerca? No entanto, apesar de nos desiludirmos – com a revolução global, com nossa capacidade de parar as mudanças climáticas – isto não deveria alterar nossa natureza anarquista nem o amor que sentimos pela natureza como anarquistas. Ainda assim existem muitas possibilidades para a liberdade e o selvagem.

Quais são algumas dessas possibilidades e como podemos vivê-las? O que poderia significar ser anarquista, ecologista, quando a revolução global e a sustentabilidade socioecológica não são o objetivo principal? Que objetivos, que planos, que vidas, que aventuras permanecem quando deixamos de lado as ilusões e caminhamos pelo mundo já não padecendo a incapacitação gerada pela desilusão, mas sim livres de sua carga?

1. Ainda que pareça incrível não é uma citação de Derrick Jensen mas sim de John Cleese no filme Clockwise de Christopher Morahan, 1986, Londres, Thorn EMI Screen Entertainment.

Capítulo 1:

Não existe futuro (global)

Mitos religiosos: progresso, capitalismo global, revolução global, colapso global.

A ideia de progresso é central para o paradigma ocidental moderno no qual predomina a presunção de que o mundo inteiro se move na direção de um futuro cada vez melhor. A ideia da inevitabilidade ou possibilidade de um futuro libertário mundial surge dessa crença.

Em muitos aspectos, o anarquismo foi e continua sendo a ala libertária do Iluminismo europeu contrário a Deus e ao Estado. Em alguns países como na Espanha do início do século XX, o anarquismo foi o próprio Iluminismo: sua militância cientificista e anticlericalista alcançou o mesmo nível de popularidade que o anticapitalismo. Ainda assim, os resquícios da história não são tão fáceis de superar e os movimentos revolucionários crescentes frequentemente resultam em sua essência, forma e objetivo, na continuidade da religião por outros meios. Para exemplificar, a crença de que a paz e a beleza universais só serão alcançadas através de uma revolta apocalíptica e sangrenta (a revolução, o novo milênio, o colapso) indica claramente que, como ideologia da ilustração, o anarquismo herdou uma grande

carga de suas origens cristãs europeias.

John Gray se referiu ao marxismo como:

"(...)uma versão radical da crença iluminista do progresso, uma mutação da esperança cristã em si mesma. O judaísmo e o cristianismo veem a história como um drama moral cujo último ato é a salvação²."

Ainda que algumas anarquistas nunca tenham caído em tais bobagens, muitas o fizeram e algumas continuam fazendo.

Hoje em dia, tanto as próprias anarquistas como o resto da sociedade, questionam cada vez mais o progresso. Ainda assim, não conheço ninguém que acredite num futuro inevitavelmente anarquista³. Contudo, a ideia de um movimento em escala global que confronte a problemática mundial atual para criar um futuro global tem muitas apóstolas. Muitas delas inclusive são libertárias e veem com esperança a possibilidade de uma revolução anarquista mundial.

O triunfo ilusório do capitalismo após a queda do muro de Berlim levou à proclamação (mais utópica⁴ que real) de uma Nova Ordem Mundial: o sistema capitalista global. A reação de muitas ante a globalização foi repensar-nos desde as bases, a qual se reforçou pela aparição pública, quase simultânea, das zapatistas e a invenção da internet. O que se seguiu foram dias de ação global que, muitas vezes, coincidiram com encontros e que se converteram no foco do suposto "movimento dos movimentos" anticapitalista mundial. A alegria das ruas fez com que muitas evitassem encarar o espectro nos olhos ao focar-se em um "movimento mundial". Mas esse movimento mundial nunca chegou a concretizar-se^{5 e 6}, do mesmo modo que o

2. John Gray, *Al Qaeda and What It Means to Be Modern* (Al Qaeda e o que significa ser moderno). Londres: New Press, 2003, p. 7.

3. Se bem que não conheço pessoalmente ninguém que professe esta ideia hoje em dia, o anarquismo como o telos da história da humanidade segue presente em nossa propaganda. No final de 2006, apareceu o livro que na minha opinião, é a mais bela e acessível obra escrita de introdução ao anarquismo. Nele é dito que "a história da humanidade sempre se dirigiu para a liberdade apesar de todas as imposições de autoridade e o progresso por vir é inevitável. (...) a sociedade se desenvolve naturalmente para assegurar uma vida de bem estar para todos na qual a produtividade coletiva se colocará nas mãos do uso coletivo: anarquismo". Clifford Harper dando sua aprovação ao livro *Base científica do Anarquismo* de Piotr Kropotkin, em Clifford Harper, *Anarchy: A Graphic Guide* (Anarquia: Um Guia Gráfico), Londres: Camden Press, 1987, p. 59.

4. A ideia de novo milênio, implícita no "fim da história", afeta tanto os governos quanto aos governados.

5. Ainda que o dia de ação "global" de 18 de junho de 1999 que, segundo alguns, deu início a este período chamado "carnaval contra o capital" (Carnival Against Capital) pela organização Reclaim The Streets (Reclame as Ruas), existe pouca evidência de que a maioria das pessoas que participou em outros lugares do mundo (especialmente fora do ocidente) se considerassem anticapitalistas, tanto nesse momento quanto nos que se seguiram. A Ação Global dos Povos (People Global Action) – rede principal que serviu de eixo conector entre grupos de anarquistas e ativistas ocidentais e organizações do terceiro mundo – nunca foi realmente tão global, e em geral, exagerou seu alcance.

6. Ao ser tão óbvia a ausência de movimentos mundiais contra o capitalismo, aqueles que ainda conservam

capitalismo nunca foi verdadeiramente mundial. Existem muitos, mas muitos lugares onde as relações capitalistas não são a prática dominante e onde inclusive as anticapitalistas nem sequer existem (muito menos as anarquistas).

No meio da feliz irrealidade deste período de “resistência mundial”, algumas pessoas realmente se deixaram levar: “não temos interesse em reformar o Banco Mundial e o FMI, queremos aboli-los em uma revolução anarquista internacional”⁷. Tais declarações seriam compreensíveis se tivessem sido escritas na embriaguez que se pode sentir ao vencer a polícia, mas não somente se encontram nesses casos. Em um manifesto de uma federação anarquista britânica se afirma: “Dado que o capitalismo controla o mundo, sua destruição deve ser completa e mundial”⁸.

A imagem de um presente global completamente capitalista é quase idêntica à aspiração de um futuro global completamente anarquista.

Meu querido anarquismo: seu potencial e suas limitações

Nós anarquistas somos cada vez mais. Estão surgindo agrupações e contraculturas em países onde quase não existia “anarquistas de movimentos sociais”⁹. Ainda assim a avaliação honesta de nossas forças e possibilidades, somadas àquelas das comunidades e classes às quais pertencemos,

sua fé em algum deles precisam de impressionantes esforços mentais para manter-la. Fazendo de um lado imposições da esquerda autoritária, a principal técnica dentro de nossos círculos é pensar em todas as lutas difusas e movimentos de resistência de caráter pessoal ou coletivo, implícitos a luta de classes, e logo agrupá-los em baixo de um mesmo nome: comunismo, o “movimento dos movimentos”, a multiplicidade; elege-a como desejar. Essencialmente, esse é um exemplo do pensamento mágico: quando se categoriza e se nomeia algo difuso e invisível, se torna real. Depois, a esta coisa que pode designar atributos e podem se projetar desejos e expectativas sobre ela – não surpreende que estes desejos sejam exatamente os mesmos que o sonhador queria ver em um movimento que expressa suas ideias políticas. O fato de que essas instâncias de luta sejam levadas a cabo por pessoas com diferentes crenças, necessidades e desejos, parece não ter importância, já que aparentemente o que conta é a construção ideal e não seu comando real.

7. Andrew Flood, S26 in Ireland and the Origins of the Anticapitalist movement (S26 na Irlanda e as Origens do Movimento Anticapitalista), Workers Solidarity Movement (Movimento de Solidariedade dos Trabalhadores), Irlanda, 13 de setembro de 2000.

8. A Federação Anarquista do Reino Unido, Resistance (Resistência), maio de 2009, p. 4 Estas citações se dão somente para ilustração – você pode encontrar muitas similares por conta própria. Se pertences a alguma destas organizações ou tendências, não tome o que coloco aqui como uma ofensa. Muitas de vocês estão fazendo um grande trabalho e são gente maravilhosa com quem tenho compartilhado risadas e lutas.

9. Utilizo a frase “anarquistas de movimentos sociais” para me referir àqueles de nós que se autoproclamam anarquistas e que se sentem arraigados, de alguma forma, a tradições anarquistas, em sua grande maioria originadas no ocidente. Muitas pessoas viveram (e vivem) uma vida anarquista, sem relação alguma com os movimentos sociais relativamente modernos. Escreverei sobre estes outros anarquistas no capítulo 4, Rotas africanas para a Anarquia.

10. [No original “the new society in shell of the old” – N.d.T.] Na imprensa libertária são bastante comuns as declarações em relação à construção ou ao crescimento de uma nova sociedade “dentro da carapaça da ve-

poderia deixar claro que não estamos criando “a semente da sociedade futura nas entranhas da velha¹⁰” que libertará o mundo algum dia. Imergimos tanto na internet que nos perdemos em uma aldeia virtual (de ativistas) e cada vez é mais fácil esquecer que na terra existem muitos lugares e muitas pessoas¹¹. Querer livrar o mundo das relações sociais capitalistas, ou inclusive da civilização, é uma coisa, poder fazê-lo é outra totalmente distinta. Não estamos em todos os lados, somos pouco comuns.

Ações, círculos de amizade, centros sociais, células de guerrilha urbana, grupos editoriais, ecoguerrilhas, cooperativas de habitação, estudantes, refúgios, incendiárias, famílias, okupas, cientistas, camponesas, grevistas, professores e professoras, comunidades agrícolas, músicas, tribos, quadrilhas, insurgentes devotas e muito, muito mais. Anarquistas podem ser maravilhosos. Podemos ter beleza, autodeterminação e possibilidades aos montes. No entanto, não podemos refazer o mundo inteiro, não somos e nem seremos suficientes.

Há quem argumente que a revolução mundial libertária poderia triunfar sem a participação ou sem maior ajuda de anarquistas declaradas, porque “nossa” quantidade de militantes e recursos é irrelevante. Entretanto, é certo que as crises sociais e revoltas ocorrem regularmente nas sociedades baseadas na guerra de classes, colocar nossa fé no “impulso revolucionário do proletariado” é quase como dizer que “no final, tudo ficará bem”.

Desgraçadamente, na história há muito pouca evidência de que a classe trabalhadora esteja predisposta a uma revolução libertária ou ecológica – muito menos o resto da sociedade – milhares de anos de socialização autoritária favorecem a dominação¹².

Nem nós nem ninguém pode criar um futuro libertário e ecológico da sociedade mundial através da mera expansão dos movimentos sociais. Mas ainda, não há razão para pensar que sem uma expansão destas dimensões, pode chegar a existir uma transformação da sociedade mundial que concorde com nossos desejos. Como anarquistas não somos “a semente da socieda-

lha”. Crê-se que a origem dessas frases é o velho preambulo centenário da constituição da IWW (Industrial Workers of The World): Se nos organizarmos a nível industrial, estamos formando a estrutura da nova sociedade dentro da carapaça da velha”.

11. Claro que a Internet conecta gente do planeta inteiro, mas a maioria terminamos escutando mais que nada a gente igual a nós mesmos: “terminamos dentro destas bolhas e filtros (...) em que vemos gente que já conhecemos. Tendemos a não enxergar a perspectiva geral”. Ethan Zucker-man, Listening to Global Voices (Escutando as Vozes do Mundo), TED (www.ted.com).

12. Down with Empire, Up with Spring! (Abaixo ao Império, Viva a Insurreição!). Te Whanganui a Tara/Wellington: Rebel Press, 2006, p.74.

de futura nas entranhas da velha", senão simplesmente outro dos muitos elementos que formam o futuro. Quando nos enfrentamos com tal escala de complexidade existe certo valor na humildade não servil, inclusive quando se trata de insurgentes. A revolução não está em todos os lados, nem em nenhum lugar. Qualquer biorregião pode ser libertada por meio de uma sucessão de eventos e estratégias baseadas nas condições que lhes são particulares, especialmente quando a civilização retrocede intencionalmente ou perde o controle graças aos esforços das habitantes. (...) A civilização não triunfou em todos os lados e, da mesma forma, seu desmantelamento só ocorrerá em vários níveis, em distintos lugares e em diferentes tempos¹³.

Inclusive, mesmo que uma área se encontre, aparentemente, sob o controle absoluto da autoridade, sempre haverá lugares onde se pode ir para viver, para amar e para resistir a partir dali. Podemos expandir esses lugares. A situação mundial pode parecer fora do nosso alcance, mas a realidade local nunca está. Por sorte, o fato de que somos anarquistas não nos torna completamente impotentes nem potencialmente onipotentes.

Da globalização às mudanças climáticas

Para muitas de nós, a perda de ímpeto do movimento antiglobalização¹⁴ implicou na queda da ideia de mudança mundial e seu otimismo religioso. Porém, nos últimos anos, outra tentativa de reviver um "movimento mundial" apa-

13. Seaweed, Land and Liberty: Toward an organically self-organized subsistence movement (Terra e Liberdade: A um movimento de subsistência autogestiva e orgânica), 'Occupied Isles of British Columbia' (As Ilhas Ocupadas da Columbia Britânica): Publicação Autônoma, 2002. Disponível online: (www.anti-politics.net/distro).

14. Somos derrotados nas ruas pela polícia, esmagados pela rotina, infiltrados pela esquerda, intimidados pelas enormes sentenças a prisão, eclipsados pela insurgência do Islam e as guerras ocidentais de invasão, diluídos ao submergirmos no movimento antibélico e logo debilitados por seu fracasso. Algumas lutas chave resultaram em certa medida vitoriosas (o desenvolvimento das sementes GM Terminator foi estancado e as negociações da OMC se impodiram), muitos migraram para frentes mais vantajosas (ou dramáticas), e muitos foram levados para além do geralmente aceitável. Muitos se consolidaram no local e abandonaram ilusões sobre as massas e sobre o espetacular. Miríades de problemas "não políticos e da vida cotidiana existem (filhos, mudanças geracionais, depressão, morte e trabalho) que tão pouco se pode subestimar.

15. Além de estarem irremediavelmente eurocentrado este foi seguramente outro exemplo básico de pensamento mágico. Seria interessante nos questionarmos se a equação que conclui Copenhague = Seattle houvesse sido igual em popularidade, se o primeiro tivesse ocorrido próximo ao aniversário de Seattle no lugar de X, tão numericamente elegante.

receu de novo entre nós, desta vez apoiando-se nas mudanças climáticas.

Muitas articularam a mobilização durante a Conferência Sobre Mudanças Climáticas das Nações Unidas em Copenhague como se fosse a nova Seattle¹⁵, alguns grupos aclamavam estar “construindo um movimento global para solucionar a crise climática¹⁶”.

O Greenpeace, por exemplo, disse que:

(...) as mudanças climáticas são um problema público mundial. Para solucioná-lo são necessárias ações coletivas a nível global. (...) Não temos outra alternativa além de construir um movimento de base mundial, pressionar aos políticos e forçar as corporações e bancos para que mudem de rumo¹⁷.

Darei por certo que vocês, leitoras e leitores, entendem a irre realidade ingênua de tais “grupos de pressão”, mas vale a pena prestar atenção nessas tendências ao analisar campanhas menos institucionalizadas contra as mudanças climáticas. Existem três tendências principais por onde muitas costumam transitar erráticamente.

Primeiro estão as que têm crenças similares as do Greenpeace (entendendo a “ação direta” como estratégia de conscientização ou grupos de pressão cidadã). Em seguida, estão as que usam o discurso das mudanças climáticas para alentar mobilizações locais que, ainda que provavelmente não tenham efeito algum sobre as mudanças climáticas, pelo menos mantêm objetivos práticos e realizáveis, como, por exemplo, parar a destruição de um ecossistema determinado, o empobrecimento da qualidade de vida¹⁸ de uma comunidade, ou simplesmente aumentar a capacidade de auto-gestão¹⁹.

Por fim, estão as anticapitalistas nostálgicas que concebem “a justiça climática” como a metamorfose do imaginário “movimento alter-globalização”²⁰ (nota-se que a expressão “antiglobalização” tem caído em desuso).

16. A jornada de 10 de Outubro de 2010, organizada por 360.org engendrou mais de 1600 eventos em 135 países, em grande parte do tipo quase ritual “plantar árvores/trocar lampadas”, ainda que também muito apropriadamente, com a opção de realizar “trabalhos de fé”.

17. John Sauven – diretor executivo do Greenpeace no Reino Unido, “A ação coletiva mundial é a chave para solucionar o problema da mudança climática”, Guardian, 16 de fevereiro de 2010, p. 33.

18. Ver a desocupação deprimente do acampamento solidário Mainshill (Mainshill solidarity camp) ou a vitoriosa campanha do Acampamento Climático (Climate Camp) contra a expansão do aeroporto de Heathrow.

19. Alguns dos grupos aliados ao Movimento em Transição seriam os exemplos mais óbvios, pelo menos nas Ilhas Britânicas.

20. Ver Tadzio Miller e Ben Trott, “Como institucionalizar a massa?” (How to institutionalize a Swarm?) www.zeitschrift-luxemburg.de/?p=412.

Um escritor anônimo descreveu muito bem essa última tendência:

[Quando as ativistas] tentam nos convencer de que esta é “a última oportunidade de salvar o planeta” (...) o fazem com a intenção de construir movimentos sociais. (...) Nos últimos anos, nos círculos radicais, ronda uma tendência crescente e perturbadora baseada na ideia de que um positivismo cego pode conduzir a vitórias interessantes e inesperadas. Os livros de Michael Hardt e de Tony Negri trouxeram algumas bases teóricas para sustentar essa afirmação; algumas pessoas as adotaram para unir as massas sob a bandeira da precariedade, organizar as imigrantes e criar mobilizações durante os encontros. Para muitas da tradição esquerdista foi a mensagem de esperança que estavam esperando ouvir em tempos em que sua ideologia parecia mais débil que nunca. (...) As teóricas, que supostamente compreendem ao capitalismo o suficiente, escrevem que o momento das liberdades para todos e uma renda básica universal são objetivos realizáveis. É possível que nem mesmo acreditem no seu próprio discurso; ainda assim, se esforçam para inspirar a outras para que o façam, argumentando que os “excessos” gerados por esses sonhos utópicos originarão movimentos potentes para mudança. A mudança climática (...) é, sem dúvida, o laboratório experimental adequado para políticas de esperança pré-fabricadas, às quais somos alheias. No entanto, enquanto os políticos (aqueles dinamizadores, não autoritários) assistem como prosperam seus partidos, ainda existem razões para viver no mundo real²¹.

As novas referências se parecem com as antigas. Tanto umas quanto outras consideram que um futuro global só será possível se nos organizar-

21. “Agora estás fodido” (You are Now Fucked), Natterjack Press, (www.natterjackpress.co.uk/menu/downloads.php). O título se refere a um panfleto do Climate Camp, que na capa continha somente o texto “Você Não está fodido” (You are not Fucked).

22. Ao menos, supostamente que a mudança climática alcance uma das possibilidades para o fim do mundo, bem assinaladas por Mark Lynas na sua descrição da extinção durante o período Pérmico Tardio. Essa é uma possibilidade... Mark Lynas, Seis Graus: Nosso futuro em um planeta quente. (Six Degrees: Our Future on a Hotter Planet) Londres: HarperCollins, 2007, p. 243.

mos. Porém, de fato, – seja dentro dos ecossistemas em geral, como no espírito das pessoas em particular – não há um único futuro mundial possível²² e nenhuma comunidade imaginária, tanto estatal como “popular” (ou as duas juntas como proposto na conferência de Cochabamba)²³, pode deter a mudança climática.

Dada nossa óbvia incapacidade de refazer o mundo inteiro a nossa maneira, alguns substituem o mito da “revolução mundial” pela crença em um “colapso mundial” iminente, hoje em dia uma combinação de mudança climática e pico do petróleo. Como veremos mais adiante – tanto nos capítulos seguintes – como nos anos que virão – o aquecimento global trará um sério desafio à civilização em algumas áreas e a aniquilará em outras. Apesar disso, em algumas regiões, certamente, se darão as condições necessárias para que a civilização se propague. Alguns lugares se manterão (relativamente temperados), tanto climatológica como socialmente. Da mesma forma que a civilização, a anarquia e as anarquistas serão seriamente desafiadas; às vezes aniquiladas. As possibilidades – para a liberdade e para a vida selvagem – aparecerão e desaparecerão. A desigualdade que caracteriza o presente será aprofundada. Não haverá um futuro global.

21. A Conferência Mundial dos Povos sobre a Mudança Climática e Direitos da Mãe Terra foi organizada e patrocinada pelo governo boliviano. Para uma boa crítica desde a perspectiva anarquista, ver: Dariush Sokolov, Cochabamba: mais que complexo – Orgulho anarquista (Cochabamba: Beyond the Complex – Anarchist Pride), Shift Magazine No. 9, 2010. Uma aproximação um pouco mais profunda – se ainda restam dúvidas- pode ser encontrada no Coletivo Criando Pontes, Espaço para o movimento? Reflexões da Bolívia sobre a justiça climática, movimento social e o Estado. (Building Bridges Collective, Space for Movement? Reflections from Bolivia on climate justice, social movements and the state). Bristol: Self Published, 2010.

Capítulo 2:

É mais tarde do que acreditamos

A mudança climática será mais rápida do que o esperado.

Algo recorrente no ambientalismo é que, apesar de parecer que o apocalipse está logo ali na esquina, sempre há tempo para solucioná-lo. Cada nova geração parece ter uma última oportunidade para salvar o planeta. O biólogo Barry Commoner disse em 1970: “Estamos num período de graça, temos tempo – talvez uma geração – para salvar o meio ambiente dos efeitos finais do dano que lhe temos causado¹.” Hoje em dia se ouvem declarações similares, mas, o mais seguro é que o período de graça tenha terminado. Em 1990, os editores da revista *The Ecologist* publicaram uma avaliação geral do estado da terra em 5000 dias para Salvar o Planeta (5000 days to Save the Planet).

É dito que nosso planeta está em crise, que estamos destruindo-o e contaminando-o até provocar uma catástrofe mundial. (...) É possível que

1. Citado em, Christopher Manes, *Ira verde: Ambientalismo radical e o desfazer a Civilização.* (Green Rage: Radical Environmentalism and the Unmaking of Civilisation), Boston: Little Brown and Company, 1990, p. 25.

nos restem nada mais que quinze anos, um período tão curto como 5000 dias para salvá-lo. (...) Uma das maiores preocupações que surgem desde a teoria de Gaia é que estamos forçando os processos naturais para além de sua capacidade de manter uma atmosfera apta para a sobrevivência das formas de vida mais complexas. Uma vez superado esse limite, o sistema pode mudar gerando um ambiente novo que seria extremamente inóspito para a vida tal qual a conhecemos. Uma vez desencadeada, a mudança para a nova condição poderia se desenvolver em grande velocidade².

Em 2005, a contagem regressiva imaginada no título havia chegado a zero e o criador da teoria de Gaia, James Lovelock, estava escrevendo A Vingança de Gaia, onde expunha que, provavelmente, a Terra Vivente (Living Earth) estava mudando de forma irreversível para uma condição mais quente. Lovelock chegou a essa conclusão ao comprovar que os dados científicos da mudança climática estavam ultrapassando o que antecipavam a maioria das previsões. Quando se dirigiu à Sociedade Real Britânica, disse:

A retroalimentação positiva do aquecimento pelo derretimento do gelo flutuante do Ártico e da Antártida está gerando, por si mesma, uma aceleração do aquecimento sistêmico, cujo total logo será – ou talvez já seja – maior que o produzido por toda a contaminação de CO2 gerada até agora. Isto sugere que a implementação do tratado de Kyoto, ou algum “super Kyoto”, dificilmente tenha êxito. (...) Devemos entender que o sistema terrestre está agora em retroalimentação positiva e está indo inevitavelmente a um estado quente estável, como o dos climas do passado³.

Defender publicamente a energia nuclear⁴, duvidar que os parques eólicos sejam a panaceia e as claras declarações de que a mudança climática é provavelmente inevitável a essa altura, fizeram Lovelock pouco popular entre os ambientalistas já que sua mensagem se desvia da corrente geral. É pouco conveniente que tenha tão boa reputação científico-ambiental. Como

2. Edward Goldsmith et al, 5000 dias para Salvar o Planeta. (5000 Days to Save the Planet), Londres: Hamlyn, 1990.

3. James Lovelock, A mudança climática na Terra Vivente (Climate Change on the Living Earth) Conferência na Royal Society, 29 de outubro de 2007.

4. Sua posição pró-nuclear só é prática de uma postura pró-civilização como a sua. Não se trata de afirmar que a energia nuclear é a solução para o aquecimento global – o qual considera já inevitável – considera que a fissão nuclear e, eventualmente, a fusão nuclear são as únicas tecnologias capazes de “manter as luzes acesas” enquanto a civilização retrocede. Como minha perspectiva é a de alguém que quer que as luzes se apaguem, posso entender a lógica por trás dos seus argumentos, mas, não tenho porque estar de acordo com sua postura nem rechaçar seus argumentos mais amplos por desejar exatamente o contrário.

bom erudito, durante seus noventa anos trabalhou em muitos âmbitos. Principalmente, foi o inventor do detector de captura de elétrons que tornou possível a descoberta do buraco na camada de ozônio, que permitiu que Rachel Carson escrevesse seu livro *Primavera Silenciosa* (*Silent Spring*)⁵. Sua hipótese de Gaia, a princípio herética, de uma Terra Vivente e autorregulada, é agora amplamente aceita sob o título de Ciências do Sistema Terra (*Earth System Science*). Tem defendido durante muito tempo a expansão da terra selvagem e apoiado ações de defesa ecológica. É um ávido caminhante e até levou adiante pessoalmente uma campanha sobre o direito de perambular livremente já nos anos 1930! Seus detratores, em geral, admiram seu trabalho pela sua qualidade de pioneiro, mas dizem (discriminando-o pela sua idade) que ficou um pouco louco. Mas o verdadeiro problema é que desenvolveu toda sua carreira profissional sob nenhuma ideologia em particular e sem depender do financiamento de ninguém. Por isso, tem a capacidade de dizer o que tantos membros de instituições científicas e ambientais pensam, mas temem dizer em público. Lovelock acredita que uma grande variedade de fatores contribuiu para que se subestime o alcance dos efeitos produzidos pela humanidade sobre o planeta.

Os fatores, entre outros, são:

- Mudanças tão rápidas e complexas que impedem que os programas de investigação e publicação possam seguir seu ritmo.
- A não compreensão da Terra como um organismo vivo, um sistema dinâmico e autorregulado.
- A falta de trabalhos multidisciplinares devido à compartimentação acadêmica.
- As pressões governamentais sobre os informes do IPCC⁶.
- O possível encobrimento do aquecimento atual pelo obscurecimento em escala global⁷.

5. Provavelmente o livro que impulsionou ao movimento ambientalista (mais que ao conservacionista).

6. Não é tanto a ciência em si o que está em discussão aqui, quanto a forma como aparece nos sumários dos legisladores, a redação e edição como resultado da formação governamental. Outros no campo da ciência também pediram maior independência dos governos: IPCC: Amá-lo, trocá-lo ou descartá-lo? (IPCC: it, tweak it or scrap it?), em *Nature*, 11 de fevereiro de 2010.

7. A contaminação industrial aumentou as partículas de aerossol na atmosfera e acredita-se que essas partículas refletem a luz solar do espaço aumentando a formação de nuvens. Se amanhã alguém pudesse deter completamente a indústria mundial de alguma forma, este efeito de obscurecimento global desapareceria e a temperatura da superfície poderia aumentar significativamente quase de imediato. Isto colocaria em marcha mecanismos de retroalimentação, gerando monstruosos aumentos nos gases estufas de origem não artificial. Lovelock acredita que por essa razão estamos vivendo num clima "sem saída": condenado se fazemos algo e condenado se não fizermos nada. Aqui esbocei uma imagem muito simples (e portanto, imperfeita) de um processo muito complexo. Para uma explicação melhor da teoria, ver Meinrat Andreae et al. O resfriamento por forte aerossol da atualidade implica num futuro mais quente (*Strong present-day aerosol cooling implies a hot future*, em *Nature*, 30 de junho de 2005. Para uma introdução mais acessível – ainda que sim-

Excede ao objetivo deste texto dar um resumo geral do pensamento Lovelockiano, bem como sobre o resto das investigações sobre o aquecimento global. Parte da natureza do problema é que, no momento em que estiver lendo isto, a ciência terá avançado consideravelmente. Caso se interessem, deem uma olhada nas fontes que citei e ampliem sua leitura. Não obstante, apesar da variação observada nos detalhes, grande parte da ciência está de acordo de que é mais provável que estejamos nos dirigindo inevitavelmente a uma terra consideravelmente mais quente, e que isso está acontecendo rápido. Observações recentes nos colocam em uma posição muito mais avançada de que a maioria de nós pensava faz uns poucos anos: inclusive décadas mais avançada. Junto com a inércia de reduzir as emissões de carbono, as possibilidades que temos de “frear” as mudanças climáticas massivas são provavelmente muito poucas.

Enquanto ONGs seguem balbuciando sobre deter os graus de aumento da temperatura, os climatologistas estão cada vez mais de acordo com a previsão de um aumento de 4 graus até o fim do século, ou até mesmo até 2060⁸. E este não é o cenário mais pessimista. O informe de 2007 do IPCC fez previsões de um aumento entre 2 e 6.4°C neste século. Seu ex-presidente, Bob Watson, advertiu que “o mundo deveria estar trabalhando em estratégias de mitigação e adaptação para um aquecimento de 4°C”⁹. O panorama de Watson já é bastante ruim, mas Lovelock vai um pouco além e cita uma quantidade de mecanismos de retroalimentação que, ele acredita, já estão nos levando a um estado mais quente, dos quais o derretimento do gelo oceânico mencionado anteriormente é o mais conhecido. Que aspectos pode alcançar esta nova condição mais quente?

plista e um pouco antiga – do conceito de obscurecimento, assista o documentário da BBC *Obscurecimento Global (Global Dimming)* de 2005 (www.bbc.co.uk/sn/tvradio/programmes/horizon/dimming_trans.shtml). O efeito máscara é aceito amplamente mas seu alcance real ainda é desconhecido. Por exemplo, os modelos que resultaram de um estudo de 2008 do Met Office Hadley Center, mostram mudanças modestas ou melhor aumentos severos da temperatura resultantes da remoção da neblina de aerossol. De qualquer modo, “é muito possível que atualmente o resfriamento por gases aerossol esteja suprimindo em grande medida o efeito estufa”. Peter Stoff et al. “A mudança observada reduz as possibilidades de um futuro aquecimento global extremo” (*Observed climate change constrains the likelihood of extreme future global warming*), em: *Tellus B*, 60: p. 76-81, 2008. Entre os defensores da geo-engenharia planejada, tem se popularizado a ideia do aumento do obscurecimento global despejando sulfatos na estratosfera... Vale a pena destacar que para o momento em que leiam isso, possivelmente muitos dos avanços científicos terão sido superados.

8. Procedimentos da conferência de setembro de 2009, *4 Graus e Além: Implicações das mudanças climáticas de mais de 4 graus para as pessoas, ecossistemas e o Sistema Terra*, planejado em conjunto pela Universidade de Oxford, o Centro de Investigações sobre a Mudança Climática de Tyndall e o Centro Hadley da Met Office, www.eci.ox.ac.uk/4degrees.

9. Citação de Bob Watson no “Como sobreviver ao século que vem” (*How to survive coming century*), *New Scientist*, 25 de fevereiro de 2009.

Algumas conjecturas:

- Haverá desertos quentes que se expandirão sobre grande parte do sul do planeta e pelo centro e sul da Europa.
- Haverá desertos frios que se retrairão no norte do planeta, para deixar terras novas nas fronteiras da Sibéria, Escandinávia, Canadá, Groenlândia, Alaska e inclusive, em certa medida, em parte da Antártida.
- Tentativas massivas de migração das zonas áridas para as zonas ainda habitáveis.
- Morte massiva de seres humanos junto com a extinção acelerada das espécies.

Lovelock o coloca em termos bem mais bruscos:

Os humanos se encontram em uma situação bastante difícil, e não creio que sejam suficientemente astutos para manejar o que vem pela frente. Creio que vão sobreviver como espécie, mas a matança neste século será enorme (...) a quantidade que restar ao final do século será provavelmente um bilhão de pessoas, ou menos¹⁰.

Claro que não sei se esta será exatamente a imagem do presente e do futuro da mudança climática. A verdadeira complexidade do sistema Terra (e as dinâmicas sociais humanas que existem nele) provavelmente está além da nossa compreensão (definitivamente estão além da minha) e estes modelos não devem ser confundidos com a realidade. Minha intuição (que é tudo o que se pode ter na intenção ilusória de descrever o futuro) é que a imagem que descrevi é uma aproximação razoável. Pode ser que você não esteja de acordo, mas lhes pediria que a tenham em conta já que é uma possibilidade que vale a pena considerar. Essa intuição está cimentada tanto na crítica anarquista do capitalismo como na leitura científica climatológica.

Se olho ao meu redor vejo um belo dia ensolarado e o brilho das folhas das árvores, mas não há indícios de que a sociedade na qual vivi possa solucionar um problema da magnitude e complexidade implicado nas mudanças climáticas. Sinto que a grande questão que é preciso ser feita não é se chegará o mundo descrito acima, mas sim quando.

10. Citação em "Como sobreviver ao Século que vem" (How to survive coming Century), New Scientist, 25 de fevereiro de 2009.

Lovelock propõe seriamente que tal mundo, ou para ser mais correto, tais mundos, surgirão ao final deste século. Talvez leve mais tempo, mas de qualquer forma pode ser uma vantagem ter em conta estas mudanças na hora de planejarmos o que queremos alcançar com nossas vidas.

Para sermos claros, não estamos falando de um apocalipse milenar, ainda que se sintam assim as pessoas que vivem alguns de seus momentos mais terríveis ou excitantes. Estamos falando de uma mudança massiva e acelerada. James Hansen (NASA) comenta:

Se quisermos preservar um planeta similar àquele em que se desenvolveu a civilização e ao qual se adotou a vida, as evidências paleolíticas e a presente mudança climática sugerem que o CO2 deverá ser reduzido dos 385 ppm presentes para 350 ppm, no mínimo¹¹.

O mais provável é que isso não aconteça. O nicho ambiental em que a civilização (urbana, com divisão de classes e sustentada pela agricultura) se desenvolveu está desaparecendo e com ele provavelmente desaparecerão muitos de seus cidadãos. E existem muitos, muitos cidadãos.

Os terrenos fantasmas alimentam a explosão demográfica

O crescimento do capitalismo industrial foi acompanhado de um vasto incremento da população humana. Na atualidade, somos aproximadamente sete bilhões, em comparação com os 600 milhões do início do século XVIII. Este salto aconteceu em tão somente 13 gerações¹² e isso, em grande parte, não foi acidental. Silvia Federici expôs claramente que um dos fundamentos-chaves para o começo do capitalismo foi a destruição do controle da mulher sobre sua própria fertilidade.

11. James Hansen, citado por Bill McKibben em *A Última Chance da Civilização* (Civilizations Last Chance), Los Angeles Times, 11 de maio de 2008.

12. Em contraste, estima-se que a população mundial de caçadores e coletores da pré-história foi de menos de 10 milhões durante quase as 60.000 gerações de homo sapiens. Gerald Marten, *Ecologia Humana* (Human Ecology), Londres: Earthscan Publications, 2001), pp. 26-38.

13. "Sejam prósperos e multiplicai-vos, e povoem a terra, e a submetam: e governem sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu, e sobre todas as bestas que se movem sobre a terra." – A Bíblia, Genesis 1:28.

Os ventres se converteram em território público controlado pelo homem e o estado e a reprodução foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista.

Ainda que tenha sido o capitalismo que o impôs e permitiu essa expansão massiva, o fez seguindo uma antiga tradição de civilizações¹³, só que desta vez amplificada através da tecnologia.

Nasci em meados de 1970, quando a população humana era de 4 bilhões; para o dia em que eu morrer (não antes de 2050, espero) a ONU calcula que a população na terra superará os 9 bilhões¹⁴. De qualquer forma, estas previsões assumem que haverá mais do mesmo. Se isto acontecerá ou não, depende de três fatores estreitamente relacionados: controle de natalidade, controle de mortalidade e recursos alimentares.

Apesar dos decretos de patriarcas de cultos como o Papa, a maioria da população utiliza cada vez mais métodos contraceptivos para limitar o crescimento familiar. A contínua luta que nos permite fazê-lo é uma batalha chave, e é uma batalha em que muitas anarquistas – entre outras – têm se organizado¹⁵. Contudo, a difusão dos contraceptivos – e, de maneira mais ampla, a luta pela libertação da mulher¹⁶ – não deterá a provável duplicação da população mundial durante o tempo de vida da minha geração. Tendo em conta que a redução da família nuclear é a norma em grande parte do planeta, a habilidade da medicina industrial e as medidas higiênicas são agora chaves fundamentais para controlar a mortalidade. A população humana – ao menos nas projeções que contemplam a manutenção do status quo – continuará crescendo até 2050 pelo menos, sempre que as pessoas

14. Previsões sobre a população mundial: Revisão de 2008 (World Population Prospects: The 2008 Revision), Divisão de População do Departamento de Economia e Assuntos Sociais da Secretaria das Nações Unidas, junho de 2009.

15. A atividade dos "novos movimentos sociais" anarquistas e feministas desde a década dos 1960 em diante é relativamente bem conhecida, mas a participação anarquista nas lutas pelo controle da natalidade se dá muito antes. Emma Goldman que entre muitas outras coisas foi enfermeira e parteira, foi uma de suas mais conhecidas defensoras e para muitas das militantes anônimas do movimento, o controle de natalidade foi parte significativa de suas agendas. Este é um assunto de interesse para a luta de classes tanto como o é para a libertação da mulher. Como Emma Goldman proclamava: "As grandes famílias são uma cruz sobre os ombros da classe trabalhadora!" A seguinte citação refere-se aos anarquistas franceses do início do século XX, ainda que poderia servir a muitos outros países: "o Anarquismo pode ser considerado como sua apoteose, e o "neomalthusianismo" (planejamento familiar), a educação, e o antimilitarismo foram áreas de atividade válidas e necessárias para os anarquistas que lutavam por uma revolução social total." – David Berry, "História do movimento anarquista francês: 1917 – 1945", (A History of the french anarchist movement: 1917 – 1945) Oakland: AK Press, 2009, p. 26.

16. Ver: George Bradford, "Liberdade da Mulher" (Woman's Freedom) em: "Quão profunda é a Ecologia Profunda?" (How deep is Deep Ecology?), Detroit: Fifth Estate, 1989.

que vivem hoje alcancem uma expectativa de vida esperada e tenham o número esperado de filhas.

Porém, não temos que esperar até lá para superar a capacidade de carga do planeta (a população máxima que ele é capaz de suportar de forma permanente) já que, provavelmente, é algo que já temos feito. A civilização industrial tem se organizado para aumentar o fornecimento de alimentos por meio da colonização de mais e mais terra selvagem para uso agrário, e para o desenvolvimento da “revolução verde”¹⁷ com sua agrotecnologia e meios de transporte dependentes de combustível fóssil. Por definição, a agricultura industrial depende da exploração de “terrenos fantasmas”¹⁸ (combustíveis fósseis) para produzir alimentos no ritmo atual. Isto só pode ser temporário já que, ao menos que você acredite no mito da abundância de recursos ilimitados (e viva ao deus-dará), em algum momento a caça ao petróleo renderá apenas mãos vazias. Quando acontecerá isso ninguém sabe, ainda que muitas digam que já passamos do pico do petróleo. Algumas argumentam que as células de hidrogênio, a energia solar, a engenharia genética, a nanotecnologia e a “praga verde”^{*} poderiam evitar o colapso populacional de alguma maneira. Estes apóstolos do desenvolvimento se parecem cada vez mais com os cultos “cargo”[†] em sua crença de que a tecnologia desenvolvida pelo mercado (no caso do capitalismo) ou pelo estado (no caso do socialismo) nos proverá de tudo o que é necessário. Diante da improvável chance disto acontecer de fato e que a provisão de alimentos se mantenha de acordo com o crescimento populacional, a natureza altamente regulada dessa produção e distribuição implicará em uma “provisão de liberdade” (tanto para humanos como para os animais) cada vez mais escassa.

Definitivamente, a população humana crescente necessita de combus-

17. Para uma introdução decente aos problemas relacionados a revolução verde ver: Vandana Shiva, “Monoculturas da mente: Perspectivas sobre Biodiversidade e Biotecnologia (Monocultures of the mind: Perspectives on Biodiversity and Biotechnology) Londres: Zed Books 1998.

18. William R. Catton Jr. “Falha do tiro: Os fundamentos ecológicos da mudança revolucionária” (Overshoot: The Ecological Basis Of Revolutionary Change), Illinois: Editorial da Universidade de Illinois, 1982, p. 38.

* - “Praga verde” (Green goo) é um jogo de palavra com “praga cinza” (Grey goo), que se refere a um hipotético fim do mundo causado pela nanotecnologia molecular. Segundo essa hipótese, um conjunto de robôs se auto-replicariam sem controle consumindo toda matéria viva na Terra. Neste caso, com “praga verde” se insinua a redução deliberada da população por meio da proliferação controlada de micro-organismos ao invés de nano-robôs (Fonte: Wikipédia: Praga Cinza). [N. de tradução]

† - O termo “cultos cargo” se refere a um conjunto de movimentos religiosos que apareceram entre as tribos da Austrália e Melanésia, em especial na Nova Guiné – após seu contato com o mundo ocidental euro-referenciado. O coração dos cultos cargo é a crença em que os produtos ocidentais – a carga ou carregamento – que chegaram às ilhas eram na verdade uma criação de espíritos divinos destinadas ao benefício dos nativos (Fonte: Wikipédia: Cultos Cargo). [N. de tradução]

tível fóssil para sobreviver. A maioria de nós come basicamente petróleo e as enfermidades são controladas principalmente através de tecnologias dependentes de grandes quantidades de energia. Esta é outra razão porque duvido da capacidade de ativistas, ou do Estado, para convencer a sociedade a abandonar o combustível fóssil. Parece irreal, mas, ao menos para bilhões de pessoas, o fim da importação de recursos do passado pela humanidade significaria uma vida muito mais curta.

Em um mundo significativamente mais quente, a mortalidade massiva de pessoas é uma possibilidade, mesmo sem aceitar a ideia do pico de petróleo. Quando o terceiro mundo se tornar mais quente e mais pobre, as importações petroquímicas necessárias para manter a produção estarão fora do alcance dos agricultores, mesmo que os combustíveis fósseis ainda não tenham sido esgotados. Pior ainda, enquanto a agricultura industrial aumentou a capacidade de carga da Terra temporariamente, no processo de implementação, grande parte da terra "produtiva" foi desertificada e, sem a aplicação de fertilizantes, agora seria incapaz de produzir a quantidade de comida que poderia produzir originalmente. Mesmo aqueles sulistas sortudos o suficiente para conseguirem acesso ao combustível fóssil, perceberão que suas poções mágicas perderão seu poder quando o solo secar, cozinhar e for arrastado pelo vento. Com uma nutrição insuficiente e falta de medicinas, as enfermidades levarão embora grande parte das pessoas esfomeadas.

É bom imaginar que os países em que ainda pudesse ser possível produzir quantidades consideráveis de comida (em parte graças às condições melhoradas de cultivo – mais sobre isso adiante) a oferecessem aos demais, mas eu não me iludiria tanto: hoje em dia já passa fome um bilhão de pessoas no mundo¹⁹. Mais que a espetacular e massiva morte de comunidades inteiras, aumentará a mortalidade infantil e produzirá um decréscimo na expectativa de vida em geral. Contudo, o capitalismo teve desde o começo a peculiar característica de permitir – e causar – que milhões morressem de fome (como aconteceu na Irlanda), de forma cada vez mais sangrenta. Mike Davis nos recorda um exemplo bastante esquecido quando escreve (em *Os Holocaustos do Período Vitoriano Tardio*) sobre os 30 a 60 milhões de pessoas que no final do século XIX morreram de inanição "não por estarem fora do 'sistema mundial moderno', mas sim justamente pelo processo de serem incorporadas pela força em suas estruturas econômicas e políticas"²⁰. Ao longo do século seguinte,

19. "Os famintos do mundo chegam a um bilhão" (World hunger hits one billion), BBC (www.news.bbc.co.uk/1/hi/world/europe/8109698.stm), 19 de junho de 2009.

20. Mike Davis, "Os últimos holocaustos do período vitoriano: A fome de El Niño e a criação do Terceiro Mundo" (*Late Victorian Holocausts: El Niño Famines and the making of the Third World*) Londres: Verso, 2001, p.9.

houve ondas de fome similares, muitas delas dirigidas pelos Estados socialistas, estes esforçados aprendizes do império britânico.

Seria utópico e desesperador pensar que a fome pode ser erradicada da condição humana, mas a realidade de hoje é que muitas pessoas morrem de fome enquanto outras, nessa mesma sociedade, engordam. A fome é a linguagem da guerra de classes. O poder pode adquirir muitas formas; no futuro a fome provavelmente terá entre as mais pobres a forma da violência de gênero, da mesma forma que acontece atualmente²¹.

Ainda que a densidade demográfica e os padrões de consumo industrial estejam estreitamente relacionados, não aprofundarei aqui sobre sua contribuição para o aquecimento global. Hoje, a população – mundial e local – é um obstáculo para qualquer "descarbonização" significativa. Amanhã, a presente incapacidade do capitalismo para controlar seu vício em combustíveis fósseis implicará num colapso populacional em massa.

A mudança climática nos traz possibilidades, mas também limitações

O aquecimento global, o crescimento populacional e o pico do petróleo, entre outras limitações ambientais, provavelmente não sejam o apocalipse que acabará com o império do Estado e do Capital em todo o mundo. Provavelmente, o colapso mundial se encontre tão longe quanto a revolução mundial. Por outro lado, isto também determina a improbabilidade de um mundo sob o domínio absoluto do capital que abranja toda relação entre seres e coisas. O projeto ocidental da expansão cultural está enfrentando seus próprios limites. Como parte dele, os movimentos libertários que o capitalismo veio arrastando atrás de si também enfrentam os limites reais da expansão do anarquismo. Mas assim como a realização de um mundo unido pelo anarquismo se torna impossível, outras possibilidades para outros mundos – novos e antigos ou algumas anarquias – aparecerão por todas as partes. Algumas destas possibilidades se abrirão por meio do conflito, outras serão destruídas por ele.

21. Neste caso a garota, por exemplo, se encontra em um centro de alimentação da Etiópia. O lugar inteiro estava repleto de garotas como ela. O mais interessante é que seus irmãos, da mesma família, se encontravam perfeitamente saudáveis. Na Índia, desde que nascem até o primeiro ano de vida, os meninos e meninas que dependem do peito materno têm praticamente a mesma taxa de sobrevivência, já que o peito materno não faz nenhuma distinção de gênero. Desde o primeiro ano até os cinco anos, em toda Índia, as meninas morrem a um ritmo 50 vezes maior que os meninos. — Sheryl WuDunn, *Our century's greatest injustice* (A maior injustiça deste século), Julho de 2010. (www.ted.com).

A natureza intrínseca do Estado é controlar a população, mas muitas entre os bilhões de pessoas que passarão fome, não o farão em silêncio. No passado, os holocaustos da época vitoriana tardia provocaram insurreições épicas entre aquelas que foram varridas pelo tsunami do "sistema mundial". O mais provável é que amanhã, quando baixe a maré e as populações sobreviventes amanheçam afiradas na areia (do deserto), sejamos testemunhas de outro século – inclusive mais brutal – de guerras e insurreições.

Capítulo 3:

Tempestades do deserto

O Exército olha para o futuro

Enquanto os políticos, tanto do estado como dos movimentos sociais, caem nos mesmos clichês, sorriem para eleitoras e eleitores e se atacam mutuamente, algumas pessoas "realistas" olham para o futuro da mudança do clima não como algo que se pode evitar, mas como algo que precisará ser regulado. No texto "Segurança nacional e a ameaça da mudança climática" (National security and the threat of climate change) estrategistas das forças armadas dos Estados Unidos investigaram um amplo leque de possíveis cenários. Sua primeira descoberta foi que "a mudança climática prevista supõe uma séria ameaça à segurança nacional dos Estados Unidos". De que forma?

Os Estados Unidos já debilitados por fenômenos meteorológicos ex-

1. Citado em, Christopher Manes, *Ira verde: Ambientalismo radical e o desfazer a Civilização.* (Green Rage: Radical Environmentalism and the Unmaking of Civilisation), Boston: Little Brown and Company, 1990, p. 25.

tremos (secas, inundações, aumento do nível do mar, retrocesso das geleiras) e pela proliferação de doenças mortais, provavelmente sofrerão estas sequelas: aumento das migrações, mais Estados debilitados e falidos, expansão de espaços ingovernáveis, situações limites que os "terroristas" buscarão aproveitar e proliferação de conflitos internos. Nos países desenvolvidos esses problemas ameaçam desestabilizar o comércio e introduzem novos desafios em matéria de segurança, tais como a crescente propagação de doenças infecciosas e o aumento da imigração¹. Além de perceber a transformação climática como um "novo fator de estresse e hostilidade" que produzirá novas ameaças a nível geral, também assinalaram como um fator que potencia as ameaças já existentes.

A mudança climática atua como uma ameaça que multiplica os desequilíbrios em algumas regiões mais instáveis do mundo. Muitos governos na Ásia, África e Oriente Médio já se encontram em seu limite de capacidade para prover as necessidades básicas: comida, água, habitação e estabilidade.

A transformação do clima que se prevê irá piorar os problemas nessas regiões e adicionará outros que dificultarão uma gestão de governo efetiva. Diferentemente das ameaças de segurança convencionais que envolvem uma só entidade de forma específica em um momento determinado, a mudança climática tem o potencial de provocar condições crônicas múltiplas em todo o mundo ao mesmo tempo.

As condições econômicas e ambientais se agravarão cada vez mais à medida que a produção de alimentos for caindo, aumentarão as doenças, a água potável irá escassear e as populações irão migrar em busca de recursos. Os governos debilitados e falidos, eles próprios na corda bamba, são um caldo de cultivo para conflitos internos, extremismo e movimentos ideológicos autoritários e radicais.

Já que a mudança climática também tem potencial para gerar desastres naturais e humanitários em uma escala maior do que a vista hoje em dia, suas consequências provocarão, provavelmente, instabilidade política nos lugares cujos governos não são capazes de satisfazer as demandas sociais².

Militares especialistas de todas as partes debatem pesadelos e fantasias similares³. Devemos recordar que o exército planeja o que "provavel-

1. CNA Corporation. National Security and the Threat of Climate Change (A segurança nacional e a ameaça da mudança climática), Alexandria: CNA Corporation, 2007, Fallo Nº1.

2. Ibid, Fallo Nº2.

3. Por exemplo: "Com os efeitos da mudança climática levando em conta as pressões que já existem, as operações no futuro serão mais frequentes e mais intensas do que as que estão se desenvolvendo no Timor Oriental e nas Ilhas Salomão". O comandante aéreo Marshall Angus Houston disse que o aumento do nível do mar que provoca a mudança climática poderia agravar as mudanças climáticas das ilhas, muitas das quais

mente poderia acontecer", não o que "definitivamente acontecerá". Além disso, as forças de ordem têm um interesse institucional em fomentar a ideia de que o mundo está se tornando cada vez mais perigoso já que isso justifica sua existência.

De todas as formas, vale a pena levar a sério suas previsões porque quando recomendações políticas como as delas são colocadas em prática, a sombra de seus sonhos pode se tornar realidade. Assim como os "generais sempre estão combatendo a guerra definitiva", sua visão de futuras guerras se materializa nos conflitos do presente. Não é de se surpreender que muito do discurso militar em torno das transformações climáticas se centre nas guerras quentes, em estados falidos e na violência política que pode derivar deles. A potencial guerra fria entre o norte mundial e o extremo sul não é a principal preocupação. Aprofundaremos esta questão mais adiante.

Guerras quentes e estados falidos

Se dermos uma olhada nos conflitos atuais, já existe um cinturão de tensão equatorial que, espera-se, se expandirá consideravelmente. Sua existência se deve a uma ampla gama de variáveis não menos importantes, como os impactos ambientais acumulados de civilizações colapsadas, o legado do colonialismo ocidental, altos níveis de população, a presença dos "recursos" úteis para o capitalismo e habitats que se encontram nos limites da viabilidade agrícola⁴. Segundo o que os generais dos Estados Unidos descrevem acima, alguns governos destas regiões cairão, enquanto outros – em diversos graus – "fracassarão". Alguns estados se recolherão a suas (talvez em transição) cidades capitais deixando o resto de seus supostos territórios em um mosaico de guerra e paz; outros se verão envolvidos em guerras civis, revoluções e conflitos interestatais. Sem dúvida, haverá muita injustiça, mas também muito potencial para viver vidas livres.

são pobres e subdesenvolvidas, com o perigo do baixo crescimento da economia sustentável em quase todos os países. Isso quer dizer que as nações das ilhas se esforçariam para adaptar-se às mudanças climáticas em meio às precipitações alteradas, climas extremos e o aumento do nível do mar ameaçariam a agricultura e a pesca das quais os habitantes das ilhas são dependentes. 'Partindo desta base, a desestabilização política e o caos social está a um passo', afirmou Houston". Ver: Australia military head warns of Pacific climate instability (Chefe militar da Austrália alerta sobre a instabilidade climática do Pacífico), France 24, 3 de dezembro de 2010. (www.france24.com).1. Citado em, Christopher Manes, Ira verde: Ambientalismo radical e o desfazer a Civilização. (Green Rage: Radical Environmentalism and the Unmaking of Civilisation), Boston: Little Brown and Company, 1990, p. 25.

4. James R. Lee, Climate Change and Armed Conflict: Hot and Cold Wars (As mudanças climáticas e o conflito armado: guerras frias e quentes), Londres: Routledge, 2009, p. 7.

Não é de se estranhar que os estrategistas militares tenham diversas opiniões sobre o que serão capazes de fazer as grandes potências de hoje. Algumas pessoas discutem que "serão arrastadas para situações deste tipo cada vez mais frequentemente, tanto sozinhas quanto com aliadas, para alcançar a estabilidade antes que piore uma situação que os extremistas possam aproveitar". E que "também serão convocadas para garantir a estabilidade e os esforços de reconstrução uma vez que comece um conflito, para prevenir um desastre maior e reconstituir um ambiente estável⁵". Outras preveem uma drástica redução do controle global que colocará fim à Ordem Mundial atual declarada pelos EUA que, "ante a incapacidade de ajudar as autoridades locais a restabelecer a ordem, 'provavelmente recorrerá a uma combinação de políticas que equivaleriam a uma quarentena⁶".

Aos movimentos sociais anarquistas destas regiões talvez lhes interesse refletir seriamente sobre os preparativos práticos que farão falta em um contexto de autogestão, guerra civil, sobrevivência e a – desgraçadamente inevitável – aparição e recrudescimento das forças autoritárias e conflitos inter-étnicos.

Devemos ser capazes de nos defender, sobreviver e aproveitar as crises sociais, incluindo as tentativas dos capitalistas para nos destruir. A natureza dividida e industrial da sociedade de hoje tem determinado a instabilidade do amanhã⁷.

Em meio à crise e demandas sociais "que excedem a capacidade de gestão governamental", os dias de glória do anarquismo poderiam voltar.

Se a mudança climática se traduz em uma diminuição das florestas primárias e do acesso ao capital natural que sustenta os ecossistemas, a pobreza se expandirá ampliando o descontentamento e facilitando o recrutamento para os movimentos rebeldes⁸.

Quem sabe, talvez inclusive contemplemos cenas tão impactantes como a dos trens blindados anarquistas de Maria Nikiforova⁹. Desde as estepes

5. National Security and the Threat of Climate Change (A segurança nacional e a ameaça da mudança climática), Alexandria: CNA Corporation, 2007, p. 6.

6. Kurt M Campbell et al, The Age of Consequences: The Foreign Policy and National Security Implications of Global Climate Change (A era das consequências: A política internacional e as implicações da mudança climática mundial para a segurança nacional). Centre for Strategic and International Studies, 2007, citado em, Gwynne Dyer, Climate Wars (Guerras climáticas), Toronto: Random House, 2009, p. 19.

7; Down with Empire, Up with Spring! (Abaixo ao império, viva a insurreição!), Te Whanganui a Tara/Wellington: Rebel Press, 2006, p. 118.

8. R Nordas and N.P. Gleditsch, 'Climate change and conflict' ("A mudança climática e o conflito"), Political Geography (26) 627–638. 2007, citado em, James R. Lee, Climate Change and Armed Conflict: Hot and Cold Wars (A mudança climática e o conflito armado: guerras frias e quentes), Londres: Routledge, 2009, p. 15.

9. Maria Nikiforova "foi a única comandante de uma grande força revolucionária na Ucrânia; uma atamansha (líder militar). A Druzhina (tropa em eslavo) de combate livre estava equipada com duas armas de grande porte e um trem blindado. Nos vagões eram carregados veículos blindados, tchankas (carroças) e cavalos, bem como tropas, o que significava que o destacamento de forma nenhuma se limitava às vias férreas. Os trens eram decorados com cartazes que diziam: "A libertação dos trabalhadores diz respeito aos próprios

da Ucrânia às serras do México e nas ruas de Barcelona, um grande número de pessoas que alguma vez se definiram como anarquistas o fizeram em meio a uma guerra manifesta.

Infelizmente, na maioria dos lugares é mais provável que os movimentos rebeldes sejam mais estadistas que anarquistas. Isto se deve, em parte, graças ao enorme número de grupos políticos autoritários estabelecidos em comparação aos de libertários, mas também porque em situações extremas as pessoas optam por soluções extremas.

Em alguns lugares a solução passará pela auto-organização, a descentralização e o apoio mútuo, mas em outros não haverá solução social possível, somente falsas promessas de déspotas e profetas. Isto não quer dizer que não podemos competir com esses profetas difundindo a esperança milenar em uma nova era, no entanto, sendo honestas com nós mesmas, tendo rechaçado a religião, seria hipócrita cair no proselitismo.

Onde forças sociais libertárias visíveis e contundentes surgirem é provável que muitas pessoas viagem para se unirem a elas desde outras partes do mundo. Na medida em que as coisas se complicarem, parte de nossa família buscará as incipientes resistências armadas, onde quer que estejam. Isso nasce de profundos sentimentos de amor e solidariedade, mas também porque, sejamos honestas, para muitas, o conflito é atrativo e os antimilitaristas raras vezes têm a oportunidade de participar de uma guerra. O desejo niilista – amplificado por um mundo cada vez mais complexo – de simplesmente sair e que “se vá tudo para o caralho” é, senão uma necessidade criativa, um impulso definitivamente forte. Isso não significa que todo mundo o tenha, mas muitas pessoas sim. Aqui se coloca em evidência uma incômoda simetria entre nossos motores emocionais e os de soldados em geral. No ex-território dos estados falidos, os conflitos interétnicos se tornarão cada vez mais habituais, ao menos até que as populações se reduzam até um nível que se adapte melhor a um mundo mais quente.

Os Estados falidos possuem níveis de conflito tão altos e persistentes que inclusive as mudanças mínimas previstas pelo IPCC são capazes de piorar as condições de vida. A tendência sugere mais rupturas sociais ou tribais que as guerras entre nações. O clima ignorará as fronteiras e os estados falidos, propensos ao conflito, se propagarão como uma epidemia¹⁰.

trabalhadores”, “Vida longa ao Anarquismo”, “O poder cria parasitas” e “A Anarquia é a mãe da ordem”. Com bandeiras negras e canhões, os comandos ferroviários de Murusya pareciam barcos piratas que zarpavam atravessando a estepe ucraniana”. Malcolm Archibold Atamansha: *The Story of Maria Nikiforova, the Anarchist Joan of Arc (Atamansha: a história de Maria Nikiforova, a Joana D’Arc anarquista)*, Edmonton: Black Cat Press, 2007, pp. 21–22.

10. James R. Lee, *Climate Change and Armed Conflict: Hot and Cold Wars (A mudança climática e o conflito armado: guerras frias e quentes)*, Londres Routledge, 2009, p. 93.

Pacificadores no cemitério dos vivos

Os grupos que se formarem com base nos conflitos interétnicos serão mais numerosos que os organizados por conta de ideologias políticas originadas na Europa, libertárias ou autoritárias. Eles são, afinal de contas, capazes de prover soluções efetivas (ainda que temporárias) às necessidades imediatas das pessoas em zonas em que as bocas a serem alimentadas são mais numerosas que os meios básicos para sobreviver. Isso é feito, é claro, reduzindo os recursos das "outras". Os conflitos interétnicos podem mobilizar quando se trata de uma "causa perdida", mas geralmente se aglutinam em torno de uma motivação emocional.

O consolo de acreditar que os indivíduos que se colocam na luta por uma causa o fazem somente motivados por uma escolha racional, bagagens familiares ou identidades históricas, desaparece quando descobrimos os verdadeiros motivos de muitas lutadoras e lutadores. Para um exemplo extremo ocorrido na Europa, é preciso apenas ler o estudo de Mattijis Van de Ports sobre uma comunidade imersa em uma guerra civil. Em "Ciganos, guerras e outras instâncias para o selvagem" (*Gypsies, war and others instances to the wild*), o autor inclui vozes de gente que "adotou com prazer o papel de bárbaro".

"Como é possível que isso aconteça na Europa de finais do século XX?" foi a pergunta que circulou obsessivamente em minha mente. O que a guerra na antiga Jugoslávia nos obrigou a digerir é o fato de que as pessoas demonstraram optar de forma consciente e ativa pela barbárie e pelo selvagem. Tomemos como exemplo as combatentes sérvias que sonhavam com um retorno dos poemas épicos "onde não havia eletricidade, computadores; quando a população sérvia era feliz e não tinha cidade, a semente de todo o mal"¹¹.

Não deveria nos surpreender – ainda que isto não invalide o idealismo – quando hoje em dia algumas milícias refletem desejos românticos quando destroem cidades, massacram povoados e são assassinados um a um. Isto sugere – junto com o franco prazer pela destruição que professaram alguns soldados em cada guerra e também muitas anarquistas – que existe uma relação de algum tipo entre o impulso por destruir e a repugnância pela complexa sociedade humana.

11. Mattijis Van de Port, *Gypsies, Wars and Other Instances of the Wild: Civilisation and its Discontents in a Serbian Town* (Ciganos, guerras e outras instâncias do selvagem: a civilização e seus descontentes em uma cidade sérvia), Amsterdam: Amsterdam University Press, 1998, pp. 15–17.

Randolph Bourne tinha razão quando dizia que "a guerra é a saúde do Estado"¹², mas este outro disparador também funciona especialmente quando as "contrapartes" já não são estados. A descrição do antropólogo anarquista Pierre Clastres sobre as guerras entre tribos da Amazônia não é diretamente transferível aos conflitos interétnicos que envolvem aos povos não anarquistas, mas de todas as formas, existe nela algo que ecoa isso.

Qual é a função da guerra primitiva? Assegurar a permanência da dispersão, do parcelamento, da atomização dos grupos. A guerra primitiva surge de uma lógica centrífuga, de uma lógica da separação que se expressa, de vez em quando, na forma de conflitos armados. A guerra serve para manter a cada comunidade em sua independência política. Agora, qual é o poder legal que aglutina todas as diferenças com a finalidade de suprimi-las, que se apóia somente em si mesmo para abolir a lógica do múltiplo, substituindo-a pela lógica da unificação? Que outro nome tem o que rechaça em essência a sociedade primitiva? O Estado¹³.

Nem tudo é orgulho desmesurado e discurso ambíguo quando a astúcia militar descreve as invasões estatais como "pacificadoras". A diversidade étnica e a autonomia, com frequência, surgem tanto da ajuda mútua na comunidade como da animosidade entre comunidades. Gosto de pensar (com respaldo de nossa história) que uma pessoa que se autodefine como anarquista nunca infligirá tanta dor como a que causaram as milícias nacionalistas sérvias (um exemplo que escolho propositalmente por ser repugnante), no entanto, temos que admitir que nosso desejo de "que se vá tudo para o caralho" está motivado, em parte, pelo mesmo impulso de desmembrar a civilização que pode ser encontrado em muitos conflitos interétnicos e, com maior frequência, na mente dos combatentes. À medida que o poder central for se debilitando em algumas zonas, as possibilidades da anarquia se mostrarão em suas duas vertentes, a alegria e o horror.

Das revoltas (por comida) à insurreição

As guerras climáticas que virão farão desaparecer uma grande quantidade de anarquistas, mas é pouco provável que destruam o anarquismo

12. Randolph Bourne, *War is the Health of the State* (A guerra é a saúde do Estado). Bureau of Public Secrets (Oficina de Segretos Públicos (www.bopsecrets.org)).

13; Pierre Clastres, *Archaeology of Violence* (Arqueologia da violência), Nova Iorque: Semiotext(e), 1994, pp. 164–165.

que, como movimento político, sobreviveu a reduções significativas de seus militantes em apocalipses locais anteriores¹⁴. Apesar de todos os horrores dos últimos 200 anos, o Anarquismo é, como o New York Times colocou, "a crença que não permanece morta"¹⁵. Isso é alentador, mas não somos máquinas ideológicas. É importante que as próprias anarquistas (você, eu, nossas famílias e afinidades que todavia ainda iremos conhecer) sigam vivas, e não que somente perdures "o ideal". Isso importa para mim!

Para além das particularidades locais, pode ser que nos reste 20 anos (provavelmente mais) para nos prepararmos para estas rupturas. Esta preparação não é uma alternativa entre outras tarefas pendentes por fazer, mas sim algo que deve ser abordado como parte integral de uma estratégia diversificada a longo prazo. Para algumas pessoas também será uma questão de vida ou morte.

Se as futuras guerras decorrentes das mudanças do clima forem uma extensão das condições presentes, é provável que elas sejam maiores e mais extremas. Em alguns lugares, as pessoas – entre elas, anarquistas – poderão transformar esses conflitos em vitoriosas insurreições libertárias. Em outras, pode ser que a batalha seja pela mera sobrevivência ou inclusive por uma morte digna que valha a pena. Habitantes de contextos socioambientais relativamente estáveis – política e climaticamente – provavelmente enfrentarão uma vigilância opressiva cada vez maior por parte do Estado e de meios de comunicação em massa que temem cada vez mais a "barbárie atrás dos muros".

As coisas práticas que é preciso começar a fazer hoje em dia dependem em grande medida de onde você está e quem você é. Apesar de podermos partilhar aspirações em comum, a mudança climática reforça a verdade elementar de que não partilhamos um futuro global. Ainda que em todas as partes o grande problema seja o distanciamento e a domesticação¹⁶, a rea-

14. Quer seja fazendo-os desaparecer em períodos de tumulto (contra)revolucionário ou apontando-os como a presa predileta dos autoritários durante períodos de relativa paz social, os anarquistas realmente tendem a se meter em problemas. Nossos bandos têm sido reduzidos devido ao fato de muitos sentirem-se obrigados a uma fuga forçada da civilização por meio do suicídio e das drogas.

15. Joseph Khan, Anarchism, the Creed that Won't Stay Dead (Anarquismo, a crença que não permanece morta), New York Times, 5 de agosto de 2000.

16: A "natureza" fundamental de toda a civilização é um distanciamento ilusório da natureza, que se aprofunda a medida que nos distanciamos uns dos outros, da terra, do fruto de nossos esforços e até de nossos próprios desejos. Doma-se – domestica-se –, os animais selvagens (incluindo os seres humanos) por meio de cercas, separando-os de seu habitat natural e dos membros livres de sua própria espécie. A autoridade se instala no cérebro através da violência e do racionamento dos recursos. Se domestica a vida selvagem, tanto no exterior quanto no interior. O nascimento "da domesticação possibilitou o início da produção, o vasto incremento da divisão do trabalho e a completa estratificação social. Tudo isso gerou uma mutação que estabeleceu um marco tanto para o caráter da existência humana como para seus desenvolvimento, carregando-a de mais violência e trabalho do que nunca". John Zerzan, Elements of Refusa (Elementos de Recusa), C.A.L Press: Columbia, 2006, p. 77. Também é importante tratar de entender

lidade entre Basingstoke (Reino Unido) e Bangladesh é diferente agora e seguirá sendo no futuro.

Durante sua cátedra na Royal Society, Lovelock declarou:

*Hoje em dia enfrentamos uma dura escolha entre re-tornar à vida selvagem como pequenos grupos de caçadores-coletores ou continuar rumo a uma civilização altamente tecnológica muito mais reduzida*¹⁷.

Mais que um ultimato — é possível que coexistam ambos os tipos de sobreviventes (como já acontece nos dias de hoje): cidadãos/cidadãos em contexto de alta tecnologia industrial e anarquistas com pouca tecnologia e com um modo de subsistência de caça e coleta. Entre estes dois extremos descansam enterradas as pessoas famintas, “despossuídas (muitas vezes proveniente das guerras climáticas) junto com as que anseiam uma vida possivelmente mais livre (ou não) nos limites da viabilidade agrícola. Vejamos as possibilidades que podem existir para a liberdade e a vida em alguns destes estilos de vida divergentes.

suas origens, seria um erro pensar que o distanciamento e a domesticação são fatos do passado, pois são na verdade um processo ao qual é possível se opor resistência, e isso tem sido feito. Como introdução ao tema pode-se consultar: Ian Hodder, *The Domestication of Europe (A domesticação da Europa)*, Basil Blackwells: Oxford, 1990; Leopold Roc *Industrial Domestication: Industry as the Origins of Modern Domination (A domesticação industrial: a industria como a origem da dominação moderna)*, Anarchist library (www.theanarchistlibrary.org), Derrick Jensen et al., *Strangely Like war: The Global Assault on Forests (A guerra estranha: o ataque global às florestas)*, Green Books: Dartington, 2003; Jacques Camatte, *Against Domestication (Contra a domesticação)*, Leeds: Re-Pressed Distro, 2006; *Beasts of Burden: Capitalism, Animals, Communism (Animais de carga: Capitalismo, Animais, Comunismo)*, Antagonism Press: Londres, 1999.

17. James Lovelock, *Climate Change on the Living Earth, (Mudança climática na Terra Viva)*, The Royal Society: Londres, 29 de outubro de 2007.

Capítulo 4:

Rotas africanas para a anarquia

*Elementos anárquicos da vida
(camponesa) cotidiana.*

Para examinar as possibilidades futuras de liberdade na vida camponesa, vamos, por exemplo, dar uma olhada em um continente muitas vezes ignorado. Nos dias de hoje a "África tem um problema de imagem¹": guerra, fome, doenças e apelo à caridade. Com o passar do tempo, esta visão distorcida de todo um continente diverso se acentuará com a piora das mudanças climáticas e as intervenções do Capitalismo de Desastre². Vimos nos capítulos anteriores que a mudança climática irá causar e agravar guerras civis, em grande parte pelo aumento da escassez de comida, água e solo fértil. Muitas pessoas preveem esses conflitos futuros como uma generalização do que vemos na África atualmente. Geralmente se enganam ao fazê-lo.

1. Discurso do nada honorável Ministro do Comércio Exterior (Nigéria), sr. G Yhema, Crown Plaza Hotel, A Haia, 27.

2. Ver: Naomi Klein, *The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism* (A doutrina do choque: A ascensão do Capitalismo de Desastre), Londres: Penguin, 2008.

A maioria das guerras de hoje na África são motivadas mais pela presença de recursos do que pela escassez deles³. As retrações no comércio mundial deixarão de jogar lenha na fogueira. Por exemplo, assim que o petróleo começar a se tornar escasso, áreas como o Delta do Níger — cercadas por interesses petrolíferos estatais e corporativos — tendem a se tornarem áreas isoladas novamente, em vez dos campos de batalha que são atualmente.

Tomo como fato que não veremos uma ampla conversão africana ao Anarquismo ocidental. A evolução das sociedades é, em grande parte, definida pelo que são agora. E aqui vai uma boa notícia pouco dita sobre a África: em muitos lugares e em muitos níveis de suas culturas há características anárquicas significativas, com uma minoria que, de fato, funciona em anarquia. Passo a palavra por um momento a Sam Mbah, um anarco-sindicalista nigeriano:

Em maior ou menor grau (...) muitas sociedades africanas tradicionais manifestaram uma eloquência anárquica que, ao analisar mais de perto, dão credibilidade à obviedade histórica de que governos nem sempre existiram. Eles são apenas fenômenos recentes e, portanto, não são inevitáveis na sociedade humana. Algumas características anárquicas existiam em grande escala na sociedade africana tradicional, algumas delas persistem e continuam acentuadas até hoje. O que isso significa é que os ideais fundamentais ao Anarquismo talvez não sejam tão novos ao contexto africano. O que é novo é o conceito de Anarquismo como uma ideologia de movimento social. Anarquia como abstração pode de fato ser (amplamente) desconhecida na África, mas não é tão desconhecida como um modo de vida... Manifestações de elementos anarquistas nas comunidades africanas foram (...) e, até certo ponto, continuam sendo difundidas. Isso inclui a ausência parcial ou completa de estruturas hierárquicas, aparatos estatais e a mercantilização do trabalho. Pondo em termos positivos,

3. Contrariando a ideia de que a diminuição de recursos tende a causar um aumento de conflitos, muitas pesquisas têm mostrado que o aumento dos recursos resultam em um aumento de conflitos. Conflitos podem ser causados por uma combinação de ganância e indignação, geralmente sendo a ganância o motor, enquanto a indignação a justificativa. "Isso indica que a maldição dos recursos, ao expor aqueles no poder às tentações das grandes riquezas, é o mais poderoso condutor da violência e do conflito." — Camilla Toulmin, *Climate Change in Africa*. (Mudança Climática na África) Instituto Africano Internacional e Zed Books, 1999) p.118.

*algumas sociedades foram (e continuam sendo) autogestionadas, igualitárias e republicanas por natureza*⁴.

A África é vista como um "caso perdido" pela "opinião pública mundial", em parte, devido ao fato de que suas sociedades são anárquicas e não têm se integrado completamente dentro das relações capitalistas.

Como estas relações anárquicas têm sobrevivido na África até tal ponto? Jim Feast, que escreve para a revista anarquista estadunidense Fifth Estate tem algumas respostas:

*Na África subsaariana, com a exceção de uma minoria de países com uma ampla população proveniente da colonização branca e recursos valiosos (tais como diamante e cobre), a penetração das formas de governo ou agrícolas capitalistas no interior do continente foi pouca. Na era colonial (...) as potências imperialistas tinham objetivos pouco pretensiosos. Não havia interesse em investir em recursos para garantir que o Estado pudesse projetar sua autoridade em cada esquina das novas colônias. E, depois da independência, a África, com exceção dos estados colonizados, continuou sendo muito pouco afetada pelo mercado. Embora negociassem cada vez mais dentro do mercado, sua base continuava sendo a agricultura familiar e domiciliar, onde uma cultura e ética de subsistência prevaleciam. (...) Estes são os pontos relevantes. Por maior que seja o impacto do capitalismo mundial, grande parte da África sub-saariana não sofreu alterações causadas pelo Estado ou pelo poder do mercado. Além disso, enquanto em... [muitas partes do planeta]... há uma luta para se desenvolver uma economia alternativa, nas áreas da África que estão sendo discutidas, uma forte economia de subsistência, indiferente ao lucro e expansão do capital, continua a existir*⁵.

4. Sam Mbah e IG Igariewy, *African Anarchism: The History of a Movement (Anarquismo Africano: A História de um Movimento)* Tucson: See Sharp Press, 1997), pp. 27-33.

5. É válido notar que: "A limitação dos vínculos fazia parte dos interesses dos chefes, que propositadamente criaram uma classe semi-trabalhadora. Thomson afirma: "Os donos de minas e administradores de fazendas contam com o fato de que alguns camponeses que vêm trabalhar temporariamente também estão produzindo para si mesmos em seus minifúndios (em suas ausências, cultivados por suas famílias). Como os trabalhadores tem essa fonte de subsistência adicional, os salários podem ser mantidos baixos." – Jim Feast, 'The African

Povos sem governo

Enquanto elementos anárquicos são bem difundidos na África, também há sociedades inteiramente anarquistas⁶. Algumas delas estão rodeadas por populações mais integradas, enquanto outras estão mais afastadas de jurisdições externas, seja por sorte ou por evasão intencional. Ambientes que não são favoráveis ao império são um fator significativo para a sobrevivência de algumas dessas culturas e suas capacidade para defender sua autonomia.

Algumas permaneceram anárquicas em suas relações interpessoais, enquanto outras aceitaram superficialmente o poder exterior, o que não deve ser necessariamente visto como assimilação. Governos não gostam de deixar a oposição total impune, para que não encorajem outras pessoas. No entanto, nem sempre têm a capacidade de incorporar essas sociedades pré-existentes, especialmente as mais astutas.

Para a comunidade, o "poder do Estado e a cultura política estrangeira são tão diferentes e poderosos que uma resistência direta logo se mostra inviável; a acomodação passiva também é impossível. A possibilidade mais aceitável é algum tipo de colaboração que permite que as coisas continuem quase como antes, com a ideia de 'nós estávamos aqui antes deles e nós estaremos aqui depois'⁷". Em algumas situações isso é tão simples como um contrato implícito, algo como "nós vamos fingir que vocês estão nos governando, e vocês fingem que acreditam". Em outras situações, "burlar o Estado" pode envolver um conjunto complexo de táticas incluindo sanar necessidades básicas, retomar as tradições, mudanças regulares e controle do equilíbrio dos poderes externos.

Há quem possa vir a alegar que essas anarquias não são as que "nós" projetaríamos se nos sentássemos para planejar a sociedade "ideal" para essas pessoas⁸ – mas ainda assim são anarquias. Apesar de serem muito mais igualitárias do que as sociedades ao redor, geralmente possuem al-

Road to Anarchism? [A Estrada Africana para o Anarquismo?], Fifth Estate Vol. 43 No. 2, 2008.3. Contrariando a ideia de que a diminuição de recursos fende a causar um aumento de conflitos, muitas pesquisas têm mostrado que o aumento dos recursos resultam em um aumento de conflitos. Conflitos podem ser causados por uma combinação de ganância e indignação, geralmente sendo a ganância o motor, enquanto a indignação a justificativa. "Isso indica que a maldição dos recursos, ao expor aqueles no poder às tentações das grandes riquezas, é o mais poderoso condutor da violência e do conflito." – Camilla Toulmin, *Climate Change in Africa*. (Mudança Climática na África) Instituto Africano Internacional e Zed Books, 1999) p.118.

6. Para um melhor panorama sobre algumas anarquias mais vivenciadas do que imaginadas, tanto na África quanto em outros lugares, veja: Harold Barclay, *People Without Government: An Anthropology of Anarchy* [Povos Sem Governo: Uma Antropologia da Anarquia] Londres: Kahn SrAverill, 1990.

7. P Skalnik, *Outwitting the State*, (Superando o Estado), New Brunswick: Transaction Publishers, 1989, p. 13.

8. Uma prática abominável e definitivamente autoritária que alguns anarquistas ainda parecem apreciar.

gum nível de relações de poder estratificadas por sexo ou idade, divisão de trabalho e às vezes dependem de escravidão animal. Não vejo nada disso como sendo bom, mas deve-se lembrar que, em diferentes níveis, estes são aspectos de todas as sociedades civilizadas. Pelo menos estas culturas não possuem luta de classes ou Estado. Assim sendo, são anarquias mesmo que não satisfaçam todas as aspirações do "nosso" Anarquismo ocidental.

Elas não devem ser idealizadas (não mais do que Chiapas hoje em dia ou Barcelona em 1936), nem é necessário "apoiá-las". Mas essas são anarquias existentes, a criação social ativa de milhões de pessoas resistindo à concentração de poder ao longo do tempo. Seria tolice ignorá-las em qualquer panorama de possibilidades para a liberdade. As pessoas entre nós que estiverem buscando se libertar da autoridade podem encontrar vislumbres (insights), inspirações e conselhos a partir de seus exemplos⁹.

O ressurgimento da comunidade com a retração do comércio internacional

Para as pessoas que vivem na África, o fato de que anarquias existem e algumas tendências anarquistas permanecem disseminadas entre elas deixa rotas de escape e sobrevivência abertas, que podem ser utilizadas à medida em que as autoridades locais colapsem, retraiam-se ou sejam destruídas. Deve-se notar que muitas sociedades comunitárias da África surgiram quando grandes reinados colapsaram ou foram eliminados por impérios invasores (tanto ocidentais quanto africanos). Embora as elites coloniais exercessem seus poderes por intermédio das autoridades tradicionais locais, essas mesmas autoridades também se viraram contra elas. Classes dominantes agem pelos seus próprios interesses, não pelos interesses de um sistema abstrato de poder hierárquico. O ataque às autoridades locais realizado pelas elites estrangeiras abriu caminhos para a anarquia no passado, e esse padrão permanece. Jim Feast novamente:

Aqui está uma ironia da história. Nos últimos 15 anos, em [algumas partes do] mundo industrialmente subdesenvolvido, o Estado definiu, não por causa da sua derrocada, mas sim devido à extensão do capitalismo global. Ao falar

9. Embora, obviamente, não às custas de observar as relações de classe, equilíbrios de poder, lutas e prazeres onde vivemos. Muitos ativistas conhecem as complexidades das lutas no exterior, embora ainda conheçam pouco sobre as guerras sociais que os rodeiam.

de colapso do Estado nas periferias das capitais não significa que governos desapareceram completamente, mas sim que muitos Estados, que chegaram a ser como as agências de controle total que experienciamos nos países ao Norte, foram drasticamente reduzidos.

Desde a independência, a maioria dos países da África subsaariana têm sido Estados unipartidários, encabeçados por poderosos corruptos que dominam através da combinação de coerção militar com distribuição de favores aos seguidores bem acomodados. O líder inteligente vê que, além de seus capangas mais chegados (que integram o Estado), deve também cultivar alianças com líderes tribais de todas as castas importantes, e o faz através de financiamento de projetos infra-estruturais (que oferecem excelentes oportunidades para negócios sujos) em seus territórios. Mas com as políticas de ajuste estrutural impostas sobre essas nações, essas formas de governo [frequentemente] deixam de existir, porque os fundos financeiros que sustentam as redes de clientelismo não mais estão disponíveis. No intuito de escorar o poder das elites sobre estas nações, generalizou-se uma transformação em democracias multipartidárias. De 1988 a 1999, o número de Estados que possuíam eleições multipartidárias na África subsaariana foi de 9 para 45. Isso, cínica e temporariamente, resolveu dois problemas do poder estatal. Restaurou um verniz de legitimidade a um sistema que não pode mais oferecer proteção nem assistência social aos próprios cidadãos e cidadãs, e o revigorou ao dividir os clientes entre os partidos competidores, de modo que cada grupo político suga menos fundos, já que serve a uma clientela menor¹⁰.

Outra derrota do poder estatal foi sua incapacidade de prover os mínimos serviços sociais aos cidadãos e cidadãs, como educação e atendi-

10. Embora concorde com o autor aqui, diria que 'a questão do cliente' é um fator por trás dos sistemas multi-partidários, mas de forma nenhuma é o único. O colapso do Bloco Soviético, mobilizações sociais-democratas na África e as demandas – tanto financeiras quanto ideológicas – do Ocidente são alguns dos fatores, dentre outros. Vai ser interessante ver como a expansão do poder chinês na África irá afetar isso.

mento médico, que programas de ajustes estruturais eliminaram por serem de alto custo. Embora alguns desses serviços tenham sido assumidos por organizações internacionais de assistência, a maioria continuou a ser feito por grupos dessa própria sociedade afligida. Em outras palavras, Thomson diz:

"A diminuição do poder estatal exige que a sociedade civil desenvolva uma maior auto-suficiência." Os grupos feministas, sindicatos, associações de agricultoras/agricultores e outras redes organizacionais de base foram assumindo uma maior responsabilidade na vida social e econômica (...).

[E é aqui, talvez, que podemos encontrar uma rota africana para o Anarquismo], 'onde a economia monetária e o Estado, que estão em uma condição parcial de colapso ou retirada, cedem mais e mais funções às vilas comunitárias não-monetizadas e não-estatistas que se organizam com base na ajuda-mútua'¹¹?

Isso já está acontecendo em alguns lugares, sem conflitos ostensivos e sem cobertura midiática. Em outros, essa revitalização do comunitário é uma das forças preenchendo o vazio do poder deixado pela fragmentação dos 'Estados falidos'. Claro que os ajustes estruturais comentados ocorreram em momentos específicos. Há um fluxo e refluxo de projetos de poder, como visto na expansão da China na África; o processo observado é um indicador do que talvez aconteça em muitos lugares conforme as retrações do mercado global se contraíam num planeta transformado pela mudança climática e pobre em recursos.

Superando o Estado

Além destas sociedades que poderíamos maliciosamente rotular como anarquistas de estilo de vida¹², a África tem um crescente número, embora ainda pequeno, de grupos se organizando sob a bandeira do Anarquismo. É

11. Jim Feast, "The African Road to Anarchism?" (As Estradas Africanas Para o Anarquismo?), na Fifth Estate Vol. 43, No. 2, 2008.

12: Uma piada barata às custas da dicotomia ridícula criada por Murray Bookchin em 'Social Anarchism vs. Lifestyle Anarchism' (Anarquismo Social vs. Anarquismo de Estilo de Vida).

pouco provável que possam mudar todo o continente, mas podem desempenhar um papel importante nas lutas e movimentos emergentes. Repetindo aquela citação de Seaweed: "Qualquer biorregião pode ser libertada através de uma sucessão de eventos e estratégias baseadas nas condições únicas a ela." Mesmo que aceitemos a negação de qualquer possibilidade de revolução anarquista global, não há nenhuma razão para dizer que uma insurreição anarquista em algum lugar da África (ou em qualquer outro lugar) não seja uma possibilidade, e na verdade é até mais provável, tendo em vista os fatores que já discutimos. Em termos provavelmente excessivamente otimistas, Sam Mbah afirma:

*O processo de transformação anarquista na África pode revelar-se relativamente fácil, já que a África não possui uma estrutura capitalista forte, sistemas de classe e relações de produção bem desenvolvidas, ou um sistema estatal estável e enraizado*¹³.

Enquanto um número surpreendente de estradas africanas empoeiradas conduzem à anarquia¹⁴, muito do que tratamos aqui também se encaixa na realidade de várias zonas rurais pelo planeta, em diferentes níveis. Por exemplo, no excelente livro 'A Arte de Não Ser Governado'¹⁵, James C. Scott relata numerosos exemplos de anarquias vivenciadas em áreas elevadas do sudeste asiático.

Mesmo fora das anarquias, comunidades camponesas cuja a auto-suficiência não foi totalmente oprimida, ainda costumam frequentemente conservar um alto grau de autonomia.

Terra é Liberdade¹⁶! Infelizmente, as tradições comunitárias foram erradicadas de muitos lugares, o comunitário (ou o selvagem) se encontra fechado e as agricultoras e agricultores foram transformados em assalariadas

13. Sam Mbah e IG Igariwey, *African Anarchism: The History of a Movement (Anarquismo Africano: A História de Um Movimento)* Tucson: See Sharp Press, 1997, p. 108.

14. "O Progresso constrói estradas retas; mas as estradas tortuosas, sem o Progresso, são estradas da Genialidade." – William Blake, citado em, Lawrence Millman, *Last Places: A Journey in the North (Últimos Lugares: A Jornada no Norte)* Londres: Sphere Books, 1992.

15. James C. Scott, *The Art of Not Being Governed: An Anarchist History of Upland South-East Asia (A Arte de Não Ser Governado: Uma História Anarquista das Áreas Elevadas do Sudeste Asiático)* New Haven: Yale University Press, 2009.

16. Se duvida disso, por que não experimenta a prazerosa experiência e sinta o gostinho da liberdade ao comer alimentos que não foram comprados com o tempo vendido, mas que foram cultivados com as próprias mãos? Creio que a experiência irá convencê-lo de que terra é liberdade e fará você desejar mais de ambos. Para os que gostam de referências de livros tanto quanto terra sob as unhas, veja: *The Ecologist, Whose Common Future? Reclaiming the Commons*. Londres: Earthscan, 1993.

através da força. No entanto, isso não aconteceu em outros lugares, por diversas razões, e, não em pequena escala, encontramos a resistência entre elas. Estados nem sempre conseguem o que querem.

A maré de autoridade ocidental irá recuar bastante – embora não em todo o planeta. Uma desastrosa contorção de resíduos e destroços sociais será deixada em seu rastro. Alguns fragmentos de anarquia vivenciada, alguns conflitos horríveis, alguns impérios, algumas liberdades, e, claro, estranhezas inimagináveis. Conforme os Estados recuam e ‘falham’ – através da entropia, estupidez, revolução, conflitos internos, estresse ambiental – as pessoas vão continuar a cavar, plantar, cultivar e viver – a maioria, reconhecidamente, em climas muito mais desafiadores, e poucas com a garantia de que viverão em paz. Em muitos lugares a terra mercantilizada será reivindicada como bem comum e novas comunidades serão formadas pelas pessoas refugiadas das economias que colapsaram. Sociedades anárquicas – antigas e novas – vão precisar defender suas liberdades e vidas, através da evasão, com as armas, a fuga e ‘burlando o Estado’.

Nós vislumbramos algumas das possibilidades abertas (e fechadas) tanto pelas futuras guerras climáticas quanto pela retração da governabilidade dos Estados sobre as comunidades rurais – mas e quanto à liberdade nas instáveis fronteiras da civilização? E quanto à liberdade além dessas fronteiras – na Natureza Selvagem?

*"Encontrei-me com um viajante de um antigo país
Que disse: Duas enormes pernas de pedra sem corpo
Estão de pé no deserto... Perto delas, na areia,
Meio enterrado, está um rosto partido, cuja expressão
E os sulcos nos lábios, a arrogância fria de mando no olhar,
Faz notar que seu escultor bem soube ler aquelas paixões,
Que ainda sobrevivem, estampadas nestas coisas sem vida,
A mão que as imitou, e o coração que às nutria.
E no pedestal aparecem estas palavras:
"Meu nome é Ozymandias, rei dos reis:
Desesperai, ó grandes, vendo minhas obras!"
Nada mais resta em torno da derrocada
Daquele colossal destroço, ilimitada e sem proteção
Só a areia se estende no plano ermo da tal imensidão."*

— *Ozymandias*, Percy Bysshe Shelley, 1817

Capítulo 5:

*A civilização retrocede,
a vida selvagem persiste.*

*Impérios espalham desertos nos
quais não podem sobreviver*

Você pode ler nas ruínas de Ur e Mu Us, nos campos desertificados de Wadi Faynan¹ e nos vales de Techuacán e zeks*². "Os impérios espalham desertos nos quais não podem sobreviver." Invasões, insurreições e deserções muitas vezes marcam a queda de civilizações, mas a base real para a sua destruição sempre foi gerada por suas próprias lideranças, trabalhadores e zeks. Estamos todas trabalhando para a destruição das nossas civilizações³.

1. Graeme Barker, 'A Tale of Two Deserts: Contrasting Desertification Histories on Rome's Desert Frontier', em, *World Archaeology*, vol 33, No.3, 2002, pp. 488–507.

ж. Zek: Termo na língua russa para prisioneiro ou recluso em campo de trabalhos forçados.

2. Helmut Geist, *The Causes and Progressional Desertification* (Aldershot: Ashgate Publishing, 2005), pp. 4–7.

3. Para aqueles que duvidam disso, lhes cairá bem uma leitura: Clive Ponting, *A Green History of the World: The Environment and the Collapse of Great Civilizations*. (Londres: Penguin Books, 1991). Em uma nota, antes de se tornar acadêmico Ponting quase foi preso (graças à uma inesperada absolvição do júri) por tornar pública a verdade por trás do Belgrano Affair (o afundamento de um navio de guerra Argentino pelos Britânicos quando este se afastava do conflito nas Ilhas Malvinas) quando trabalhava como funcionário público de alto cargo no Ministério da Defesa da Inglaterra.

"O homem civilizado tem marchado por toda a face da terra e deixado um deserto em suas pegadas⁴."

Não se sabe com que magnitude o aquecimento global causará a expansão dos desertos quentes, mas que irá acontecer – e drasticamente – é algo em que podemos apostar com bastante segurança. A interação entre solo, clima e poder civil continuará a ser um fator dominante determinando tanto a história quanto a abertura do território para vidas mais livres. Os sistemas agrícolas irão fracassar à medida em que as terras áridas se espalharem, o que significa que, mais uma vez, as civilizações terão que recuar em muita das terras anteriormente conquistadas. Em alguns locais isto será total, em outros será uma questão de grau.

Em minha língua materna, desertos são inabitáveis, abandonados, desertados; mas por quem? Não por coiotes ou por carriças de cactos. Não pelas formigas cortadeiras ou pelas cascavéis. Não pelas cabras selvagens, as acácias, o cortisol e os cangurus vermelhos. Desertos e ambientes áridos geralmente são, muitas vezes, biologicamente diversificados, embora, pela sua natureza, a vida é mais escassa neles do que em outros biomas. Apesar de algumas áreas desérticas terem pouca vida, em outras a maioria das comunidades de animais, pássaros, insetos, bactérias e plantas, correm, voam, rastejam, se espalham e se desenvolvem sem ordem alguma, não domesticados pela civilização. A vida selvagem está em nós e ao nosso redor. A batalha para controlá-la e controlá-la é o trabalho constante da civilização. Quando ela perde essa batalha e as terras ficam desertas a selvageria persiste.

*Por trás da areia, entretanto, sob o céu assombrado pelos abutres, o deserto espera – planícies, morros, desfila-
deiros, recifes, charcos, escarpas, pináculos, labirintos,
lagos secos, dunas de areia e montanhas estéreis⁵.*

Liberdades nômades e o colapso da agricultura

Lembro de mim sentado sobre a terra vermelha, sob o sol quente, o vento fraco, o silêncio do deserto era absoluto... ou teria sido se não fosse, é claro, por toda a falação de

4. Vernon G. Carter and Tom Dale, *Topsoil and Civilization* (Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1974).

5. Edward Abbey, *Desert Solitaire: A Season in the Wilderness* (Nova Iorque: Ballantine Books, 1971), pp. 303–305.

*seus habitantes. Há pessoas lá, nem todos os desertos são inabitáveis, ainda que para os Estados a produção de algum excedente seja quase impossível. A escassez de vida favorece o nomadismo – seja por pastores, coletores, viajantes ou comerciantes. Ninguém pode viver esta vida sem ser alterado. Será levada, ainda que de leve, a marca do deserto, a marca que caracteriza o nômade*⁶.

Embora a concentração de poder possa surgir em qualquer sociedade com algum nível de domesticação, em geral, quanto mais nômade um povo é mais ele é suscetível à independência. Os governos sabem isso, como pode ser testemunhado pelas tentativas generalizadas de “sedentarizar” os povos nômades do deserto. Seja a sobrevivência obstinada de modos de vida aborígenes na Austrália⁷, a resistência intransigente dos apaches liderados por Victorio ou a recente insurreição Tuaregue no deserto do Saara, os povos nômades são, muitas vezes, adeptos da luta e/ou da fuga.

Helene Claudot-Hawad diz em uma discussão sobre o conflito tuaregue com Estados modernos que: “as fronteiras entre os Estados têm, por definição, uma linha fixa, imóvel e intangível, e são propositalmente feitas para não serem transgredidas. Separam o que supõem serem entidades mutuamente opostas⁸.” A independência de nômades resistentes muitas vezes é misturada com uma descrença prática em fronteiras, o que se torna uma ameaça para a base ideológica dos governos.

O aquecimento global irá estimular transformações nos usos humanos da terra. Como observado no capítulo anterior, em alguns lugares, populações campestres auto-suficientes provavelmente substituirão a monocultura voltada à exportação, enquanto em outros lugares, cultivos e plantações podem ser substituídos pela pecuária. Nas zonas áridas em expansão uma boa proporção dos que se adaptarem com sucesso poderá fazê-lo abraçando as liberdades nômades e a subsistência pastoral transumante⁹. Em outras, pastoras nômades e agricultoras podem voltar

6. Wilfred Theiseger, *Arabian Sands* (Londres: Penguin, 1959). Tive o atrevimento – ainda que, na minha opinião tenha valido a pena – de neutralizar o gênero nesta citação, isto é, ‘Ninguém’ era originalmente ‘Nenhum homem’ e ‘Será levada’ era originalmente ‘Ele levará’.

7. Veja por exemplo: Christobel Mattingleyed, *Survival In Our Own Land: Aboriginal experiences in ‘South Australia’ since 1936* (Sydney: Hodder & Stoughton, 1988).

8. Para se ter uma boa noção sobre a situação dos tuaregues veja: Helene Claudot-Hawad, *A Nomadic Fight Against Immobility: the Tuareg in the Modern State*, in: Chatty, Dawn ed. *Nomadic Societies in the Middle East and North Africa: Entering the 21st century*. (Leiden: Brill Academic Publishers, 2006).

9. Dado provável aumento da temperatura e a mudança na dinâmica de chuvas muitos fazendeiros irão se depa- rar com condições de plantio ainda mais desafiadoras. A pecuária pode se sair melhor que as plantações, especi- almente se os pastores desistirem de gado, que são menos tolerantes ao calor e adotarem a criação de cabras,

para a caça-coleta.

Pela maior parte da nossa existência enquanto espécie, todas nós éramos forrageadoras e o deserto foi a nossa casa. Sociedades de caça-coleta estão entre as mais igualitárias da Terra¹⁰ e onde tais culturas sobreviveram aos tempos modernos, elas têm feito isso em áreas distantes do poder centralizado e muitas vezes inadequadas para a agricultura. Por exemplo, o povo Spinifex do Grande Deserto Victoria tem sido capaz de manter sua vida tradicional, apesar do advento da Austrália, mesmo suas terras sendo tão estéreis que são inadequadas até mesmo para o pastoreio¹¹. O povo Kung também consegue viver bem e livre por meio da caça-coleta em um ambiente muito hostil – o Kalahari¹².

Quando as sociedades agricultoras enfrentam extrema escassez de alimentos ou violência externa, o forrageamento é uma estratégia adaptativa recorrente. Por vezes isso pode ser temporário, em outras, permanente. Assim, com a disseminação da desertificação podemos ver, em alguns lugares, uma propagação da deserção da civilização para algo parecido com a nossa vida selvagem anarquista inicial. Novos bandos inteiros de forrageiras podem evoluir após os colapsos da viabilidade agrícola e do retrocesso dos excessivos poderes dos Estados enriquecidos pela energia. Dada a condição atual de muitas pastoras e forrageiras de zonas áridas, é mais provável que, na maioria dos casos, veremos o hibridismo: um aumento das populações nômades autônomas baseando-se tanto em animais de pastoreio quanto em forrageamento.

ovelhas e camelos, que são mais capazes de lidar com condições mais secas e quentes." (p. 12.) "Em geral, no entanto, o setor pecuário provavelmente resistirá melhor que a agricultura empresarial, já que os rebanhos mistos mantidos pelos pequenos agricultores são mais capazes de lidar com chuvas irregulares. Sistemas transumantes, em que os animais são movidos de acordo com as estações, estão também em melhor posição do que aqueles onde os animais são mantidos em grandes fazendas comerciais de corte e de leite. Nessas áreas que são suscetíveis de se tornarem mais quentes e secas, a composição do rebanho mudará de extensos rebanhos de gado para a um maior número de pequenos rebanhos ou para camelos. Se isso significa que cada vez menos bois poderão ser mantidos, isto terá um impacto direto sobre a capacidade para exploração agrícola das terras. (p. 60.; Camilla Toulmin, *Climate Change in Africa* (Londres: International African Institute and Zed Books, 2009).

10. Richard B Lee & Richard Daly, eds *The Cambridge Encyclopaedia of Hunters and Gatherers* (Cambridge: Cambridge University Press, 1999).

11. Ainda que, para os militares britânicos este seja um terreno ideal para testes de armas nucleares.

12. Nisa, uma mulher Kung! San: "Lembro-me do tempo em que caminhava com meu amigos pelo monte. Nossas famílias se mudavam de um acampamento à outro e meus amigos e eu nos adiantávamos aos adultos, um sobre os ombros do outro, brincando de que éramos burros. Foi quando minha amiga Besa viu um animal selvagem atirado no chão morto; depois vimos outro e outro; fazia pouco tempo que os leões haviam matado-os. Voltamos correndo e gritando: "vimos três animais mortos pelos leões!" Os adultos nos contestaram: "Ai, ai, nossos filhos... nossos filhos maravilhosos... maravilhosos, maravilhosos filhos!" – Marjorie Shostak, *Nisa: The Life and Words of a !Kung Woman* (Nisa: la vida y las palabras de una mujer !Kung), Londres: Earthscan, 1990, p. 101.

Cortiços e o creosoto

Em um nível mais geral, algumas daquelas pessoas que têm um anseio pela vida selvagem e têm a necessidade de se libertar da autoridade tem gravitado rumo às fronteiras, frequentemente, para desertos quentes e regiões semi-áridas.

"Enquanto caminho na terna primavera

Ouç o chamado penetrante de suas ruas, Ó, Deserto!

Devo deixar minha casa na triste colina

Que triste são outras terras comparadas à você, Ó Deserto!"

– *Seidi, poeta turco do século XIX*

Estes territórios já existem – e cada vez mais – em várias regiões. Inclusive aquelas que vivem dentro dos limites das supostas potências mundiais irão vê-las crescerem dentro de suas fronteiras. Nas zonas do sul da Europa onde a água se torna escassa, fazendas e povoados abandonados têm sido repovoados por anarquistas, hippies, cultistas e outros que desejam se livrar da vigilância autoritária e da prisão do trabalho assalariado. Existem "deserções" similares no seco coração da Austrália e nos desertos do oeste da América do Norte. É importante destacar que aqui as comunidades indígenas persistem ou se re-estabelecem. A antiga estratégia de sobrevivência indígena – "nós estávamos aqui antes e estaremos aqui depois" – pode ser frutífera no deserto. Como numerosas lutas contemporâneas ilustram, anarquistas e povos nativos podem firmar boas alianças.

Algumas das mais antigas comunidades vivem em desertos. No Mojave há uma colônia clonal de arbustos creosotos que tem se expandido lentamente cuja idade é estimada em 11.700 anos. Testes genéticos recentes indicam que os bosquímanos do Kalahari são, provavelmente, a mais antiga população de seres humanos na Terra¹³. Essas comunidades – tanto de plantas como de humanos – são estimulantes exemplos de resiliência; apesar de que, mesmo tendo sobrevivido milênios nos desertos quentes, elas podem não sobreviver ao deserto cultural que ainda está se espalhando. O anel dos antigos arbustos creosotos fica bem próximo ao chão e cresce em uma terra que a US Bureau of Land Management (Agência de

13. Steve Conner, 'World's Most Ancient Racetraced in DNA Study', (As raças mais antigas datadas por estudos de DNA), TheIndependent (Londres), 1 de maio de 2009.

Administração da Terra – EUA) designou "para uso recreativo de veículos de tração nas quatro rodas¹⁴." O governo de Botsuana tem retirado à força muitas bosquimanas de suas terras para realocá-las em esqualidos campos de reassentamento, aparentemente para possibilitar a mineração de diamantes¹⁵. Para os povos livres e para a natureza selvagem, o habitat mais ameaçador de todos é o deserto cultural.

Em linhas gerais, à medida que o planeta esquenta, devemos nos lembrar das liberdades nômades dos povos pastores e forrageiros, o refúgio dos povos aborígenes e dos indivíduos desertores renegados bem como os habitats em expansão da flora e fauna do deserto. A expansão das zonas áridas irá trazer possibilidades positivas, apesar da tristeza de fazer de nós testemunha da extinção de habitats exuberantes¹⁶. Ainda assim, pode haver primavera no deserto. Já mencionei as possibilidades abertas pela disseminação de desertos quentes, mas é claro que existem outras que se fecham. Até mesmo algumas culturas relativamente anárquicas sobre as – ou além das – fronteiras do deserto se tornarão inviáveis. Espécies serão extintas. Enquanto muitas sobreviverão nas terras do deserto em expansão muitas vão optar por fugir do calor. Algumas dessas migrações – até certo ponto, isso já está acontecendo – serão intranacionais, mas muitas serão internacionais.

*No mundo árido e quente, os sobreviventes se reúnem para empreender a viagem para os centros árticos da civilização; Vejo-os no deserto quando desponta o amanhecer e o sol lança seu olhar penetrante em todo o horizonte do acampamento. O ar fresco da noite fria permanece por um tempo e, em seguida, como a fumaça, se dissipa enquanto o calor se impõe...*¹⁷

Estas são algumas das últimas palavras de Lovelock em A Vingança de Gaia. À medida que os desertos quentes se expandem e grande parte da civilização e da humanidade foge e/ou morre, o que poderemos dizer sobre os desertos frios; e sobre o novo "centro ártico da civilização"?

14. Rachel Sussman, The World's Oldest Living Things (As coisas vivas mais antigas do mundo), TED 2010, (www.ted.com).

15. Survival International, (www.survivalinternational.org/tribes/bushmen).

16. Sim, isso inclui pessoas.

17. James Lovelock, The Revenge of Gaia (Londres: Penguin Books, 2006), p. 159.

*"Degelo dos desertos frios, expansão da civilização
Genocídio e ecocídio em terras 'vazias'
Vidas de liberdade/escravidão em novas fronteiras
Junto disso, em outro extremo,
grandes rebanhos de renas caminham por
intermináveis milhas de musgo dourado,
em silêncio e com pressa."*

– *Extraído de The Fall of Rome (A Queda de Roma), W. H. Auden¹*

Capítulo 6:

De volta ao Terror Nullius

*Degelo dos desertos frios e a
consequente expansão da civilização*

Desde que a humanidade deu início ao seu processo evolutivo na África, os desertos frios têm se mostrado hostis à iniciativa do ser humano. É por essa razão que, apesar de serem cada vez mais afetados pelo avanço da civilização, têm conseguido permanecer indômitos em grande medida. Porém, as coisas estão por mudar: informações de climatologistas, povos indígenas, marinheiras, trabalhadoras sazonais e ecologistas coincidem ao afirmar que os efeitos da mudança climática global são maiores no extremo norte do planeta. Na Groenlândia, por exemplo, Sten Pederson agacha-se para colher seus repolhos², algo impensável há algumas décadas atrás. Através do gelo recém desprendido do ártico, ondas propulsionam navios de exploração em busca de petróleo, gás e riquezas³. Em

1. W. H. Auden, 'The Fall of Rome' (A queda de Roma), en, Collected Poems, Londres: Faber & Faber, 2004.

2. Tim Folger, 'Viking Weather: The Changing Face of Greenland' ('Clima viking: a face em transformação da Groenlândia'), em: National Geographic Vol 217 N°6, Junho de 2010, p. 49.

3. James Melic, James y Duncan Bartlett, Melting Ice Opens Up Potential for Arctic Exploitation (O derretimento das calotas polares abre possibilidades para a exploração do Ártico), BBC World Service – Business Daily: 22 de setembro de 2010, (www.bbc.co.uk/news/business-11381971).

grande parte do extremo norte (com exceção das áreas marcadas pelo legado dos gulags de Stalin e novas cidades) as intrusões da civilização são escassas ou temporárias, mas elas estão aumentando, e muitos acreditam que estamos no limiar de uma nova corrida do ouro. O tesouro enterrado se torna acessível e o território anteriormente congelado torna-se mais hospitaleiro para o assentamento e a agricultura. A civilização irá expandir assim que os desertos frios descongelarem-se.

Muitos governos do norte têm mantido, vergonhosamente, em segredo o fato de estarem olhando ativamente para o futuro frente aos efeitos da mudança climática sobre as terras que ocupam no momento, muitas vezes, apenas simbolicamente. Haverá quem se beneficiará da (crescente) riqueza hídrica causada pelo derretimento do extremo norte, assim como haverá muitas pessoas que serão prejudicadas pela escassez de água nas regiões quentes. O clima não acredita em injustiça. "Algumas... regiões do mundo... podem se beneficiar do aquecimento global nos próximos 20 a 30 anos, como condições de cultivo mais favoráveis em algumas partes da Rússia e do Canadá⁴." "O extremo norte do planeta vai sofrer uma enorme transformação ao longo deste século, tornando-se um local de aumento da atividade humana, maior valor estratégico e de importância econômica maior do que a atual⁵."

Essa transformação será alimentada pelo efeito climático da queima de combustíveis fósseis e da abertura de novas reservas. "A região pode abrigar 90 bilhões de barris de petróleo – o que vale gritantes 7 trilhões de dólares com o preço atual do petróleo – e 30% das reservas de gás inexploradas do planeta, de acordo com o US Geological Survey (Agência de Pesquisas Geológicas dos Estados Unidos)⁶."

Apesar da análise dos conflitos climáticos até agora ter se centrado naqueles de caráter bélico, deve-se também considerar a possibilidade de uma guerra fria pelo domínio de novos hidrocarbonetos, minerais e "recursos" terrestres tendo em mente que este tipo de guerra pode ser de um caráter fundamentalmente diferente.

Em áreas frias há geralmente países economicamente desenvolvidos e em áreas quentes estão países em desenvolvimento... Conflitos entre os países desenvolvidos podem levar à fatalidades concentradas, enquanto os de países em desenvolvimento, podem levar a um conflito que é mais difuso.

4. Camilla Toulmin, *Climate Change in Africa* (Mudança climática na África), Londres: International African Institute y Zed Books, 1999), pp. 15–16.

5. Laurence C. Smith, *The World in 2050: Four Forces Shaping Civilization's Northern Future* (O mundo em 2050: quatro forças que darão forma ao futuro da civilização do Norte), Nova Iorque: Penguin, 2010, p. 6.

6. 'Global Warming Poses Threats and Opportunities to Arctic Region' ("O aquecimento global gera desafios e oportunidades para a região do Ártico"), *Manila Bulletin*, 6 de dezembro de 2009.

Enquanto conflitos armados são caracterizados por lutas internas e pela quebra das funções do Estado, a guerra fria gera as condições em que se amplia o controle estatal e um conflito externo⁷.

É possível prever, então, o surgimento de uma nova Guerra Fria entre os centros de poder do Leste e do Oeste, embora desta vez seja evidente a disputa pelo Extremo Norte⁸. Por agora, a probabilidade de enfrentamento armado no Cinturão de Tensão Polar é muito menor do que nas zonas quentes do planeta onde, não menos importante, muitos dos países são potências nucleares. Sem dúvida o advento de conflitos semelhantes aos da Guerra do Bacalhau entre Islândia e Reino Unido, combinados com a arrogância diplomática (como o recente hasteamento da bandeira russa no fundo do mar do Pólo Norte)⁹, vão aumentar. O conflito só seria evitado no caso de não serem encontradas riquezas que justifiquem o enfrentamento. Infelizmente, este não parece ser o caso; ainda que não se encontre nada nas profundidades, a simples abertura do mar implica por si só novas possibilidades de comércio e movimento.

Há um continente esquecido nessa estória:

A Antártida sofrerá consideráveis mudanças devido a uma formação de terra que irá gerar a possibilidade de exploração econômica. É possível que as inúmeras reivindicações por soberania sobre a região deságuem em um conflito¹⁰.

Apesar de a Antártida contar ainda com uma grande quantidade de gelo e não esperarmos um enfrentamento pela zona até metade do século, isso não significa que os Estados não estejam investindo no assunto. Ironicamente, as descobertas científicas que nos têm permitido entender a mudança climática e conhecer certas características do clima e do passado,

7. James R. Lee, *Climate Change and Armed Conflict: Hot and Cold Wars* (A mudança climática e o conflito armado: guerras frias e quentes), Londres: Routledge, 2009), p. 167 e p. 17.

8. Por exemplo, a Estratégia de Segurança Nacional Russa, adotada na primavera (no hemisfério norte) de 2009, fez referência à possibilidade de utilizar as forças armadas em um conflito pelas reservas de hidrocarbonetos. 'Climate Change, the Arctic and Russia's National Security' (Mudança climática, o Ártico e a Segurança Nacional Russa), Pravda: 25 de março de 2010. (www.english.pravda.ru)

9. Vladimir Putin tornou pública sua convicção de que a Rússia tem uma necessidade imperiosa de preservar seus "interesses estratégicos econômicos, científicos e defensivos" no Ártico. Russia Plants Flag Under N Pole (Rússia planta bandeira no Pólo Norte), website da rede BBC News, 2 de agosto de 2007 (www.news.bbc.co.uk/1/hi/world/europe/6927395.stm).

10. James R Lee, *Climate Change and Armed Conflict: Hot and Cold Wars* (A mudança climática e o conflito armado: guerras frias e quentes), (Londres: Routledge, 2009, p. 102).

provêm do árduo trabalho de pesquisadores que prestam serviço à organizações estafais, como o British Antarctic Survey (Agência de Pesquisas Britânica na Antártida), cuja presença nesse continente, em grande medida, intensifica as reivindicações imperiais sobre um território que só poderá ser conquistado e domesticado mediante uma drástica mudança climática. Enquanto isso, os mares do extremo sul (em especial os que rodeiam as polêmicas Ilhas Malvinas) são cada vez mais explorados em busca de petróleo.

Ecocídio e genocídio em terras "vazias"

Quando o Reino Unido declarou a Austrália como terra nullius (terra de nada), a definiu também como um território vazio. Tanto seus habitantes como sua paisagem agreste se tornaram invisíveis, insuportáveis. Quando percebidos, eram considerados, corretamente, como um obstáculo para o progresso. Na atualidade, grande parte do território do Extremo Norte se encontra habitado, assim como a maioria das colônias. Mais que isso, a partir de uma perspectiva mais ampla pode-se afirmar que conta também com população animal. A tundra apresenta maravilhas que a civilização deplora após o esvaziamento e a ocupação. Após realizar uma magnífica exploração, o naturalista Barry López descreve a terra que tanto aprecia:

Em termos gerais, pode-se afirmar que o Ártico apresenta o delineado clássico de uma paisagem desértica: austero, equilibrado, extenso e silencioso... A aparente monotonia do território só é abalada pelas condições climáticas e a atividade da fauna, em especial as aves e caribus. Considerando que grande parte do terreno se encontra descoberto, a luz solar atravessa o ar e nos possibilita apreciar a vívida presença dos animais em frente aos nossos olhos.

Da mesma forma que aquelas paisagens que deixam uma primeira impressão de aridez, a tundra ártica pode abrir-se subitamente frente à busca de intimidade, como a coroa de uma flor. E assim torna-se possível começar a observar brilhantes pontos vermelhos, laranjas ou verdes entre o monótono marrom da grama característica.

Uma aranha-lobo atacando um escaravelho; fios de lã de um boi almiscarado caídos inertes sobre as flores de lavanda (...) A tundra ostenta uma riqueza de detalhes biológicos que qualquer sensação de vazio nestas terras se dissipa; mais que isso, parece se converter em um cenário que antecipa futuros acontecimentos. Em uma caminhada no verão, o ar límpido por causa do vento dá amostras de eterna pureza. De vez em quando reaparecem ocasionais sinais de vida isolados: pegadas de animais, restos de uma

perdiz que uma coruja deixou para trás ou folhas mastigadas por lebres árticas. As aves fazem companhia e seguem o rastro do ser humano (são conscientes de nossa condição animal: cedo ou tarde nos tornaremos alimento). Os maçaricos se espalham ao redor, ao grito de "tuitek", nome com o qual foram batizados pelos esquimós. Ao descer com esforço uma ladeira de pedra ciliar calcária coberta de pedregulhos, pode-se ouvir o eco de um tilintar; distante, um urso pardo se ergue em duas patas para nos enxergar, com as garras de suas patas dianteiras suspensas em uma quietude letal... Ainda assim, mesmo em terras desabitadas, não poderá escapar da evidente agitação que virá. A depressão que uma invasão brusca implica (como imposição irresponsável sobre a terra e seus habitantes) pode levar ao desespero¹¹.

A atual magnitude da invasão industrial não se compara com o ecocídio que se aproxima: à medida que o clima se torna mais quente na latitude norte, novas cidades, caminhos, instalações, campos e fábricas irromperão neste extremo. Este processo constituirá uma tentativa de genocídio. Povos pastores como o Sami¹² na Lapônia e tribos indígenas da Sibéria sofrerão a fragmentação e contaminação de suas terras, enquanto aquelas comunidades que vivem em terras férteis e ricas em recursos enfrentarão a erradicação, seja pela desapropriação ou pela assimilação à cultura industrial¹³. Existe uma minoria de zonas, como a Groenlândia, onde esse processo pode ser propiciado pelas próprias comunidades indígenas, já que perceberão determinados benefícios materiais com a desnudação das terras em processo de derretimento. No entanto, o mesmo padrão de repressão e resistência se fará presente nos numerosos casos onde as comunidades indígenas constituem uma minoria.

11. Barry Lopez, *Arctic-Dreams: Imagination and Desire in a Northern Landscape* (Sonhos Árticos: Imaginação e desejo em uma paisagem do norte), Nova Iorque: The Harvill Press, 1999), p. XXIII – XXVII.

12. A mera existência dos Estados-Nação constitui um problema para a natureza nômade dos Sami que pode ser fatal em sua tentativa de se adaptar à mudança climática, mesmo sem considerar a expansão da civilização. Veja: Erik Reinert et al, 'Adapting to climate change in Sami reindeer herding: the nation state as problem and solution' ("Adaptação do pastoreio Sami às mudanças climáticas: o Estado-nação como problema e solução"), em, W Neil Adger et al, *Adapting to Climate Change: Thresholds, Values, Governance* (Nos adaptando às mudanças climáticas: limites, valores e governos), Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp. 417– 431. Para informações mais detalhadas, veja: Hugh Beach, *The Saami of Lapland* (Os Sami da Lapônia), Londres: Minority Rights Group. 1988.

13. Em que momento pode-se dizer que uma comunidade indígena deixa de existir como tal e adapta-se à cultura generalizada? Cabe à essas comunidades em questão responder essa pergunta. É evidente que uma assimilação dessas características pode ser muito dolorosa; a crescente taxa de suicídios em comunidades recentemente assentadas dão conta disso, da mesma forma que as taxas de suicídios e auto-lesões aumentam à medida em que, em todas as partes do mundo, as crianças são educadas para se tornarem adultos: microprocessadores ou meras peças da engrenagem.

A potencial história de um conflito entre o antigo "mundo frio" e um novo mundo produto do aquecimento global e do "branco calor da revolução tecnológica" transcende o tempo futuro: diz respeito ao passado e ao presente. Muitos são os casos de desapropriação e destruição; também são numerosos os casos de resistência. Para citar um exemplo, apesar da escassez de recursos, certos indivíduos das tribos da Sibéria se opõem fervorosamente à expansão da infraestrutura de exploração de petróleo e gás em suas terras. Em uma oportunidade os grupos Nivkh, Evenk e Ulita bloquearam vários caminhos com suas renas durante três dias em protesto contra a instalação de novos gasodutos¹⁴. No caso particular do Canadá, o governo e as empresas têm enfrentado as sociedades indígenas que têm uma importante ética de proteção territorial e um crescente espírito combativo.

Apesar de terem sido registradas (e ainda são registradas) vitórias na batalha contra a expansão imperialista e sua infraestrutura no extremo norte, a firmeza e a determinação de seus habitantes nada pode fazer para deter a mudança climática. Os povos indígenas afirmam que, no momento, tanto suas vidas como a sobrevivência de seus estilos de vida têm sido afetados. Como disse Violet Fort, uma Inuit:

É impossível prever o clima; ele dificulta em grande medida nossa planificação de caça e gera medo e tensão em nossa comunidade¹⁵.

Declarações similares são encontradas no Ártico russo, onde as mudanças climáticas e o derretimento do gelo e da neve têm introduzido modificações na cultura, colocando em risco o estilo de vida dos povos pastores de renas, como no caso das Nenets na Península de Yamal¹⁶.

Em um dia de sol em uma península abatida pelas tormentas, saí em uma caminhada com um amigo. Ao nosso redor, nada mais do bosque, ondas, águias e orcas. Distante de qualquer caminho ou povoado, o lugar parecia imaculado aos nossos olhos. Ainda assim, entre as árvores podíamos observar os restos de

14. Survival International. Siberian Peoples Protest Against Oil and Gas Pipelines (Protesto dos povos siberianos contra os oleodutos), 26 de agosto de 2005, (www.survivalinternational.org/news/985).

15. Geoffrey York, 'Indigenous People Describe Real Perils of Global Warming' ("Os verdadeiros perigos do aquecimento global a partir da perspectiva indígena"), in, The Globe and Mail, 14 de dezembro de 2007.

16. Luke Harding, 'Climate Change in Russia's Arctic Tundra' ("A mudança climática na tundra ártica russa"), Guardian, 20 de setembro de 2010.

uma escola. Ferramentas agrícolas oxidadas espalhadas entre as ervas daninhas e o que outrora fora um campo, hoje em dia não é mais do que uma zona de caça para os pumas. O isolamento de zonas comerciais e a falta de lógica da política, somadas a um terreno hostil à um modelo importado de colonização, levaram à evacuação dessa costa. Ela me lembrou que, contrariando a vontade daqueles que planejam nosso mundo, em certas ocasiões a colonização falha e a natureza vence, situação que poderá se repetir no futuro¹⁷.

Vidas de liberdade/escravidão nas novas fronteiras

O retrocesso dos desertos frios dará novas possibilidades para quem desejar se assentar, invadir, resistir, trabalhar. Quem povoará as novas zonas? As características geográficas da paisagem e os terrenos de disputa social constituem um marco para aquilo que consideramos possível e desejamos realizar. Na América do Norte, durante o século XIX e princípio do século XX, foram assentadas as bases de um anarquismo individualista (com especial influência de Henry David Thoreau) partindo da ideia e da existência de fronteiras; portanto, a capacidade real para construir certo nível de autonomia e auto-suficiência no que, reconhecidamente, eram terras roubadas! Ao mesmo tempo, apesar de fortes correntes ambientais e anti-civilização, em uma Europa superlotada com menor disponibilidade de "sair para o estrangeiro", muitas anarquistas individualistas têm se voltado ao assalto à bancos, insurreição, assassinatos de aluguel e à arte. Espera-se que a abertura de novas terras tenha um forte impacto sobre a Europa e América do Norte, tanto para quem quiser fugir da civilização como para quem pretende propagá-la. As fronteiras em expansão propiciarão diversas possibilidades de vida em liberdade, embora possa acontecer das pessoas

17. Aos efeitos da civilização, o degelo do extremo norte representará tanto obstáculos como também a formação de novas rotas para o seu progresso. Lawrence C. Smith afirma que a causa do acesso reduzido aos caminhos por terra irá, em contrapartida, facilitar a inserção por via marítima. O surpreendente prospecto que encontro em conclusão para várias zonas remotas do interior é a diminuição da presença humana e seu regresso a um estado mais selvagem."— Lawrence C. Smith, *The World in 2050: Four Forces Shaping Civilization's Northern Future*, (O mundo em 2050: quatro forças que darão forma ao futuro da civilização do norte), Nova Iorque: Penguin, 2010, p. 170.

marginalizadas e renegadas sentirem as bases de uma "gentrificação" mais intensa nas zonas selvagens.

Por mais que a ideia soe tentadora, uma aldeia de cabanas anarquistas têm pouca chance de prosperar contra campos de trabalho e terras de lavoura semelhantes aos modernos gulags de Dubai ou às novas colônias chinesas de cultivo e corte de árvores na Sibéria. No deserto dos Emirados Árabes Unidos, trabalhadoras imigrantes vivem em condições paupérrimas e são movidas frequentemente de volta para Dubai para construir novas megalópoles. Não têm direito à cidadania, à permanecer no território uma vez terminado o prazo do contrato e nem a se casar (ou conviver), o conceito de família é praticamente nulo; tão pouco existem sindicatos oficiais que façam sua defesa. Em meio ao terror gerado pela "bomba-relógio" que representa a demografia da Índia, o governo de Dubai tem implementado um sistema complexo de imigração limitada onde somente é permitida a entrada de imigrantes de países diferentes, a fim de impor a segregação social entre as trabalhadoras. Na Sibéria, 600.000 trabalhadoras provenientes da China atravessam a fronteira a cada verão em uma migração temporária permitindo-lhes trabalhar nos novos campos¹⁸.

Em conclusão, as novas fronteiras darão lugar tanto para vidas de escravidão como para vidas de liberdade. Impulsionadas por um futuro cada vez mais sombrio por causa do aquecimento global ou pela promessa de prosperidade financeira, muitas pessoas vão ser forçadas a escolher entre uma das duas formas de vida. Aquelas leitoras com inclinação anarcossindicalista irão perceber uma semelhança entre esta situação e os campos de corte e mineração que serviram de campo de batalha para os Wobblies. A única união que conseguiu unificar as trabalhadoras migrantes "lumpen" de várias nacionalidades tem sido a organização Trabalhadores Industriais do Mundo (IWW em sua sigla em inglês), no início do século XX nos Estados Unidos. Dada a divisão cultural e falta de acesso aos sindicatos legais ou outros órgãos da social-democracia, é possível que o Novo Norte veja surgir um sindicalismo militante informal, influenciado também pelo anarquismo.

O climatologista Lawrence C. Smith tem traçado um claro paralelo entre a velha e a nova fronteira:

18. Parag Khanna Maps the Future of Countries (Parag Khanna e sua cartografia dos países do futuro), TED, julho de 2009. (www.ted.com).

A concepção de Novo Norte que podemos formar hoje em dia assemelha-se ao que foram os Estados Unidos em 1803, após a compra de Louisiana da França: um território com grandes cidades alimentadas pela imigração, com uma vasta e distante fronteira inóspita, longe dos centros urbanos. Seus desertos, como a tundra ártica, eram hostis, perigosos e ecologicamente débeis. Da mesma forma, continha grandes reservas de metais e hidrocarbonetos. E, como a tundra, eram habitados por nativos há séculos¹⁹.

É verdade que é difícil estimar a extensão em que a civilização vai expandir o "Novo Norte"; assim como a mudança climática, isso parece estar sujeito a futurologia. No entanto, o seu advento é inegável. Em alguns lugares seu progresso pode resistir com êxito; em outros, a arrogância da civilização falhará. Sua expansão representará novas possibilidades para aqueles que querem viver em mundos novos ou velhos, porém, com um clima muito mais quente.

19. Laurence C. Smith, *The World in 2050: Four Forces Shaping Civilization's Northern Future* (O mundo em 2050: quatro forças que darão forma ao futuro da civilização do norte), Nova Iorque: Penguin, 2010, p. 258.

Capítulo 7:

Convergência e novas aglomerações urbanas

Expectativas de vida e
expectativas de "vida moderna"

Em 2008 a humanidade passou um marco significativo – a maior parte de nossa espécie agora vive em cidades e não fora delas. Eu nem sequer tentaria adivinhar para onde exatamente – a não ser para a denudação ecológica¹ – o crescimento de cidades está nos conduzindo. Talvez para as domas de vidro da ficção científica, para as águas pútridas da Makoko contemporânea² ou

1. A tendência emergente, ver cidades como a salvação da natureza, é uma tolice sem sentido, apoiada por técnicas de contagem de carbono que ignoram a natureza complexa da industrialização. Para um bom exemplo recente desta crença falsa: Shanta Barley, *Escape to the City* (Escape para a Cidade), no *New Scientist* de 11 de Junho de 2010, pp 32-34. Observe que os editores sinalizaram na capa como o artigo principal com o título 'Utopia Urbana', o que realmente diz tudo!

2. Lagos, na Nigéria abriga um número estimado de 20 milhões de pessoas e é uma das megacidades que crescem mais rapidamente no mundo. Antes uma pequena vila de pescadores, Makoko cresceu até se tornar um conjunto de favelas com cerca de 100.000 pessoas que vivem, em grande parte, em palafitas à beira da lagoa da cidade de Lagos. Como muitas favelas, a área é largamente governada por gangues locais ao invés de gangues estatais.

para as avenidas abandonadas e devoradas pela selva das cidades maias. Muito provavelmente caminha em direção a todos os três destinos, e outros. Suspeita-se que ninguém saiba qual é a situação presente, muito menos para onde ela está nós levando. Como afirmou Mike Davis:

*Grandes cidades – aquelas com uma pegada ecológica global, não apenas regional – são, em mais de um sentido, o mais dramático produto final da evolução cultural humana no Holoceno. Presumivelmente elas deveriam ser o assunto de maior urgência para a investigação científica. Mas não são. Sabemos mais sobre a ecologia da floresta tropical do que sobre ecologia urbana.*³

A taxa de mudança é impressionante. Como ilustração, pegue megacidades, aquelas com mais de 10 milhões de habitantes. Enquanto não existia nenhuma em 1900, em meados dos anos de 1970 já havia três megacidades, e de lá para 2007 o número cresceu para dezenove, com a expectativa total de aumento para vinte e sete em 2025. Isto é, de três para vinte e sete em cerca de 50 anos. No geral, desde o começo dos anos 1990, cidades no 'mundo em (rápido) desenvolvimento' têm se expandido em três milhões de pessoas por semana⁴. Isso é mais ou menos equivalente a uma nova cidade do tamanho de Bristol, Bratislava ou Oakland a cada dia⁵. Por enquanto, as aglomerações urbanas parecem apontar para uma contínua expansão enquanto as pessoas forem oprimidas por forças que as afastam da agricultura e que os empurrem em direção à dualidade liberdade-escavidão das metrópoles.

Enquanto a distância entre os mais ricos e os mais pobres financeiramente do globo continua a aumentar, estatísticas da ONU, no entanto, mostram mudanças incríveis de estilo de vida para grande parte da população do mundo; mudanças que muitas vezes não são refletidas em nenhuma mudança de paradigma registrada por ativistas no mundo 'em vias de desenvolvimento'. Como Hans Roeleing apontou, o planeta frequentemente

3. Mike Davis, *Dead Cities and Other Tales* (Cidades Mortas e Outros Contos) Nova Iorque: The New Press, 2002, p.363.

4. Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos, *Estado das Cidades do Mundo 2008/2009* (Londres: Earthscan, 2008), citado em Laurence C. Smith, *The World in 2050: Four Forces Shaping Civilization's Northern Future* (O Mundo em 2050: Quatro Forças Moldando o Norte Futuro da Civilização) Nova Iorque: Penguin, 2010, p. 32.

5; Dados populacionais retirados de censos estaduais. Bristol: 433.100 (Reino Unido 2001). Bratislava: 429.000 (Eslováquia 2006).Oakland: 446.901 (EUA 2010).

é visto como dividido entre:

'Nós' e 'eles' sendo que 'nós' é o Mundo Ocidental e 'eles' é o Terceiro Mundo. 'E o que você quer dizer com Mundo Ocidental?' eu disse. 'Bem, é vida longa e família pequena, e o Terceiro Mundo é vida curta e família grande⁶.

Uma imagem simplista sempre obscurece diferenças de classe, culturais e regionais, mas havia alguma verdade nisso. Não mais. As mudanças na expectativa de vida e tamanho da família em todo o mundo são apenas as mudanças mais óbvias. Ao lado delas estão enormes transformações na saúde em geral (tanto as boas quanto as ruins)⁷, planificação familiar e o aumento do grau de mercantilização das relações sociais. No entanto, mesmo em um planeta onde acidentes de trânsito atualmente matam um número de pessoas similar ao de mortes por malária, a antiga imagem ainda persiste⁸.

Nas cidades em crescimento, especialmente, as revoluções sociais tangíveis (tais como o aumento da expectativa de vida) combinam-se ao mito do Sonho (não) Americano, propagado pela mídia, de produzir expectativas irrealistas de 'vida moderna'. Apesar do descontentamento geral gerado pelos conflitos de classe e pela incapacidade do sistema de satisfazer a promessa de bem-estar, a expectativa desse ideal de vida tem conseguido perpetuar suas tentativas de assimilação e submissão ao poder. Pelo lado positivo, muitas pessoas pelo menos terão vida longa para experimentar a possibilidade do amor, bem como o inevitável deslocamento social e crescente desigualdade de classe.

Mundos divergentes

Quem vê essas transformações como condutores mágicos das espécies em direção a uma convergência baseada em onde estas tendências levaram o Ocidente⁹, está se iludindo, mesmo sem os limites reais agora definidos

6. Hans Rosling, Hans Rosling shows the best stats you've ever seen (Hans Rosling apresenta as melhores estatísticas que você já viu). TED, Fevereiro 2006. (www.ted.com).

7. Ver: Christine McMurray e Roy Smith, *Diseases of Globalization: Socio economic Transitions and Health* (Doenças da Globalização: Transições Sócio-Econômicas e Saúde) Londres: Earthscan, 2001.

8. 1.20 milhões e 1.27 milhões respectivamente em 2002. Tim Halliday e Basiro Davey, *Water and Health in an Overcrowded World* (Água e Saúde em um mundo superpovoado) Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 39.

9. Como se nós estivéssemos condenados...

pela mudança climática, escassez de recursos etc. Para começar, há estimativas de que mesmo se tomarmos essas tendências como um dado, ainda restará uma população rural que se aproximará de três bilhões no meio do século XXI¹⁰. Muitos destas agricultoras, bem como muitas habitantes das cidades, provavelmente estarão vivendo em economias estagnadas semelhantes à dos países mais pobres entre os pobres. Além disso, muitas destas populações menos convergentes provavelmente estão nos países vulgarmente descritos como Estados falidos. Esses países têm pouca probabilidade de 'crescer' graças às barreiras adicionais fornecidas pela ascensão (ou mais precisamente regresso) das potências globais da China e Índia¹¹.

Como observado anteriormente¹², a presença destas "grandes ilhas de caos"¹³ (Paul Collier, ex-Banco Mundial) traz possibilidades positivas, bem como negativas – pelo menos da minha perspectiva anarquista. Parece provável, portanto, que, em vez de uma convergência global, veremos o surgimento contínuo de mundos radicalmente divergentes – tanto entre nações quanto dentro delas.

Além disso, a repentina inversão das tendências, na saúde, por exemplo, pode surpreender. Basta olhar para a imprevisível epidemia de AIDS na África ou o dramático aumento nas taxas de mortalidade dos Russos do sexo masculino na década de 1990. Dentro da medicina e entre planejadores da elite há um generalizado, e não por pouco, temor que as megacidades de hoje e os sistemas de produção de alimentos estejam se tornando incubadoras perfeitas para possíveis pandemias de ferocidade sem precedentes.

Uma conclusão útil (embora simplista e, portanto, falsa) pode ser a de que muitas pessoas nos países massivamente industrializados tendem a ainda sustentar uma visão de um Terceiro Mundo que é muito menos industrializado do que boa parte dele realmente é, enquanto muitos nas

10. Laurence C. Smith, *The World in 2050: Four Forces Shaping Civilization's Northern Future* (O Mundo em 2050: Quatro Forças Modelando o Norte Futuro da Civilização) Nova Iorque: Penguin, 2010, p. 35

11. "...O bilhão de baixo vai ter que esperar um longo tempo até que o desenvolvimento asiático crie uma diferença salarial semelhante à enorme lacuna que prevaleceu entre a Ásia e o mundo rico por volta de 1980. Isto não significa que o desenvolvimento no bilhão de baixo é impossível, mas faz com que seja muito mais difícil. Os mesmos processos automáticos que impulsionaram o desenvolvimento asiático impedirão o desenvolvimento do bilhão de baixo" – Paul Collier, *The Bottom Billion: Why the Poorest Countries are Failing and What Can Be Done About It* (O Bilhão de Baixo: Por Que Os Países Mais Pobres estão Falhando e O Que Pode Ser Feito Sobre Isso) Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 86. Ainda que alguém veja o processo acima como "automático" como Collier descreve ou o vê como uma expressão de interesses de classe (ou ambos), o tom geral de sua conclusão é persuasivo.

12. Ver Capítulos 3, Tempestades do deserto, e 4, Rotas africanas para a anarquia.

13. Paul Collier, *The Bottom Billion: Why the Poorest Countries are Failing and What Can Be Done About It* (O Bilhão de Baixo: Por Que Os Países Mais Pobres estão Falhando e O Que Pode Ser Feito Sobre Isso) Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 3

economias emergentes do Sul global visualizam futuros muito mais otimistas e pré-determinados do que provavelmente são; e, finalmente, aquelas populações que (de uma perspectiva econômica padrão) estão na parte inferior, irão, no médio prazo, parecer muito com o que já parecem agora, mas provavelmente estarão vivendo em ambientes menos acolhedores. O melhor que se pode dizer é que as tendências de convergência irregulares em muitos dos países em desenvolvimento (por enquanto) continuarão (mas não de maneira universal).

Não existem destinos definidos e os percursos podem, de fato, serem irregulares também devido à rivalidade dentro do poder. As tendências mencionadas apresentam um duplo efeito: congregam grande parte da humanidade ao mesmo tempo em que engendram uma segregação sem limites. Nas sempre alegres palavras da Agência de Inteligência Nacional dos EUA sobre o fenômeno da convergência, "...as tendências de hoje parecem estar conduzindo para um mundo potencialmente mais fragmentado e conflituoso¹⁴."

Sobrevivência nos subúrbios

Enquanto diferentes lugares são, por natureza, diferentes, uma constante sobre as metrópoles em ascensão são as favelas. Pelo menos um bilhão de pessoas já vive nelas, um número que deverá aumentar para dois bilhões dentro de duas décadas e três bilhões de pessoas até meados do século. Isto significa que uma em cada três pessoas¹⁵ na terra poderá viver em terrenos urbanos não-formais, em barracas, tendas, chapas de zinco, cortiços ou em meio ao lixo. Já em muitos países, moradores de favelas compõem a maioria dos habitantes urbanos. 99,4% na Etiópia e no Chade, 98,5% no Afeganistão e 92% no Nepal. Bombaim é a capital global da favela, com 10~12 milhões de faveladas e moradores de cortiços, seguido de Cidade do México e Dhaka com 9~10 milhões cada, em seguida, Lagos, Cairo, Kinshasa-Brazzaville, São Paulo, Xangai e Deli todas com 6-8 milhões¹⁶.

A primeira noite que eu dormi em uma ocupação no Terceiro Mundo me

14. Global Trends 2025: A Transformed World (Tendências Globais 2025: Um Mundo Transformado) Washington: Conselho de Inteligencia Nacional dos EUA, 2008, p. 99. citado em, Laurence C. Smith, The World in 2050: Four Forces Shaping Civilization's Northern Future (O Mundo em 2050: Quatro Forças Modelando o Norte Futuro da Civilização) Nova Iorque: Penguin, 2010), p. 43

15. Robert Neuwirth, Shadow Cities: A Billion Squatters (Cidades Fantasmas: Um Bilhão de Ocupantes Ilegais, um Novo Mundo Urbano) Londres: Routledge, 2004).

16. Estatísticas das Nações Unidas citada em: Mike Davis, Planet of Slums (Planeta de Favelas) Londres: Verso, 2007, p. 23.

senti, surpreendentemente, em casa. Estou certo de que qualquer um que tenha vivido em squats (especialmente okupas) no hemisfério norte sentiria o mesmo. Sistema elétrico improvisado, ar de camaradagem, sujeira, cães em todos os lados. Se o 'M' com seus arcos brilhantes sinalizam a presença da globalização corporativa, então os abrigos construídos com lonas desbotadas de plástico azul e paletes também são indicadores globais – assinalam que você está entrando no mundo das ocupações ilegais. Acordar com galinhas em sua cara é um indício que você provavelmente acordou no Terceiro Mundo; mas isso também aconteceu comigo no sul de Londres... A família que estava me hospedando era adorável, e existia tanta energia, criatividade e resiliência agrupadas nos barracos do beco, por toda parte, que realmente senti como se estivesse em uma Zona Autônoma Temporária[‡].

Muito do que eu experimentei naquela comunidade me fez estranhamente orgulhoso de ser humana, mas aqueles de nós que veem soluções como decorrência da autonomia, informalidade, auto-ajuda e luta de classes podem cair na armadilha de ver nas favelas somente o que desejam. Não me interpretem mal – todos esses motores estão presentes, mas assim também em diferentes graus estão todas as divisões de intra-classe previsíveis, bem como profundas opressões de classe. Por exemplo, só porque é uma favela – ou mesmo um assentamento irregular – não significa que ela não tem senhorias. Isso muitas vezes começa no nível mais baixo com subdivisões, teto e quartos alugados por habitantes estabelecidos para quem chega depois. Como Mike Davis aponta (em seu livro caracteristicamente incrível, e francamente angustiante, 'Planeta de Favelas' [Planet of Slums]): "É a forma principal com a qual os pobres urbanos podem monetizar seu patrimônio (formal ou informal), mas muitas vezes em uma relação de exploração de pessoas ainda mais pobres"¹⁷."

Outros, de gangsters a grandes promotores imobiliários, políticos, juntas e membros da classe média também entram no ato. Nas favelas de Nairobi, por exemplo, muitas das pessoas que atrasam o pagamento do aluguel, mesmo que por um dia, enfrentam o terror de a proprietária e seus capangas confiscarem os seus bens escassos, de se sujeitarem à expulsão ou algo pior. Tais proprietários são referidos pelos Quenianos simplesmente como "Wa-

‡. Zona Autônomas Temporária (TAZ – Temporary Autonomous Zone) é um livro e um termo cunhado pelo escritor anarquista ontológico Hakim Bey para descrever uma área (de terra, tempo ou imaginação) libertada através de táticas sócio-políticas não-hierárquicas de levantes e criação de espaços livres, independentes e autônomos, com foco na sua existência no momento presente; a erupção de uma cultura livre onde a vida é experienciada em máxima intensidade (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Zona_Aut%C3%B4noma_Tempor%C3%A1ria).

17. Mike Davis, Planet of Slums (Planeta de Favelas) Londres: Verso, 2007, p. 42.

benzi" – aqueles com dinheiro suficiente para comprar um Mercedes-Benz¹⁸.

Temos dito onde a maior parte da população urbana vive, mas e quanto ao que fazem, onde trabalham, e aonde estão indo? As respostas são, obviamente, extremamente diversas e não vou fingir ser capaz de lhe dizer. O que vou dizer é que muitas das pessoas que habitam favelas poderiam ser vistas e ver a si mesmas como em transição. Transição do campo para a cidade. De refugiada à trabalhador(a). De sem propriedade à proprietária. De moradora de favela à moradora de um lugar melhor.

Esta narrativa é tão antiga quanto o capitalismo. Camponesas/trabalhadoras agrícolas são desapossadas e acabam em favelas na cidade. No Ocidente, após uma sucessão de eventos horrorosos, se chegou ao trabalhador(a) industrial¹⁹ contudo, o processo implicou um século de revoluções nascidas na França em 1848 e finalizadas na Espanha em 1938. Estas insurreições foram amplamente impulsionadas por classes em transição, um tanto semelhantes às de hoje, que no processo de tornarem-se proletariado não formavam parte "nem de uma sociedade industrial nem de uma rural, mas sim que se encontravam em um ponto intermediário de alta tensão²⁰". Para além da veracidade desta grande história de evolução de classes no início do capitalismo, as histórias que estão sendo escritas hoje em dia não têm um roteiro determinado e não deve-se dar por certo que sua conclusão será a mesma.

Enquanto muitas pessoas nas favelas ou já trabalham no mundo da escravidão assalariada ou acabarão trabalhando, muitas outras sobrevivem na chamada economia "informal", um setor que em algumas cidades é muito maior (em termos de pessoas envolvidas do que na economia formal. Este sistema poderia significar uma potencial explosão que dará lugar à emergência de numerosas classes sociais sem direção alguma e que excedem a demanda do capitalismo.

Um proletariado sem fábricas, oficinas, trabalho e nem chefes, envolto em um emaranhado de trabalhos estranhos e indefinidos, na luta pela sobrevivência, abrindo caminho entre o fogo²¹.

18. Robert Neuwirth, *Shadow Cities: A Billion Squatters* (Cidades Fantasma: Um Bilhão de Ocupantes Ilegais, um Novo Mundo Urbano) Londres: Routledge, 2004).

19. Leopold Roc, *Industrial Domestication: Industry as the Origins of Modern Domination* (Domesticação Industrial: Indústria como a Origem da Dominação Moderna) Biblioteca Anarquista (www.theanarchistlibrary.org).

20. Murray Bookchin, citado durante uma descrição das classes de transição históricas e presentes em: *Down with Empire, Up with Spring!* (Abaixo o império, Viva a Primavera!) TeWhanganui a Tara/Wellington: Rebel Press, 2006, p. 150.

21. Patrick Chamoiseau, citado em Mike Davis, *Planet of Slums* (Planeta de Favelas) Londres: Verso, 2007, p. 174.

22. Camilla Toulmin, *Climate Change in Africa* (Mudança Climática na África) Londres: Instituto Internacional Africano e Zed Books, 2009, pp. 70 – 118.

Graças à falta de saneamento, abastecimento de água e drenagem, a escassez de água e a propagação de doenças são alguns dos maiores problemas enfrentados atualmente por muitas pessoas que moram em favelas. Mesmo sem a maciça mudança climática que está para surgir, o número de grandes catástrofes em áreas urbanas tem aumentado rapidamente e a maior parte deste crescimento é devido a tempestades e inundações²². Sem sistemas de escoamento de águas de tempestades será impossível evitar que as instalações precárias sejam arrasadas, já que a maioria se encontram localizadas em zonas vulneráveis a inundações. O poder de recuperação de tais comunidades é incrível, mas podemos presumir que as grandes inundações que virão serão suscetíveis de agravar a crise e a instabilidade sociais.

Deuses antigos e novos paraísos

De longe, a experiência menos agradável que eu tive no bairro ocupado que mencionei anteriormente foi participar de uma missa de domingo. Eu tinha conseguido me esquivar de outras, mas desta vez não havia como escapar. A igreja era o maior edifício no bairro e também era em grande parte construída a partir da recuperação de objetos. Achei realmente perturbador ver muitas das pessoas, com quem eu tinha passado algum tempo, espalhando irracionalidade religiosa, encenando fúteis rituais e submetendo-se à autoridade de pregadores, de deus e da escritura. A igreja tinha recebido algumas fitas de hinos de uma denominação pentecostal dos EUA e, portanto, eu estava sentado ouvindo centenas de ocupantes ilegais que, embora o inglês não fosse sua primeira língua, cantavam hinos americanos com sotaques pseudo-americanos. Na verdade, no país em que eu estava, nem sequer uma livraria na capital (todas as quais eram propriedade de igrejas) vendia algo mencionando a evolução, muito menos a revolução anarquista. É fácil para aqueles de nós de sociedades com altos percentuais de ateísmo subestimar o nível de religiosidade que é misturado com o industrialismo no sul global, onde, entre os pobres pelo menos, se impõe uma crença de maneira constante e conjunta.

Claro que grande parte da política radical pode ser considerada como outra forma de religião, mas nas favelas, e entre as pessoas desprovidas em geral, os antigos deuses estão crescendo em estatura. Enquanto seitas podem ser diferentes em seu grau de quietismo ou militância, elas compartilham uma irrealidade que é improvável que venha a ajudar na capacidade

de leitura do mapa da opressão em tempos verdadeiramente confusos. As acusações contra a religião têm sido discutidas bem em outros lugares²³, por isso não vou me incomodar, mas é importante notar que, enquanto a mais organizada intra-classe 'concorrente' das anarquistas ocidentais são agrupamentos políticos, em muitos lugares no terceiro mundo anarquistas enfrentam o fortalecimento das fileiras da teocracia. Isso ocorre, claramente, nos lugares onde (ainda que em escassez, em ascensão) o anarquismo se encontra presente. Em contraste, o autoritarismo religioso parece estar ganhando adeptos em toda parte e, em geral, quanto mais deslocamento social, melhor o recrutamento²⁴.

No Capítulo 4 (Rotas Africanas para a Anarquia) nós olhamos para a expansão de uma organização social não-estatal conforme os governos abrem mão de compromissos firmados anteriormente – em parte devido ao ajustamento estrutural e similares. Em meio a toda a dor óbvia que isso cria, aponte para as possibilidades que se abrem para as forças sociais libertárias. Infelizmente, nas favelas de Kinshasa à Gaza, é o autoritarismo religioso que está mais frequentemente aproveitando este potencial para construir duplo (ou múltiplo) poder através do fornecimento de saúde e cuidados gerais, e isso muitas vezes é feito juntamente com o acúmulo de capacidade armada. A terrível herança de falhas e sucessos da esquerda tem apenas deixado o campo aberto para o crescimento das autoridades teocráticas milenares entre as favelas e "grandes ilhas de caos".

Se a maior parte das pessoas pobres estão vivendo em condições infernais, e depositando sua esperança na ideia de novo milênio ou de vida após a morte, as elites e classes médias estão vivendo cada vez mais em paraísos vigiados inspirados nos subúrbios fechados dos EUA. Ali, argumenta Mike Davis, estão construindo (ou, mais precisamente, vem sendo construído para elas) 'mundos-ilhados' ao estilo Blade Runner, longe dos desordenados e perigosos mundos da despossessão. Embora alguns desses 'mundos-ilhados' sejam tão 'ilhados' que as pessoas pobres estão muito

23. "A idéia de Deus implica a abdicação da razão humana e justiça; é a negação mais decisiva da liberdade humana, e necessariamente termina na escravização da humanidade, na teoria e na prática... se deus realmente existisse, seria necessário abolí-lo." – Mikhail Bukunin, *God and the State* (Deus e o Estado) Nova Iorque: Dover Publications, 2003. Veja também: Richard Dawkins, *The God Delusion* (Deus um Delírio) Londres: Black Swan, 2007.

24. Seria muito simplista por a culpa de tudo isso no industrialismo, mas relações claras podem ser vistas – por exemplo, aquela demonstrada por Vandana Shiva entre a propagação da revolução verde e o crescimento de movimentos comunalistas fundamentalistas na Índia. Na verdade, a guerra no Congo e a subseqüente propagação de cultos nativos/Pentecostais empenhados em resolver os seus problemas através da expulsão de dezenas de milhares de "crianças bruxas" é um sinal ainda mais assustador do casamento do moderno e do mágico.

25. Contorcendo-se em agonia, com seu braço perdido em uma usina de açúcar, o escravo Francois Makan-

distante, a maioria esta potencialmente ao alcance. Como no Apartheid na África do Sul (ou na África do Sul de hoje, para não ir tão longe) esses paraísos ainda precisam de mão-de-obra – para a limpeza, a jardinagem, motoristas de vans e guardas de segurança – muitos dos quais vivem nos infernos circundantes. Como as oligarquias envenenadas do Haiti²⁵ poderiam lhes dizer, a presença de câmeras de segurança não garantirá que o universo ilhado seja tão seguro quanto aparenta.

Em tais mundos divididos – e tais cidades divididas – revoltas e conflitos generalizados sempre acontecem. Estrategistas militares têm previsto por décadas revoltas e guerra de guerrilha nas cidades crescentes, e até certo ponto já estamos vendo-as nos conflitos de Revolução/Sadr City e similares. A combinação de disparidade de renda sem precedentes, a privação, a aglomeração e a disseminação de gangues criminosas e grupos milenares é uma mistura letal. Como um relatório de um grupo de estudos do Exército dos EUA coloca:

Características distintivas das 'grandes cidades'... incluem uma marcante polarização econômica e social e uma intensa segregação espacial. Nós também observamos o que é provavelmente um efeito destas condições: a grande variedade de atores anti-estado. Anarquistas, criminosos, desprovidos, intrusos estrangeiros, oportunistas cínicos, lunáticos, revolucionários, líderes trabalhistas, nacionais e étnicos... entre outros, podem todos formar alianças de conveniência. Eles também podem cometer atos de violência e lidar com idéias que provocam outros... Análises que se concentram em um único fio do tecido da violência – que isolam a rivalidade étnica, máfias, ou o quadro revolucionário – podem subestimar o poder disruptivo que esses fenômenos ganham quando eles coinci-

dal teve uma visão milenar de gloriosas cidades negras Haitianas livres. "Imediatamente após a sua mutilação, Makandal exerceu o papel de um profeta e construiu um considerável número de seguidores no norte de Limbe. Por volta de 1740, Makandal tinha fugido para os quilombos e usado suas redes secretas para construir uma força de milhares em todo o Haiti, infiltrando-se em cada casa e plantação e trazendo veneno para cada uma, adaptou o conhecimento do Oeste Africano para as circunstâncias locais. Dependentes de seus funcionários, a plantocracia ficou indefesa quando um dia o seu gado morreu, depois seus animais domésticos e, finalmente, eles mesmos e suas famílias. 6.000 foram mortos antes que Makandal estivesse terminado" – John Connor, Children of Guinea: Voodoo, The 1793 Haitian Revolution and After (Crianças de Guiné: Voodoo, A Revolução Haitiana de 1793 e Depois) Londres: Green Anarchist Books, 2003, p. 11.24. Anarchist Books, 2003, p. 11.

dem. Problemas não virão como simples soldados; eles virão em batalhões²⁶.

Então o exército (e forças policiais militarizadas) está lutando e se preparando para o conflito nas novas, não mapeadas, selvas urbanas. É claro que, se as cidades fossem simplesmente algo negativo para os governos, eles não teriam gasto milhares de anos ordenando a construção delas. Existem razões pelas quais Estados frequentemente gostam de manter seus súditos concentrados. A mais famosa tentativa de urbanização militarizada moderna foi a realizada pelo exército dos EUA no Vietnã. A derrota deles não deveria mascarar a lógica de sua tentativa de 'drenar o mar' e, assim, levar combatentes Vietcongues à exposição. Exemplos mais amplos de como as favelas dissuadem a insurgência são abundantes. Como Charles Onyango-Obbo diz:

No caso do Quênia, as favelas – apesar de todos os seus riscos – são na realidade uma força estabilizadora. As pressões criadas pela grande expropriação de terras no Quênia pelos colonialistas, que continuou depois da independência, foram parcialmente absorvidas pelas favelas de Nairóbi... Sem elas, talvez não teria havido uma segunda revolta em Mau Mau²⁷.

Ervas daninhas em ecossistemas urbanos

Apesar de serem instrumentos de domesticação, há possibilidades selvagens nas cidades como em quase todo lugar. O seu posto como o terreno exclusivo do poder é uma ilusão generalizada, mesmo sonda ela embasada por fatos violentos. Nenhum lugar é totalmente civilizado. Para começar,

26. Geoffrey Demarest (Escritório de Estudos Militares Estrangeiros do Exército dos EUA, Forte Leavenworth), *Geopolitics and Urban Armed Conflict in Latin America* ("Geopolítica e Conflito Urbano Armado na América Latina"), em *Pequenas Guerras e Insurgências*, Vol.6, No.1 (Londres: Routledge, 1995). Este artigo está um pouco desatualizado (máquinas de fax como ameaça a rede!), mas definitivamente vale a pena ler como uma boa ilustração da circularidade do pensamento na possibilidade insurrecional. Eu li quando Mike Davis (que é um socialista revolucionário) referenciou esse estudo no seu livro *Planeta de Favelas* de 2006, mas é notório que uma grande parte de sua tese vem de seu livro anterior (que é citado) *Cidade de Quartzo*...27. Charles Onyango-Obbo, 'Kibera. São pessoas comuns de cidades ricas que precisam mais de favelas', *Daily Nation*, op/ed 08 de julho de 2009.

como diz o teórico do exército dos EUA citado acima: "...o ambiente urbano oferece anonimato individual, um fator que pode ser de grande utilidade para anarquistas²⁸."

Nas últimas duas décadas têm sido isto o surgimento de uma "terceira onda" de anarquistas em muitas das cidades do mundo: Manila, Jacarta, Cidade do México, Lagos, Seul, Buenos Aires, Istambul, Deli e muitas outras, com um crescimento verdadeiramente notável, especialmente na América Latina. Nós estamos vendo, com isso, o que parece ser o início do retorno ao florescimento de diversos Anarquismos transnacionais, o que nos caracterizou há um século atrás²⁹. Este processo ocorre como parte da globalização; não nos surpreende o crescimento das cidades, já que as sementes do movimento social Anarquista têm se espalhado por todos os cantos do planeta à sombra do capitalismo, se enraizando com maior força em terrenos hostis, assim como as ervas daninhas.

Como Richard Mabey colocou, a civilização divide a vida em:

...dois campos conceitualmente diferentes: aqueles organismos contidos, gerenciados e criados para o benefício dos humanos, e aqueles que são "selvagens", que continuam a viver em seus próprios territórios em, mais ou menos, seus próprios termos. Ervas daninhas surgem quando esta compartimentação ordenada se quebra. O selvagem invade nossos domínios civilizados e domesticados, gerando assim um motim³⁰.

Mais cedo nós observamos algumas continuidades anárquicas que, ainda que sitiadas, continuam a viver "em seus próprios territórios em, mais ou menos, seus próprios termos". Apesar de que, desde o nascimento, as maiorias das pessoas que vivem nas cidades têm sido "contidas, conduzidas e criadas" para o benefício de outros, as possibilidades de fuga estão freqüentemente presentes. Há rachaduras no pavimento e nosso crescimento pode deixá-las maiores. Ainda que vencer a batalha contra o asfalto

28. Geoffrey Demarest (Escritório de Estudos Militares Estrangeiros do Exército dos EUA, Forte Leavenworth), *Geopolitics and Urban Armed Conflict in Latin America* ("Geopolítica e Conflito Urbano Armado na América Latina"), em, *Pequenas Guerras e Insurgências*, Vol.6, No.1 (Londres: Routledge, 1995).

29. Jason Adams, *Non-Western Anarchisms: Rethinking the Global Context* (Anarquismos Não-Occidentais: Repensando o Contexto Global) Joanesburgo: Zabalaza Books, 2003.

30. Richard Mabey, *Weeds: How Vagabond Plants Gatecrashed Civilisation and Changed the Way We Think About Nature* (Ervas Daninhas: Como Plantas Vagabundas Invadiram a Civilização e Mudaram a Forma Como Pensamos Sobre a Natureza) Londres: Profile Books, 2010, p. 21.

seja muito difícil em muitos lugares, podemos abrir caminho e criar espaço para o crescimento conjunto.

Em alguns sentidos, pode-se dizer que as ervas daninhas estão "do outro lado"; elas estão vivendo em oposição à cidade, mas ao mesmo tempo são parte do ecossistema urbano global. Vê-las em isolamento, sem implicitamente ver suas ligações e interações dentro da comunidade em geral, seria tolice. O mesmo pode ser dito de indivíduos com ambições selvagens – como anarquistas urbanos somos todas conscientemente "alheias" ao nosso contexto ao mesmo tempo em que constituímos uma peça intrincada em um ecossistema muito mais – tanto em nível humano como em níveis superiores. Anarquistas em todos os mundos urbanos estão fomentando suas próprias contraculturas enquanto lutam ativamente em lutas sociais e ecológicas mais amplas ao lado de trabalhadoras em greve, povos indígenas, organizações de mulheres, migrantes, comunidades de favelas e inúmeros outros. No entanto, basta olhar para a recente repressão enfrentada por anarquistas no Chile e em outros lugares para lembrar que ser "a erva daninha que cresce entre as rachaduras" é perigoso: sempre toparemos com algum tipo de "herbicida". A solidariedade internacional às vezes é útil, mas será o vigor das próprias plantas e o quão apropriado seu ambiente que primeiramente determinará se elas criarão raízes. Se, como experts da elite do poder temem, a rápida expansão não planificada de cidades do sul do globo servir como terra fértil para o crescimento da anarquia, a era das mega-cidades será, de fato, interessante. O que esperam as rebeliões? Quais ideologias serão elaboradas? Como os seres humanos se sentirão e como irão se conceber com esta enorme perda de contato com a terra? Todas essas cidades permanecerão até o fim do século ou são uma afloração transitória?

"Longa vida às ervas daninhas e à natureza selvagem"³¹. Temos olhado rapidamente para as mono-culturas urbanas em expansão, mas e quanto ao seu oposto, a castigada biodiversidade selvagem? Como a mudança climática, o conflito, a expansão e contração da civilização a afeta? O que podemos fazer nós, as ervas daninhas, para defender o selvagem?

31. Gerard Manley Hopkins, 'Inversnaid' em, *Poemas e Prosa* (Londres. Penguin Classic, 2008), p. 50.

Capítulo 8:

Conservação em meio à mudança

Apocalypsis now

Enquanto a sociedade de classes existir, a guerra contra o selvagem seguirá seu curso: elas são a mesma coisa. A resposta ideal à pergunta proposta ao final do capítulo anterior, "O que nós, as 'ervas daninhas', podemos fazer para defender a vida selvagem?" seria: "re-selvagizar" o território onde estamos (e a nós mesmas) de forma análoga ao crescimento desmesurado da civilização. Digo ideal por todas as razões mencionadas anteriormente e porque, além delas, na maioria desses lugares será improvável ver alguma transcendência a nível ecológico.

Ainda que a salvação do novo milênio seja um mito, o apocalipse se mostra cada vez mais como uma realidade em curso. Muitas pessoas temem, com razão, que as florestas tropicais desapareçam devido às secas induzidas pela mudança climática¹, mas a verdade é que hoje a maioria das

1. Como muitas das narrativas a respeito da mudança climática, as que analisam os efeitos que o aquecimento global produzirá sobre as florestas tropicais variam do otimismo até o apocalíptico. Para uma análise geral leia o excelente trabalho: Simon L. Lewis, Tropical forests and the changing earth system (As florestas tropicais e o aquecimento global do Sistema Terra), em: Philosophical Transaction of the Royal Society B, 2006, 361, 195–210.

florestas já está sendo desmatada e incendiada para abrir espaço para a agricultura, que segue sendo a maior causa do desflorestamento tropical. A agricultura já arrasou aproximadamente 40% do solo selvagem da superfície terrestre². Isso quer dizer que, para os animais, insetos, pessoas e plantas que foram deslocadas, o apocalipse já chegou. Se a isso agregarmos o total da apropriação dos recursos naturais e o constante roubo dos animais, árvores, água, minerais e qualquer outra coisa do solo virgem que possa ser transformada em um "recurso natural", podemos nos dar conta de que a civilização, efetivamente, empreende uma dominação interminável, cega e intensamente danosa de todo o sistema Terra. A mudança climática antropogênica será um agravante deste processo.

A destruição de um habitat implica a fragmentação do habitat, um fator particularmente problemático se somado à mudança climática. O problema das espécies exóticas e invasivas, favorecidas por toda a perturbação ao natural, só agrava-se ao se agregar a mudança climática (...) O impacto da mudança climática neste mundo amplamente fragmentado poderia ser imenso³.

Quão imenso? Ninguém sabe exatamente, ainda que muitas pessoas estejam trabalhando para averiguar isso⁴. Ainda que os detalhes sejam incertos, a maioria dos biólogos conservacionistas estariam provavelmente de acordo de que "a menos que medidas sejam tomadas imediatamente, a sexta grande extinção na Terra está garantida pela crescente fragmentação dos habitats, combinadas com as dinâmicas biológicas produzidas pela mudança climática⁵".

2. Garry Peterson, Ecological limits of adaptation to climate change (Limites ecológicos para a adaptação à mudança climática), em: W Neil Adger et al Adapting to Climate Change: Thresholds, Values, Governance (Nos adaptando à mudança climática: limites, valores e governos), Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 31.

3. T. E. Lovejoy, Conservation with a Changing Climate (Conservação em um clima em transformação), em: Climate Change and Biodiversity (Mudança climática e biodiversidade), New Haven: Yale University Press: 2006, pp. 325–326.

4. Podemos dar uma olhada nas florestas tropicais em particular, esses enormes reservatórios de biodiversidade. "As predições para 2050 estimam 10% de extinção (quer dizer, de espécies em vias de extinção) de todas as espécies em florestas tropicais, baseadas apenas na perda de habitats, porém, em cenários onde se aplica uma projeção de uma mudança climática de amplitude média, se espera uma extinção muito maior, de 24%".— Biodiversity in a changing world (Biodiversidade em um mundo em transformação), em: Jaboury Ghazoul and Douglas Sheil eds., Tropical Rain Forest Ecology, Diversity, and Conservation (Ecologia), Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 356. Os cenários mais pessimistas de emissões de gases de efeito estufa elevam ainda mais essa terrível cifra até 37% em um dos modelos. — Laurence C. Smith, The World in 2050: Four Forces Shaping Civilization's Northern Future (O mundo em 2050: Quatro forças que darão forma ao futuro da civilização do norte), Nova Iorque: Penguin, 2010, p. 138.

5. Greenhouse Gas Levels and Biodiversity (Os níveis de gases do efeito estufa e a biodiversidade), em: Thomas E. Lovejoy and Lee Hannah, eds., Climate Change and Biodiversity, New Haven: Yale University Press: 2006, p. 395.

Algumas opiniões vão ainda mais longe. Como Stephen M. Meyer assinala em *The End of The Wild* (O fim da vida selvagem):

A taxa de extinções – muito antes de uma mudança climática significativa entrar em jogo – já alcança cerca de 3.000 espécies por ano e se acelera rapidamente. A situação é verdadeiramente nefasta. Nos próximos 100 anos, mais ou menos, a metade das espécies da Terra, o que representa um quarto de todo o estoque genético do planeta, praticamente desaparecerá (talvez até completamente). Nada, nem as leis – nacionais ou internacionais –, nem as reservas ecológicas, nem os esquemas de sustentabilidade local, nem sequer as fantasias de "terras virgens", podem mudar nosso atual curso. O longo caminho até a evolução biológica já tem marcado o curso para seus próximos milhões de anos. E neste sentido, a corrida da crise de extinção – para salvar a composição, estrutura e organização da biodiversidade tal como existe hoje – já terminou, e perdemos⁶.

Não sei você, mas quando eu li a última frase pela primeira vez, foi um duro golpe, e é algo que merece ser lido mais uma vez. "A corrida da crise de extinção – para salvar a composição, estrutura e organização da biodiversidade tal como existe hoje – já terminou, e perdemos".

A posição geral de Meyer é a de que no antropoceno, as espécies não-domesticadas se encontram divididas em espécies silvestres, "daninhas" ou "espécies-relíquia", estas últimas convertendo-se, no melhor dos casos, em "fantasmas".

As espécies do tipo daninhas "proliferam em ambientes domesticados e continuamente perturbados por humanos", enquanto as do tipo relíquia vivem "nas margens, em número sempre decrescente e em zonas de habitat cada vez mais reduzidas (...). As espécies relíquia não podem sobreviver em ambientes humanos, os quais já cobrem o planeta quase que por completo." Meyer sustenta que "para sobreviver fora dos zoológicos, as relíquias necessitariam de nossa atenção e controle constante". Aquelas relíquias que não recebem tal atenção, e muitas, inclusive, que a recebem, entrarão

6. Stephen M. Meyer, *The End of the Wild* (O fim do selvagem), Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 2006, p. 4.

na categoria de espécie "fantasma". Estas espécies são "organismos que não sobreviveriam em um planeta com milhares de milhões de pessoas, seja por sua própria incapacidade ou por nossas decisões. São fantasmas precisamente porque ainda que hoje nos pareçam prolíficas e tenham persistido durante décadas, sua extinção é certa, salvo por uns poucos espécimes em zoológicos e amostras de DNA em arquivos de laboratórios⁷."

Muitas das plantas e animais que hoje achemos saudáveis e prolíficos, são na verdade relíquias ou fantasmas. Esta aparente contradição se explica pelo fato de que a perda de espécies não é um simples processo linear. Pode-se passar muitas décadas entre o início do declive até o colapso observável de uma estrutura populacional, especialmente nos casos onde envolvem organismos com um período longo ou moderado de vida. A biologia conservacionista utiliza o termo "dívida de extinção" para descrever esta brecha entre a aparência e a realidade. Durante o século passado acumulamos uma enorme dívida de extinção que será paga no século que virá. O número de plantas e animais cairá em espiral à medida que a dívida seja paga⁸.

"A conservação é o que nos governa"

Então, que estratégias o conservacionismo propõe para proteger a biodiversidade, a natureza e os serviços ecossistêmicos em meio à mudança climática? A principal proposta parecer ser, geralmente, as áreas protegidas⁹, porém, com uma proteção mais restrita de sua base circundante e prestando maior atenção ao fluxo e incremento da gestão intervencionista. Supostamente, colocar uma placa de "Parque" em qualquer habitat não in-

7. Stephen M. Meyer, *The End of the Wild (O fim do selvagem)*, Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 2006, p. 9 - 14.

8. Stephen M. Meyer, *The End of the Wild (O fim do selvagem)*, Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 2006, p. 16.

9. "As áreas protegidas são os componentes mais importantes e mais efetivos das estratégias de conservação atuais (...) Há razões muito fortes para se crer que continuarão sendo centrais para as estratégias de conservação projetadas para a mudança climática (...) A área sob proteção está se expandindo enquanto o número de habitats não-perturbados restante diminui. No momento em que os impactos da mudança climática se acentuarem, as áreas protegidas poderiam representar a maior parte das áreas naturais restantes no planeta. As áreas naturais proporcionam habitats naturais menos perturbados e, por isso mesmo, são a melhor esperança para a resposta natural à mudança climática (mudança de habitat, por exemplo). Em consequência, as áreas protegidas, assim como agora, terão no futuro um papel fundamental na conservação da biodiversidade. — Lee Hannah and Rod Salm, *Protected Areas Management in a Changing Climate (Administração de áreas protegidas em um clima em transformação)*, em: Thomas E. Lovejoy and Lee Hannah, eds., *Climate Change and Biodiversity*, New Haven: Yale University Press: 2006, p. 363.

cide automaticamente em sua preservação. Em um mundo cada vez mais povoado, esse ato é, isso sim, uma forma de anúncio publicitário. Nas palavras de Meyer, "as reservas biológicas se converteram na área de caça preferida para caçadores ilegais e comerciantes de carnes exóticas: afinal, esse lugar é onde ficam os animais¹⁰."

Ainda que o problema da depredação seja em maior parte a depredação humana da natureza, chegamos ao ponto em que os conflitos entre espécies supõem também um fator decisivo.

Em Mumbai, habitantes dos bairros pobres penetram tão profundamente no Parque Nacional Sanjay Ghandi que vários têm sido devorados pelos leopardos (dez somente em junho de 2004). Até mesmo um ônibus urbano foi atacado por um felino¹¹.

Algumas tentativas de superar tais divisões intrínsecas do "civilizado versus selvagem", como os projetos de "conservação = progresso", programas comunitários de produção de benefícios através do eco-turismo e outras iniciativas do tipo, tiveram algum êxito, mas não muito. Na maioria das vezes, só conseguiram monetizar as relações existentes com a terra, cultivar ressentimento e infundir outra camada de burocracia sobre toda a população local, obtendo quase nenhum benefício na conservação¹².

Mais exitoso que isso – ainda que seja horrível admiti-lo – foi o cercamento em grande escala (incluindo por vezes o desalojo¹³) dos habitantes dessas terras e a vigilância constante dos guarda-parques. Deixando nossa ética momentaneamente de lado, este "modelo de Yellowstone" parece ser cada vez mais impraticável sem enormes aportes de recursos, aumento da militarização e a expansão da área de cobertura, das quais nenhuma parece ser particularmente provável na maior parte do planeta.

10. Stephen M. Meyer, *The End of the Wild* (O fim do selvagem), Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 2006, p. 49.

11. Mike Davis, *Planet of Slums* (Planeta de favelas), Londres: Verso, 2007, p. 136.

12. Para quem se interessar em uma crítica antropológica profunda sobre o projeto de "conservação como progresso", ver: Paige West, *Conservation is Our Government Now: The Politics of Ecology in Papua New Guinea* (A conservação é nosso governo agora: As políticas ecológicas em Papua Nova Guiné), Durham: Duke University Press 2006.

13. Para uma boa análise – ainda que seja antropocêntrica – da abordagem estatal das organizações de conservação e dos conflitos com os povos originários – especialmente pela criação de parques nacionais –, ver: Marcus Colchester, *Salvaging Nature: Indigenous Peoples, Protected Areas and Biodiversity Conservation* (Salvando a natureza: povos originários, áreas protegidas e conservação da biodiversidade), Gênova: United Nations Research Institute for Social Development with World Rainforest Movement, 1994.

As duas grandes ideias do conservacionismo – parques e projetos de “conservação = progresso” – são, efetivamente, formas de governo que pressupõem uma ecologia estática ameaçada por uma população humana em constante movimento. Em um planeta transformado pela mudança climática, no qual os ecossistemas estão por si só em constante movimento (sempre estiveram, ainda que não tão rapidamente), a resposta óbvia da perspectiva conservacionista tradicional é expandir o controle/governo sobre os sistemas humanos nas típicas paisagens ao redor das reservas e o controle/governo dos ecossistemas dentro das reservas. Em resumo, “as estratégias de conservação deveriam, provavelmente, tornarem-se mais inovadoras e mais intervencionistas¹⁴”.

Já conhecemos alguns exemplo de como seriam. Basta somente observar a natureza incrivelmente intervencionista das iniciativas de conservação na Grã Bretanha. A biorregião do lugar onde vivo tem – no contexto da Europa de clima temperado – muita biodiversidade, ainda que esteja fortemente administrada, em grande parte, pelos conservacionistas. Dada a fragmentação do habitat, se tal administração fosse interrompida, as consequências seriam provavelmente desastrosas¹⁵. Efetivamente, em minha biorregião, esta realidade se reduz à ridícula eleição entre terra selvagem (a mais tenaz) ou biodiversidade. De uma perspectiva ambientalista radical – ou também, para o caso, uma perspectiva de biogeografia de ilhas – a solução seria fazer retroceder a administração humana do habitat, em uma área grande o suficiente para que os ecossistemas possam funcionar de forma efetiva.

Agora, sendo realista, parece muito mais provável que grande parte da vida selvagem do planeta se pareça cada vez mais com a minha biorregião do que minha biorregião se pareça com o resto da vida selvagem.

Conservacionistas dispostos a uma intervenção interminável, terão muito trabalho a fazer. Mas esse não é o tipo de conservação que Aldo Leopold reconheceria. Inclusive se o controle conservacionista sobre as sociedades

14. Greenhouse Gas Levels and Biodiversity (Os níveis de gases de efeito estufa e a biodiversidade), em: Thomas E. Lovejoy and Lee Hannah, eds., *Climate Change and Biodiversity*, New Haven: Yale University Press: 2006, p. 370.

15. Isso não significa que esta conservação seja consciente nem que seja o objetivo principal. A maior parte da conservação no Reino Unido é somente um resquício dos regimes administrativos do passado ou uma inclinação para certas espécies favoritas – as flores das florestas, por exemplo – ao invés de se orientar por uma abordagem integral do sistema. Para uma crítica meio antiga mas ainda – lamentavelmente – relevante, ver: Clive Hamblen and Martin R Speight, *Biodiversity Conservation in Britain: Science Replacing Tradition* (Conservação da biodiversidade na Grã Bretanha: a ciência substituindo a tradição), em, *British Wildlife*, 6 (3) pp. 137–148.

16. Greenhouse Gas Levels and Biodiversity (Os níveis de gases de efeito estufa e a biodiversidade), em: Thomas E. Lovejoy and Lee Hannah, eds., *Climate Change and Biodiversity*, New Haven: Yale University Press: 2006, p. 390.

humanas e sobre as áreas protegidas conseguissem se expandir massivamente (coisa que duvido muito), a biodiversidade – ao menos que houvesse uma desaceleração da mudança climática, a qual, suspeito, não acontecerá tão cedo – será afetada “de formas que eventualmente se tornarão impossíveis de controlar¹⁶”.

Há alguns anos, um velho amigo e companheiro me contou, com evidente tristeza, que a Terra necessitará da administração e assistência ativas durante os próximos 1000 anos. De certa forma, provavelmente tenha razão: o segredo do Estado sempre foi criar problemas que apenas ele pode solucionar. Ainda que ponha em dúvida sua eficácia, pessoalmente não condenarei quem, tendo uma paixão biocêntrica como motivação, siga esta via. De qualquer forma, para quem não está disposta a abrir mão de seus princípios éticos baseados na Liberdade, na Natureza e na Anarquia, peguem outras vias, ainda que estas se tornem cada vez mais estreitas.

Controle de danos

Ação, qualquer forma de ação. Deixemos que nossas configurem os fundamentos de nossa filosofia (...) Emergiu, neste planeta, nesta terra, uma sociedade de guerreiros, homens e mulheres que estão cravando suas lanças no solo, estão defendendo sua posição (...) Nosso trabalho é o de controle de danos.

—Dave Foreman¹⁷

Existem lugares e povos que a civilização ainda não pode conquistar, e é nesses lugares que podemos traçar uma linha e nos unir às distintas batalhas. A resistência ambientalista, dispersa por todo o planeta, foi inspiradora e, com frequência, efetiva.

As pessoas usam diferentes sistemas de prioridades que lhes permite escolher onde cravar suas lanças e mais comum é que elejam a opção mais simples: onde posso concretizar minhas ideias e qual é o lugar que amo? Para muitos, as respostas de como e onde defender a natureza serão óbvias, os agentes locais de destruição serão facilmente identificáveis, novas

17. Palavras de Dave Foreman no documentário *Earth First: The Politics of Radical Environmentalism* (*Earth First: A política do ambientalismo radical*), produzido por Christopher Manes, 1987.

comunidades serão estimuladas, mais lugares ocupáveis se tornarão disponíveis, o que deve ser destruído se fará mais visível. A questão, então, é, simplesmente, agir.

Contudo, muitos ecossistemas selvagens (e os povos não-civilizados que são parte deles) têm poucos aliados (ou nenhum) e muitas guerreiras em potencial vivem em lugares onde existe pouca natureza a defender, ou com poucas possibilidades de vitória. Dada a proporção dos ataques contra o Sistema Terrestre/Gaia/Mãe-Terra, alguns sistemas de prioridades demandam foco em certas áreas em particular¹⁸.

Por outro lado, o intenso desejo pessoal de responder ao chamado da natureza buscando aventura, fuga, comunidades em luta e conflitos sociais também podem fazer com que as pessoas explorem novos terrenos.

Objetivando incentivar essas escolhas, analisamos algumas das vantagens que se tornam óbvias uma vez que aceitamos que a situação está tão ruim quanto realmente está. Partindo a princípio de que nos encontramos em uma situação bastante complicada, parece muito útil transformar as desvantagens em vantagens.

Vantagem: Somos poucas, porém os problemas são muitos

A primeira desvantagem que podemos contornar é o simples fato de que não há muita gente disposta em se comprometer com a defesa da natureza, poucas pessoas são libertárias, e estão em número ainda menor aquelas que têm a possibilidade de viajar ou investir tempo e recursos em arrecadações ou ações de solidariedade. Quando combinamos isso com o número e diversidade de lutas em uma escala global, aparece uma vantagem óbvia. Os problemas nos superam amplamente em número e aquelas de nós que desejam enfrentá-los a partir de nossa perspectiva, por isso mesmo, deve-

18. Existe, como muitos sustentam, a necessidade de um aumento da defesa ecológica tanto nos "hotspots de biodiversidade" quanto nas últimas grandes áreas selvagens tropicais (Amazonas, Nova Guiné, Congo) e nos oceanos. As proporções da crise atual e a alta probabilidade de uma mudança climática massiva no futuro poderiam acrescentar importância à postura de uma "extensa guerra" dentro das últimas áreas selvagens; ainda que provavelmente não seja o momento de deixar todas essas hotspots sem cuidado. Também é perfeitamente concebível que se o Sistema Terrestre está mudando para um estado quente mesmo a estratégia de guerra prolongada parece estar fora de alcance. (...) Para um resumo atualizado dos hotspots de biodiversidade: www.biodiversityhotspots.org. Para uma crítica à respeito desta questão: Peter Kereiva and Michelle Marvier, *Conserving Biodiversity Coldspots (Conservando os coldspots de biodiversidad)*, em: *American Scientist*, Volume 91, 2003, pp. 344–351. Por fim, todas essas conjecturas perdem sentido. Para além da "importância" global relativa desse ou daquele ecossistema, é nosso desejo ser parte dele e nos comprometermos com sua defesa, impulsionando a ação, trate-se de um bosque tropical do outro lado do mundo ou de re-selvagizar um terreno baldio sobre a rodovia.

riam ser capazes de se concentrar somente naquelas lutas que refletem melhor nossa ética. Podemos deixar a maioria daquelas problemáticas mais complicadas – que são abundantes quando se trata de conservação – para o momento em que as lutas que não despertam contradições importantes para nós estejam resolvidas. Isso, provavelmente, não ocorrerá jamais.

Vantagem: A civilização é tão genocida quanto é ecocida

Alguns povos originários, inspirados por uma ética profundamente enraizada à terra, defendem voluntariamente suas comunidades e a biodiversidade de sua terra selvagem do avanço do desenvolvimento. Outros são obrigados a fazê-lo já que, para bem ou para mal, com frequência os Estados os veem como obstáculos para o progresso, ou simplesmente querem destruir seus habitats para se apropriarem de comunidades humanas e outros "recursos naturais" e territórios. De qualquer forma, a natureza genocida da civilização faz com que a resistência de uma minoria de comunidades originárias, das montanhas de Orissa à floresta amazônica, seja frequentemente a melhor defesa de um ecossistema. A solidariedade e a luta conjunta com essas comunidades é com frequência a estratégia mais efetiva para a defesa da natureza. Uma defesa que, geralmente, levanta poucas concessões e contradições para as libertárias biocêntricas.

Vantagem: Na maioria dos países, os investimentos em conservação são muito pequenos

Não é por acaso que em apenas 25 anos o poder aquisitivo de um guarda-parques (um cargo concursado) no Serviço Florestal de Uganda caiu 99,6%¹⁹. Esta situação permite que pequenas quantidades de aportes econômicos externos tenham um impacto significativo, se manejados com cuidado. O Sea Shepherd Conservation Society (Sociedade de Conservação Pastor do Mar) tentou ganhar influência e fortalecer a conservação das Ilhas Galápagos provendo financiamento, equipes e suporte técnico ao Serviço de Parques, o qual já havia sofrido a negligência e o subfinanciamento de fundos

19. Requiem or revival (Funeral ou renascimento), em: Jaboury Ghazoul and Douglas Sheil eds., Tropical Rain Forest Ecology, Diversity, and Conservation (Ecologia, diversidade e conservação das florestas tropicais), Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 400.

20. Sea Shepherd Conservation Society (Sociedade de Conservação Pastor do Mar) (www.seashepherd.org/galapagos/)

21. The Thin Green Line Foundation (Fundação "fina linha verde") (www.thingreenline.info)

para impedir qualquer possibilidade de interferência da máfia da pesca industrial apoiada pelos políticos²⁰. Em algumas das reservas mais importantes do mundo, os guardas florestais frequentemente se encontram mal armados e sofrem baixas importantes com pouquíssimo apoio externo. Por exemplo, 158 guardas florestais do Congo foram assassinados em 10 anos defendendo os habitats montanhosos dos gorilas. Lá, pequenas quantidades de dinheiro – sobretudo em apoio à suas famílias desamparadas – fazem uma diferença importante para a sustentabilidade de projetos e comunidades²³.

Vantagem: Muita gente é racista

Muitas pessoas fora do ocidente acreditam que todos os ocidentais – especialmente (porém não unicamente) aqueles com os privilégios da raça branca – possuem poderes políticos e econômicos que eles na realidade não têm. Essa ilusão (infeliz, se a vemos por uma perspectiva anti-imperialista) pode ser muito útil. Por exemplo, a visita à prisão onde se encontrava encarcerado o conservacionista florestal Raúl Zapatos por parte de um grupo de eco-anarquistas britânicos em uma viagem solidária às Filipinas, somada a um pouco de “pressão internacional” por parte de círculos similares, foram provavelmente fatores de importância para sua libertação²². Exemplos similares de solidariedade que foram efetivos em zonas de grande importância ecológica me vêm à mente. As pessoas que têm encontrado refúgio em zonas selvagens – e que desejam protegê-las – podem usar e construir sua identidade étnica e mitos aborígenes²⁴ para forjar novos direitos que protejam melhor o território, mobilizar um apoio idealista no exterior e apresentar uma imagem de autodefesa de “sabedoria pacífica” ou mesmo de “selvageria violenta” em função de seus interesses estratégicos.

22. Para mais informações sobre o caso de Zapatos, ver Solidarity South Pacific (www.eco-action.org/ssp/prisoners.html). Para uma análise geral excelente, informativa e honesta sobre a viagem de solidariedade em questão e sobre as lutas políticas e ecológicas nas Filipinas, ver: From Mactan to the Mining Act: Everyday stories of devastation and resistance among the indigenous people of the Philippines, (De Mactan à lei de mineração: Histórias cotidianas de devastação e resistência entre os povos indígenas das Filipinas), Leeds: Repressed Distro, 2003.

23. The Thin Green Line Foundation (Fundação “fina linha verde”) (www.thingreenline.info)

24. Isso não significa que não existam grupos indígenas senão apenas para assinalar a possibilidade de que muitos que assim se denominam sejam na verdade comunidades fugitivas que escaparam para áreas remotas para evitar serem absorvidos pela civilização. Ver: James C. Scott, *The Art of Not Being Governed: An Anarchist History of Upland South-East Asia* (A arte de não ser governado: Uma história anarquista das terras altas do Sudeste Asiático), New Haven: Yale University Press, 2009.

Vantagem: Algumas forças não-estatais também causam a destruição ecológica

Grande parte da destruição e dos ataques contra a natureza são perpetrados por forças que – apesar de não serem nada libertárias – se encontram fora ou contra o Estado que controla oficialmente um território determinado. Conservacionistas do ocidente, governados de maneira bastante uniforme, com frequência assumem que os governos controlam "seu" território e que se estes não podem ou não querem intervir, não há capacidade de agir. Em algumas dessas situações, mais do que fortalecer o Estado – como muitos conservacionistas frequentemente fazem –, aqueles que desejam apoiar as comunidades locais em luta para defender sua ecologia sequer podem fazê-lo diretamente, "legalmente" e de forma relativamente aberta. Como demonstra a recente experiência de Bruce Hayse, co-fundador do Earth First!, com seu frustrado Green Army (exército verde) na República Centro-africana, apesar dos obstáculos e problemas, sempre há possibilidades. Mais diretamente, inclusive, o Sea Shepherd conseguiu criar uma imagem como entidade protetora ao reforçar a conservação em águas internacionais – em sua maioria sem governo –, o que permitiu que fossem levadas adiante ações que em qualquer outro lugar – e com uma imagem menos engenhosa – seriam julgadas como sabotagem, assalto, perseguição e obstrução.

Vantagem: A globalização se expande

Como parte da globalização cada vez aparece mais anarquistas pertencentes a movimentos urbanos em terras reclamadas por Estados como Indonésia, Chile, Filipinas e Rússia. Muitos deles se encontram bem inclinados a se envolver em uma resistência ecológica em solidariedade com os povos originários, e a inspirar outras pessoas em outras partes do planeta para que participem destas lutas.

Vantagem: Talvez os habitats fragmentados não sejam capazes de fragmentar a biodiversidade

É amplamente aceito que "com a mudança climática, até mesmo o sistema de área protegida mais bem projetado não poderá pretender conservar a diversidade biológica se esta consiste majoritariamente em unidades ilhadas²⁵. O que Meyer expõe aqui é que provavelmente as "fantasias de terra selvagem" serão

incapazes de deter o colapso biológico; ainda que ele provavelmente esteja certo, o fato de que muitos seguem acreditando que podem detê-lo está abrindo as portas – em vários lugares – para uma “re-selvagização” em grande escala²⁶ aproximando-se, de alguma forma, da regeneração da natureza defendida por décadas pelos ambientalistas radicais. Os projetos de restauração ecológica de menor escala²⁷ parecem estar também se multiplicando.

Vantagem: A situação é extremamente séria

Uma pessoa seria quase incapaz de piorar a situação, mas ações dela podem fazer uma grande diferença nas lutas em defesa da natureza e da liberdade. Uma crítica óbvia do controle de danos é que pode parecer que ele só se ocupa dos sintomas, mas não da raiz do problema. O diagnóstico da doença é claro, mas seria um engano pensar que alguém tenha – ou, de forma ainda mais sinistra, ‘seja’ – a cura.

Qualquer que seja o prognóstico, o certo é que de qualquer forma, vale a pena resistir à propagação da doença, e a mudança climática só pode tornar isso mais evidente. Desacelerar a destruição da natureza (o que Lovelock descreve como “a face desvanecente de Gaia”²⁸) poderia permitir que o Sistema Terra se recuperasse melhor das emissões antropogênicas de dióxido de carbono – do qual, é necessário lembrar, uma grande porcentagem se deve atualmente ao desmatamento. Isto não quer dizer que a defesa de habitats possa “deter a mudança climática”. Gostemos ou não, a mudança

25. Thomas E. Lovejoy, *Conservation with a Changing Climate* (Conservação em um clima em transformação), em, Thomas H. Lovejoy and Lee Hannah, eds., *Climate Change and Biodiversity* (A mudança climática e a biodiversidade), New Haven: Yale University Press: 2006, p. 326.

26. Para uma boa introdução às ideias de conservação a partir da re-selvagização – Dave Foreman, *Rewilding North America: A Vision for Conservation in the 21st Century* (Re-selvajizando a América do Norte: Uma visão para o conservacionismo no século XXI), Washington: Island Press, 2004. “Re-selvagização” é, por si só, um termo um tanto confuso que é usado não só para classificar projetos de um novo tipo de conservacionismo, mas também para tornar mais atrativos alguns projetos de reivindicações menos “legítimas”. De qualquer forma, para uma análise geral acessível – ainda que propagandista – dos projetos atuais ao redor do mundo, ver: Caroline Fraser, *Rewilding the World: Dispatches from the Conservation Revolution* (Re-selvajizando o mundo: Mensagens da revolução conservacionista) Nova Iorque: Henry Holt, 2010.

27. Para conhecer alguns pensamento sobre restauração ecológica a partir de uma perspectiva do ambientalismo radical britânico, ver: “Take a Sad Song and Make it Better?: Ecological Restoration in the UIC” (“Pegue uma canção triste torne-a mais bela? Restauração ecológica em UIC), em, *Do or Die* (Faça ou morra), No. 8, 1998, pp. 159–173.

28. James Lovelock, *The Vanishing Face of Gaia: A Final Warning* (A face desvanecente de Gaia: alerta final), Londres: Penguin, 2009.

climática provavelmente seja agora o contexto no qual as lutas ecológicas a serem travadas, e não um problema que poderíamos combater.

A natureza ri por último

Na Europa oriental, a vida selvagem se amontoa incrivelmente, com seus alces e lobos. A coruja real voa sobre os bosques e pastagens da floresta de Wormwood, enquanto os castores constroem suas represas em rios e pântanos. No que se tornou uma das maiores reservas naturais da Europa, as trepadeiras sobem os edifícios, os linces correm em campos abandonados e os pinheiros há muito tempo já atravessaram o pavimento. Bem vindos à zona de exclusão de Chernobyl. Após o desastre de 1986, mais de 120.000 pessoas foram evacuadas da área. Quase ninguém retornou. O coração dessa zona, o que uma vez foi a grande cidade de Pripyat, com 50.000 habitantes, se encontra agora deserto – com exceção de um pequeno número de okupas – porém, não é, de forma alguma, uma cidade fantasma. “Pripyat começou a voltar à natureza quando as pessoas se foram e não ficou ninguém para cortar, podar ou capinar²⁹”.

O incrível poder da natureza para reverdecer e florescer após o desastre se faz evidente tanto com as extinções em massa do passado como com sua habilidade para curar as cicatrizes que a civilização deixou em suas terras. Seu verdadeiro poder raramente é levado em consideração pelo pensamento hermético e antropocêntrico de quem lucra com o presente ou que tenta planificar o futuro. Ainda assim, o funcionamento do Sistema Terrestre é tão destrutivo quanto generoso e não é um deus consciente que tenha interesse algum em preservar a nós ou a ordem atual, algo que descobriremos agora que a Terra se encaminha para um novo estado muito mais quente. Com ou sem nós, “na feroz guerra de classes, só pode haver um vencedor: o selvagem³⁰”.

De alguma forma, há algum consolo em tudo isso, mas não deveríamos entendê-lo como uma “vitória” análoga ao “arrebato” do cristianismo fundamentalista, porque as espécies levadas à perdição não se levantarão entre os mortos, nem tão pouco nós o faremos. De qualquer forma, a natureza ri por último.

29. Mary Mycio, *Wormwood Forest: A Natural History of Chernobyl* (A floresta de Wormwood: uma história natural de Chernobyl), Washington: Joseph Henry Press, 2005, p. 6. Alguns setores do Estado ucraniano impulsionam atualmente (2010) a redomesticação de grande parte da área deserta para a produção agrícola.

30. *Down with Empire, Up with Spring! (Abaixo ao império, viva a insurreição!)* Te Whanganui a Tara/Wellington: Rebel Press, 2006, p. 159.

Capítulo 9:

Anarquistas atrás dos muros

Guerra social em climas temperados.

James Lovelock diz que "na catástrofe climática prevista... o que está em risco é a civilização¹". Eu, infelizmente, sou menos otimista – a civilização vai persistir de uma forma ou outra, pelo menos em algumas regiões. Não é por acaso que a primeira civilização a se expandir globalmente se originou no clima temperado da Europa. Muitas outras civilizações criaram impérios apenas para destruir o seu ambiente e depois entrar em colapso. A temperatura oceânica temperada deu à civilização da Europa Ocidental uma margem de erro maior, permitindo que a civilização escapasse da sua localidade regional para devorar grande parte da Terra. Como as outras civilizações, ela deixa desertos em seu caminho – mas sendo global em seu alcance e tendo se originado em um clima temperado, o deserto físico está

1. James Lovelock, *The Revenge of Gaia (A vingança de Gaia)*, Londres: Penguin, 2006, p. 10. Alguns questionam se ele realmente pensa isso, insinuando que ele exagera para dar ênfase ou para motivar a ação. Pude fazer essa pergunta a ele pessoalmente e me respondeu que realmente acredita que, provavelmente, será assim.

presente em quase todas as partes. Sendo assim, alguns dos principais países responsáveis pelo aquecimento global estarão entre os menos drasticamente afetados por ele – pelo menos diretamente.

Enquanto os grandes países capitalistas que abrangem várias áreas climáticas (Austrália, Estados Unidos, Rússia) enfrentarão distúrbios diretos², aqueles vivendo sob os mais diversos modelos em zonas temperadas – especialmente terras oceânicas e montanhosas – podem esperar um clima aquecido mas relativamente calmo, pontuado por eventos extremos³. Em um grau considerável, a previsão para a guerra social⁴ é parecida com a previsão climática: aquecida porém relativamente calma, pontuada por eventos extremos, pelo menos em relação às situações em outros lugares de um planeta cada vez mais quente e conflituoso, e não a nossa atual situação climática e social.

É provável que as zonas mediterrâneas se tornem muito mais quentes – em ambos os sentidos –, o que poderia fortalecer o crescimento do movimento anarquista em uma versão mais extensa do que a Europol denominou "o triângulo mediterrâneo de violência anarquista⁵". Falando de maneira geral, países temperados sem acesso ao mar e no meio de continentes provavelmente verão seus verões esquentarem consideravelmente, com alguns vendo o colapso funcional de formas existentes de agricultura como previsto por Lovelock.

No filme 'Filhos da Esperança' (Children of Men), países por todo o mundo parecem ser engolfados pela fome, insurreição, guerra civil, epidemias e desastres "naturais". Enquanto isso, a Grã-Bretanha segue em frente com um sistema autoritário banal que faz com que a maioria das pessoas continue em seus papéis de classe designados e continuem a via-

2. Por exemplo, alguns modelos predizem que "as condições de seca associadas comumente ao Dustbowl Americano possivelmente poderiam se converter no novo clima das regiões [do sul da América do Norte]". Laurence C. Smith, *The World in 2050: Four Forces Shaping Civilization's Northern Future* (O mundo 2050: quatro forças que darão forma às civilizações do Norte.), Nova Iorque: Penguin, 2010, p. 108.

3. "As guerras climáticas poderiam matar a quase todos nós e deixar aos poucos sobreviventes uma existência similar a da idade da pedra. Porém, em vários lugares do mundo, incluindo o Reino Unido, temos a possibilidade de sobreviver ou até mesmo viver bem". James Lovelock, *The Vanishing Face of Gaia: A Final Warning* (A face desvanecendo de Gaia: alerta final), Londres: Penguin, 2009, p. 22. Para uma interessante perspectiva sobre o futuro das ilhas britânicas, ver: Marek Kohn, *Turned Out Nice: How the British Isles will Change as the World Heats Up* (No fim termina bem: Como as ilhas britânicas mudarão quando o mundo se aquecer), Londres: Faber & Faber, 2010.

4. "Guerra social: narrativa de 'luta de classes' que se desenvolve para além das classes para incluir complexidades e multiplicidades do (...) conflito dentro das relações sociais hierárquicas". Liam Sionnach, 'Earth First Means Social War: Becoming an AntiCapitalist Ecological Social Force' (Earth first significa Guerra Social: Nos transformando em uma força eco-social anticapitalista), em, *Earth First! Journal*, Lughnasadh 2008, Vol. 28, No. 5.

5. Europol, *Terrorist Activity in the European Union: Situations and Trends Report* (Europol, atividade terrorista na União Europeia: relatório de situações e tendências), Europol: La Haya, 2003.

jar diariamente para trabalhar enquanto a maioria do planeta aparentemente implode em volta deles. Imigrantes que chegam em busca de refugio ficam presos em guetos construídos ao lado do mar.

Esse cenário pode ser uma imagem do futuro climático não apenas para as Ilhas Britânicas mas também para muitos países de clima temperado, especialmente os estados com fronteiras oceânicas (o que modera os climas extremos e permite um controle de fronteira mais fácil) como a Nova Zelândia, Tasmânia, etc. Acredito que a conformidade e a sociedade de massas continuarão sendo a norma, condições cada vez mais autoritárias e o efeito econômico da instabilidade mundial continuarão a fomentar episódios espetaculares de ódio entre classes e a crescente formação de culturas dissidentes – por mais “marginais” que essas sejam.

Gord Hill, da nação Kwakwaka'waku pode ter acertado em sua previsão:

A convergência de guerras, o declínio econômico e a crise ecológica gerarão um aumento no conflito social nas nações imperialistas nos anos por vir. Esse conflito crescente que provocará mudanças nas atuais condições sociais oferecerá maiores oportunidades para resistência organizada. As autoridades estão bem cientes disso, e é por esse motivo que a repressão estatal está se estabelecendo agora como a forma primária de controle social (grande expansão de forças policiais-militares, novas leis anti-terrorismo, etc)... Nós estamos agora em um período que pode ser descrito como a “calmaria antes da tempestade”⁶.

Espelhando Gord Hill, mas partindo de uma perspectiva estadista, o cientista chefe do Reino Unido já alertou sobre a possibilidade de uma “tempestade perfeita” em 2030 devido a potenciais crises por falta de água, comida e energia que podem resultar em uma “grande desestabilização, um aumento de revoltas e em problemas potencialmente significativos com migrações internacionais, enquanto pessoas se movem para evitar a escassez de água e de alimentos⁷”. Ainda que essa tempestade possa inicialmente atingir outras regiões, os países (e seus cativos) que dependem

6. Zig-Zag, *Colonization and Decolonization: A Manual for Indigenous Liberation in the 21st Century* (Colonização e Descolonização: Manual para a libertação indígena no século XXI), Victoria: Warrior Publications, 2006, p. 28.

7. John Beddington, citado em, *World faces 'Perfect storm' of problems by 2030, chief scientist to warn* (O mundo enfrentará uma 'Tempestade Perfeita' de problemas em 2030, advertência do Diretor Científico), *The Guardian*, 18 de março de 2009.

intensamente do comércio internacional serão atingidos também.

Tal cenário futuro de conflito social não deve dar a falsa impressão de que os “problemas” por vir irão resultar em algum tipo de transcendência social libertária. Suspeitar que o futuro apresente um aumento em problemas e que alguns desses “problemas” seremos “nós”, não implica qualquer forma de “vitória”. Crises sociais são inevitáveis em sociedades baseadas na guerra de classes, e serão apenas agravadas pelas condições sociais emergentes.

Além disso, não seria sábio ignorar o efeito pacificador da percepção de que outros lugares são “piores”. No capítulo 3 (Tempestades do Deserto) nós vimos como terras como a América do Norte e as Ilhas Britânicas podem “recorrer a uma combinação de políticas que equivaleriam a uma quarentena”, e seria ingênuo acreditar que isso seria uma política impulsionada apenas por Estados; de fato, nós podemos esperar demandas por mais controle das fronteiras vindas de todas as classes civis⁸. Em contraste, Lovelock tem uma visão otimista, o que pode surpreender alguns:

A Escandinávia e as zonas oceânicas do norte da Europa como – as Ilhas Britânicas – podem ser poupados do pior da onda de calor e seca que o aquecimento global traz. Esse cenário coloca em nós uma responsabilidade especial de (...) dar refúgio a um fluxo inimigável de “refugiados climáticos”⁹.

A imigração legal é atualmente classista – e racista até certo ponto – e isso provavelmente se intensificará cada vez mais. É pouquíssimo provável que as lutas de maneira geral consigam mudar isso, apesar de que – se focadas em casos particulares – elas sem dúvida continuarão a obter grandes vitórias.

Enquanto as pessoas vivendo “atrás dos muros” podem ser protegidas dos conflitos sociais – e oportunidades – mais graves e em maior escala que provavelmente caracterizarão o século, a guerra social está em volta de nós. A ausência de uma guerra civil em larga escala é meramente um sinal da profundidade da nossa domesticação, já que, na maior parte do mundo, o policiamento precisa ser apenas esporádico. As relações de dominação são quase onipresentes, e a partir do momento em que sofreremos com o té-

8. O controle de imigração no Reino Unido foi na verdade uma “vitória” [sic] introduzida, a princípio, graças a uma mobilização massiva da esquerda contra os imigrantes judeus. Notavelmente, quase o único setor da esquerda que se manifestou contrário foi o único grupo que diretamente não aceitava fronteiras: os anarquistas. Steve Cohen, *That’s Funny, You Don’t Look Anti-Semitic: Anti racist Analysis of Left Anti-Semitism* (Engraçado, você não parece antisemita: Uma análise anti-racista do antissemitismo da esquerda) Londres: Beyond the Pale Press, 1984.

9. James Lovelock, *Climate Change on the Living Earth, (A mudança climática na Terra Viva)*, The Royal Society, 29 de outubro de 2007.

dio, a dor e as indignidades do trabalho assalariado ou nossa própria exclusão de nossa vida em comunidade, vivemos em – e somos – território ocupado. Se nós ignorarmos a falta de lógica da propriedade privada e tomarmos comida ou abrigo quando necessário, nós correremos o risco de ter que lidar com guardas de segurança, oficiais da lei, policiais e prisões. As vítimas da guerra de classes, mesmo que não estejam presentes no espetáculo midiático, continuam aumentando.

No meu país as pessoas ricas vivem em média 10 anos mais do que as pobres¹⁰, e um dos melhores indicadores da probabilidade de sofrer problemas cardíacos letais – graças ao stress social – é o quão baixo alguém está na escala hierárquica¹¹. Da mesma maneira que pelo resto do planeta, onde mais pessoas se suicidam do que são mortas por guerras ou por violência interpessoal¹², o suicídio continua a ser a maior causa de morte entre homens e mulheres entre 15–34 anos na Grã Bretanha¹³. A integração é dolorosa e o trauma, automutilação, abuso e vício estão em alta. Como Raoul Vaneigem disse, para muitos, “o segredo de Estado mais bem guardado é o mistério da vida cotidiana¹⁴.”

Nossas vidas podem ser melhores, mais livres e mais selvagens do que isso, e como anarquistas nós devemos fazer o máximo para torná-las assim, não no paraíso pós-revolucionário do amanhã que nunca chega, e sim agora. Mesmo assim, apesar de sermos anarquistas, muitos de nós se encontram em climas sociais relativamente temperados, longe do conflito aberto na escala em que provavelmente seria vista além dos muros. Isso nos traz vantagens e desvantagens.

Estados de vigilância & culturas de segurança

A fortaleza também aponta para dentro, não apenas para fora. Cada vez mais, novas tecnologias de controle surgem sob a justificativa do medo dos

10. Segundo o artigo ‘Poor in UK dying 10 years earlier than the rich, despite years of government action’ (‘Pobres no Reino Unido morrem dez anos antes que os ricos, apesar das ações governamentais’), Guardian, 2 de julho de 2010.

11. Richard Wilkinson, *Mind the Gap: Hierarchies, Health and Human Evolution* (Cuidado com o vão: hierarquia, saúde e evolução humana), Londres Weidenfeld & Nicholson, 2000.

12. James Phillips, *Trauma, Repair and Recovery* (Trauma, reparação e recuperação) Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 5.

13. Esta estatística supõe uma ordem dos dados que separa os casos de câncer e acidentes. Ver: Clare Griffiths et al., *Leading causes of death in England and Wales – How should we group causes?* (As principais causas de mortes na Inglaterra e Gales – Como agrupar as causas?) Londres: National Office of Statistics, 2005, p. 11.

14. Raoul Vaneigem, *The Revolution of Everyday Life* (A revolução da vida cotidiana) Londres: Rebel Press, 1983.

bárbaros – sejam eles terroristas ou imigrantes. Evocando distopias de ficção científica (sem mencionar a Faixa de Gaza), drones de vigilância já estão voando pelos céus ingleses, introduzidos inicialmente sob o pretexto de ajudar no controle das fronteiras, uma justificativa pública que a própria polícia já admitiu ser uma mera farsa¹⁵. Em vários países, câmeras, algumas delas com microfones, se proliferam ao ponto de serem praticamente invisíveis – não porque elas estão ocultas, e sim porque se converteram em algo normal. Tecnologias de controle dominantes e onipresentes, muitas pagas justamente por nós e adotadas voluntariamente, como celulares, computadores, cartões de banco e câmeras de monitoramento do tráfego (com reconhecimento da placa dos carros) mapeiam redes sociais, mudanças em nossos círculos de afinidade e movimentos físicos.

Novas tecnologias de comunicação = novas maneiras de nos fazer falar.

Quando essas novas tecnologias são combinadas com a velha “inteligência humana” adquirida através de informantes e infiltrados operando dentro de comunidades de resistência, os Estados e corporações podem dispor de um nível de vigilância que seria inimaginável mesmo poucas décadas atrás. Se as tecnologias de controle vão ou não convergir para criar um “estado de inteligência” que analisa a cada indivíduo, ou que simplesmente colete dados sobre eles, ainda está para ser visto; mas contra as culturas pré-existentes de oposição, as lentes já estão bem focadas. Infezivelmente, grande parte desse foco é gerado por nós mesmos.

“O fato de que o nosso inimigo tirânico não mais obtém seu poder de sua habilidade de calar as pessoas mas sim da sua aptidão para fazê-las falar – isto é, a partir do fato de que ele moveu seu centro de gravidade do domínio sobre o mundo para o monopólio da forma com que o mundo exhibe a si mesmo – isto exige alguns ajustes táticos de nossa parte.”

– O Silêncio e Além, *Tiqun 1*

15. “A polícia no Reino Unido planeja usar aeronaves de monitoramento não tripuladas (drones) – implantados, controversamente, no Afeganistão – para o monitoramento “de rotina” de motoristas infratores, manifestantes, ladrões agrícolas e lixões ilegais (...) No passado, a polícia do condado de Kent disse que o esquema de drones foi pensado para ser usado no Canal da Mancha para monitorar navios e detectar a travessia de imigrantes da França. Porém, os documentos sugerem que o foco marítimo foi, pelo menos em parte, uma estratégia de relações públicas para minimizar a preocupação sobre questões de liberdade civil. “É possível que este uso [marítimo] seja divulgado publicamente como ‘uma boa notícia’ no lugar de algo digno do ‘Grande Irmão’ como se pode interpretar pelas primeiras reuniões nos EUA em julho de 2007”. – CCTV in the Sky: police plan to use military-style spy drones (Câmeras de vigilância no céu: polícia planeja usar drones militares de espionagem), Guardian, 23 de Janeiro de 2010. Mais recentemente, a ACPO (Associação de Chefes de Polícia do Reino Unido) confirmou que três forças já estão usando drones e que já foi proposto um esquema nacional. ‘Unmanned drones may be used in police surveillance’ (“La polícia podrá ser utilizar drones no tripulados para vigilância”), Guardian, 24 de setembro de 2010.

Uma resposta limitada seria (em conjunto com o abandono de qualquer diálogo com o poder e o espetáculo) abandonar o uso das tecnologias de comunicação quase universais. Ainda que essa medida possa resultar em vários benefícios pessoais, ela também pode fazer alguém se destacar cada vez mais. De acordo com a projeção futura de médio prazo realizada pelo exército do Reino Unido:

Até o final do período [2036] é provável que a maior parte da população global achará difícil 'se desligar o mundo exterior'. A TIC [tecnologia da informação e comunicação] provavelmente será tão presente que as pessoas estarão permanentemente conectadas a uma rede ou a um canal de dados que flui para os dois lados com um caráter intrinsecamente ameaçador para as liberdades civis; se desconectar pode ser considerado suspeito¹⁶.

Nós estamos nos movendo rapidamente em direção a esse futuro. Quando a polícia francesa de antiterrorismo invadiu a comuna em Tarnac em 2008, uma das justificações públicas que deram para fundamentar a suspeita de que uma célula terrorista estava se formando foi o fato de que poucos ali tinham celulares¹⁷!

O acordo implícito é que o primeiro passo para aquelas que, tendo planejado o futuro querem agora torná-lo realidade, é se fazer conhecer, é fazer com que tenham voz – opor-se ao poder com a verdade. Ainda que seja “o ouvinte que impõe as regras, não quem fala¹⁸”, uma grande parte da contestação de baixo nível que caracteriza o ativismo e os espaços sociais da contracultura, ativamente marcam áreas e pessoas que precisam estar sob constante controle/vigilância. Isso não quer dizer que toda a resistência é fútil (se objetivos significativos e conquistáveis forem mantidos em mente, e as táticas não se transformarem em objetivos), nem que nós devemos desistir de construir comunidades nas quais podemos viver e amar; apenas que seria sensato entender que muitas ações “subversivas” – e relações sociais – servem cada vez mais ao poder tanto quanto à liberdade. O equilíbrio do custo-benefício deve ser sempre levado em consideração. Nós

16. Development, Concepts and Doctrine Centre (Centro de Desenvolvimento, Conceito e Doutrina), Global Strategic Trends Programme (Programa de tendências estratégicas mundiais) 2007–2036, Londres: Ministry of Defence, 2006. “Documento fonte para o desenvolvimento da política de defesa do Reino Unido”, citado em: Gwynne Dyer, *Climate Wars* (Guerras Climáticas), Toronto: Random House, 2009, p. 5.

17. Rural idyll or terrorist hub?, (Idílio rural ou centro terrorista?) *Guardian*, 3 de janeiro de 2009.

18. *Silence and Beyond* (Silêncio e mais além), em, *Tiqqun* 1, Paris: Tiqqun, 1999.

devemos sempre fazer a nós mesmos a pergunta: até que ponto é provável que o método de relação social escolhido possa vaziar informações sobre identidades potencialmente rebeldes? Com Estados de vigilância cada vez mais poderosos e tempestades se aproximando, nossa responsabilidade para com os outros cresce, especialmente para com as pessoas ainda não envolvidas.

Apesar dessa contradição, se nós não acreditamos em um futuro revolucionário global, devemos viver (como de fato nós sempre vivemos) no presente. Prateleiras se enchem com histórias de lutas passadas e alucinações do futuro pós-revolucionário enquanto pouco foi escrito sobre a vida anarquista dentro do capitalismo, e não depois dele¹⁹. Apesar disso, é nesse cenário que a maior parte de nós nas regiões temperadas estamos, e onde a maioria de nós provavelmente ficará.

O Estado não é algo que pode ser destruído por uma revolução, mas sim uma condição, uma certa relação entre seres humanos, um modo de comportamento humano; nós destruímos ele através da construção de novas relações, de um modo diferente de comportamento.
— *Gustav Landauer*²⁰

Em muitos lugares, estamos nos “comportando diferente”, espalhando amor e cooperação e resistindo e/ou evitando aqueles que querem nos governar. Uma das forças da corrente anarquista sempre foi o desejo e a tentativa de viver a nossa ética agora. Não é preciso acreditar, como muita gente tem acreditado, que contraculturas são pré-figurativas para que possamos ver o seu valor. No final das contas, mesmo que na maioria dos países temperados as subculturas anarquistas não sejam “novos mundos para o futuro”, elas ainda são “abrigos e santuários para o presente²¹”.

Isso não é nada novo, mesmo que pareça (timidamente) que está novamente se tornando mais difundido. O período clássico anarquista impulsio-

19. Ver: Paul Avrich, *Anarchist Voices (Vozes anarquistas)*, Oakland: AK Press, 2005; *The Call (O chamado)*, Londres: Short Fuse Press, 2010; Colin Ward, *Anarchy in Action (Anarquia em ação)* Londres: Freedom Press, 1988; *Growing Counter Cultures (Contraculturas em crescimento)*, em: *Down with Empire, Up with Spring! (Abaixo ao império, viva a insurreição!)*, Te Whanganui a Tara/Wellington: Rebel Press, 2006, pp. 61–79; *Cri-methinc, Dropping out: A Revolutionary Vindication of Refusal, Marginality, and Subculture (Desertar: Reivindicação revolucionária da recusa, da marginalidade e da subcultura)* Londewea: Active Distribution, 2010.

20. Gustav Landauer, *Revolution and other Writings (Revolução e outros escritos)*, Oakland: PM Press, 2010.

21. *Down with Empire, Up with Spring! (Abaixo ao império, viva a insurreição!)* Te Whanganui a Tara/Wellington: Rebel Press, 2006, p. 77.

ado principalmente pelas insurgências camponesas (pense no Zapata e nos Makhnovistas) e pelas "contra-sociedades" (usando aqui o termo de Murray Bookchin para os mundos criados por anarquistas espanhóis antes da contrarrevolução fascista) essencialmente boêmias e primariamente urbanas²². Desde a Espanha pré-guerra civil até anarquistas judeus da América do Norte, das ilegalistas da França até as anarcossindicalistas Italianas na Argentina; habitantes de contra-sociedades anarquistas sempre foram, por definição, minorias ativas.

Essas minorias podem ter aumentado em momentos insurrecionários, mas elas sempre permaneceram como minorias. O mesmo pode ser dito de qualquer subcultura libertária desde então. No futuro mais provável, pessoas libertárias em regiões temperadas permanecerão sendo minorias, mesmo que as possibilidades de anarquia generalizada fora dos muros aumentem. Há muitas coisas que nós podemos fazer, mas nós não podemos mudar o fato de que a maioria das cidadãs/cidadãos não irá se juntar a nós ativa e voluntariamente. Nós sempre estaremos dentro da sociedade e contra ela, e isso possivelmente se tornará cada vez mais perigoso para qualquer pessoa envolvida.

Eu vivo em uma área com uma subcultura anarquista considerável. Eu gosto de viver entre pessoas que tornam minha vida mais agradável em uma sociedade em que eu não escolhi viver, e com quem eu continuo a me engajar em resistência. Esses agrupamentos, infelizmente, por meio de sua forma, atraem atenção indesejada. Nós não devemos nos iludir a respeito de nossa capacidade de nos abrir ao mundo e ao mesmo tempo nos ocultar do Estado, mas desenvolver uma "cultura de segurança" e adotar certas medidas pode minimizar o dano. Mesmo que, no final das contas, nossa segurança não dependa somente de certas práticas dentro das subculturas que criamos, mas da sociedade em geral. Governos com certeza capturariam bem mais de nós do que agora, mas por enquanto, pelo menos em muitos países, há alguma proteção no fato de que o governo teme que um aumento na repressão possa aumentar a resistência e quebrar a ilusão da paz social.

Contraculturas precisam de uma segurança integrada para sobreviver, mas a nossa segurança maior está oculta na cultura mais ampla.

Quando nós escolhemos quais intervenções/campanhas/batalhas vamos lutar, e em que localizações vamos viver, nós devemos selecioná-las, quando podemos, por seu potencial de contágio social. Pela presença de

22. Murray Bookchin, *The Spanish Anarchists: The Heroic Years 1868–1936* (Os anarquistas espanhóis: Os anos heróicos 1868- 1936), Edinburgh: AK Press, 1988.

fatores que ligam nossos desejos, ética e necessidades aos da sociedade que nos cerca. Fazer isso nos protege. Além da nossa própria segurança, escolher batalhas baseadas em onde as pessoas já estão, e vincular as anarquias que estamos germinando com as ecologias existentes, relações sociais e conquistas de lutas passadas, tem uma vantagem significativa de tornar a anarquia mais traduzível. Como disse Colin Ward:

Muitos anos de esforços tentando difundir propaganda anarquista me convenceram que temos sucesso em difundir nossas ideias quando, precisamente, fazemos uso da experiência comum das redes sociais informais, efêmeras e auto-organizadas que de fato tornam possível a comunidade humana, ao invés de rejeitando a sociedade atual em favor de alguma sociedade futura onde uma humanidade distinta viverá em perfeita harmonia²³.

Procurar outros elementos, outras aliadas e relações sociais mais abrangentes e compatíveis, nos permite aprender com elas, dar ajuda – e, em troca, recebermos ajuda. Isso não quer dizer que devemos nos diluir. Nós somos anarquistas. Nossa força vem de nossos desejos e de nossas decisões ativas de vivermos mais livres e selvagens, como comunidades e indivíduos. A falsa unidade com forças sociais autoritárias apenas nos enfraquecem. A nossa própria e pequena maneira, as comunidades libertárias, nas regiões onde estamos presentes, estão juntando recursos e criando conexões de ajuda mútua nas cidades, reabitando e defendendo a terra e tentando fazer crescer um espírito combativo. Ainda podemos fazer isso de uma forma muito melhor, mas nós já começamos.

Subculturas são parte de uma sociedade mais abrangente. Portanto, uma das suas características é que as suas práticas podem vazar para a cultura que as cerca, às vezes de uma forma deformada, mas não completamente esvaziadas de sua ética e saúde. A horrível situação atual seria ainda muito pior se não fosse pela resistência e pelos efeitos inesperados das ações das pessoas que lutam para viver melhor. Da mesma forma que não podemos "salvar o mundo", também não podemos "exigir o futuro", mas sim, de todas as formas, seremos parte dele.

Nós não somos "a semente de uma sociedade futura na casca da velha",

23. Colin Ward, *Anarchy in Action (Anarquia em ação)*, Londres: Freedom Press, 1992, p. 5.

mas sim um dos muitos elementos dos quais o futuro está se formando.

Resista muito, obedeça pouco.

Quando a resistência e a deserção ameaçam de maneira significativa quem está no poder, repressão/contrarrevolução é algo inevitável. Uma forma de fazer com que as contraculturas deixem de ser uma ameaça para as pessoas dentro da cultura hegemônica seria drená-las de todo o seu antagonismo; torná-las obviamente inofensivas para o poder. Esse método de evasão e a não-resistência já foi articulado nas experiências vividas de anarquias tanto fora da civilização como dentro dela. Hoje, porém, para além das questões éticas envolvidas²⁴, o fato é que, por mais que você tente ignorar o Estado, se estiver dentro de seu território sob seu controle, a probabilidade é de que o Estado não vai te ignorar. As comunidades com um território capaz de atingir certo grau de autossuficiência continuarão enfrentando intervenção, enquanto quem estiver imerso no capitalismo terá pouca opção além de trabalhar – com cada vez menos capacidade de resistência – por horas de trabalho e salários cada vez piores.

Outra resposta, que perceptivelmente é uma que muitos de nós adotamos de maneira explícita ou não, é resistir (de preferência em campanhas com possibilidade de vitória), mas em um nível mais oculto, deixando de lado a crise social mais ampla – tentando manter todo o tempo algum nível de invisibilidade.

Levando em conta o lugar onde estamos, muito do que nós já fazemos faz sentido, mesmo levando em conta que muitas das justificações para tais ações continuem presas à visões de salvação (como debatido no Capítulo 1). Ironicamente, essas ações práticas são às vezes abandonadas quando se percebe (corretamente) que elas não irão levar a transformação do mundo. Da mesma maneira que contraculturas/comunas/comunidades de resistência podem não ser embriões para uma futura sociedade anarquista de massas, a ação direta pode não levar à destruição do capitalismo; mas elas protegem alguns ecossistemas ameaçados, ajudam muitos de nós e impedem uma maior erosão de certas liberdades. Greves, e o sindicalismo

24. Ward Churchill, *Pacifism as Pathology* (O pacifismo como patologia), Winnipeg: Arbeiter Ring, 1998, pp. 70–74.

em geral, podem não ser passos em direção a um futuro anarco-comunista, mas elas podem contribuir para a nossa sobrevivência aqui e agora, abrindo oportunidades para nós vivermos melhor. As revoltas podem não levar à revolução, mas elas podem quebrar a ilusão social de muitos. Não pretendo, de forma alguma, dizer que nós estamos impedindo de maneira significativa a marcha para a morte pela qual a civilização está conduzindo a vida da terra, mas as "armas dos fracos²⁵", são aquelas que já possuem, não aquelas com as quais sonham.

A terra mais fértil para a resistência nos últimos 30 anos não tem sido nem o "underground" nem o "aboveground^b", e sim redes conectadas entre elas. Como percebido anteriormente no debate sobre o aumento da vigilância, esse chão está desaparecendo sob nossos pés, independente de argumentos sobre a sua utilidade. Para culturas de resistência, que geralmente são em geral mais atrativas para jovens, é fácil esquecer quão rapidamente as opções diminuam. Já houve um tempo, não muitas décadas atrás, em que policiais não tinham uniformes de choque, e tinham que usar tampas de lixeira como escudos improvisados em meio a uma insurgência urbana. Há não muito tempo atrás, ativistas da Frente de Libertação Animal conseguiam entrar em laboratórios sem serem pegos por detectores de movimento – porque eles ainda não haviam sido inventados. As organizações beneficentes podiam fazer arrecadações abertamente para financiar apoio médico para movimentos armados de libertação pelo mundo (SWAPO)^ø – através da União Nacional dos Estudantes! Isso não é um chamamento para uma nostalgia dos anos 1980 – de acordo com outros relatos, nós estamos muito melhor em vários quesitos; mas alguns caminhos estão fechados, e mais se fecharão.

Até certo ponto, várias formas de ação ficarão cada vez mais difíceis, especialmente as ações espetaculares, podem ser abandonadas com poucas perdas. Muitas vezes, seu único propósito é fazer pessoas sentirem que

25. Utilizando o termo de James Scott em um contexto diferente. James Scott, *Weapon is for the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance* (Armas são para os fracos: As formas cotidianas da resistência camponesa), New Haven: Yale University Press, 1987.

♣. Como oposto a "underground" (subterrâneo), o autor usa o termo aboveground para se referir aos movimentos sociais de resistência não clandestinos de conhecimento público.

ø. A SWAPO (sigla em inglês de South-West African People's Organization; em português: Organização Popular do Sudoeste da África) é um partido político da Namíbia. Para efeitos eleitorais se chama SWAPO Party (partido SWAPO). Foi fundado em 1960. Em 1966 passou a ser uma organização militar que, usando táticas de guerrilha, começou a combater o governo sul-africano em busca da independência da Namíbia (Fonte: http://es.wikipedia.org/wiki/Organizaci%C3%B3n_del_pueblo_de_%C3%81frica_del_Sudoeste)

estão fazendo política²⁶. Apesar disso, algumas vitórias e campanhas bem sucedidas conquistaram ganhos reais, defendendo pessoas e lugares reais, muitas vezes com táticas que estão se tornando cada vez menos viáveis. O que é então que o "inimigo" está pensando sobre o futuro da resistência?

Para começar, nós devemos deixar claro que de maneira alguma nos veem como a única, ou mesmo como a principal, força social de resistência. A infelicidade, a pobreza, a divisão social, a irracionalidade e o desejo de lutar são abundantes, e muitos membros da elite sabem que a possibilidade de caos está pendurada, frequentemente, por um fio. Como apontado no debate anterior sobre a ascensão das mega-cidades, teóricos do Estado às vezes cometem o erro de enxergar crimes econômicos como divorciados da guerra de classes de maneira geral. Em termos estritamente "políticos", muitas ativistas aparentemente ficaram chateadas quando o 11 de setembro e o terrorismo islâmico passaram a ter mais destaque do que o "movimento dos movimentos", este que, a uma década atrás, parecia ser o único jogo sendo jogado. O crescimento (por mais limitado que seja) de forças autoritárias não-estatais, seja imitadores da Al-Qaeda ou "soldados e soldadas raciais" da extrema direita, mostram que existem muitas subculturas potencialmente insurgentes atrás dos muros, muitas que são nossas inimigas assim como os Estados.

O Coronel Thomas X. Hammes (Fuzileiros Navais dos Estados Unidos), em seu livro influente 'The Sling and the Stone' (O Estilingue e a Pedra), popularizou a ideia de guerras de quarta e quinta geração. Algumas teorias militares já têm dividido há tempos diferentes formas de conflito moderno em gerações. Nos modelos mais comuns, a Guerra de Primeira Geração (1GG) é caracterizada pela emergência de conflitos envolvendo exércitos massivos e culminam nas Guerras Napoleônicas. A 2GG é caracterizada por conflitos industrializados no estilo da Primeira Guerra Mundial, e a 3GG se caracteriza pelo Blitzkrieg no estilo da Segunda Guerra Mundial. A 4GG foi desenvolvida na teoria e na prática por Mao, e inclui entre outras as guerras na China, no Vietnã, Somália, Gaza, Iraque (assim como a bem sucedida invasão Blitzkrieg 3GG), como também a chamada "Guerra ao Terrorismo". Isso é uma explicação bem resumida do modelo, mas você deve ter entendido o conceito.

Hammes passa a maior parte do livro explicando a 4GG, apontando que essa é a nova forma de guerra que os Estados Unidos e seus aliados estão e estarão lutando por um tempo, e que – pelo menos no século 20 – é o único

26. Em contraste, o anarquista francês Pierre Chardon disse: "A ação anarquista – paciente, oculta, tenaz, organizada por indivíduos, carcomendo as instituições como os vermes devoram uma fruta, como os cupins corroem árvores imensas –, uma ação como essa não se presta aos efeitos melodramáticos daqueles que desejariam chamar atenção para si mesmos". – Citado em: David Berry, *A History of the French Anarchist Movement: 1917–1945* (Historia do movimento anarquista francês: 1917–1945), Oakland: AK Press, 2009, p. 42.

tipo de guerra que têm perdido. Os Estados ocidentais têm sido em sua maioria bem sucedidos em impedir “incidentes de terror” dentro de suas fronteiras pelas mais diversas razões, entre elas a sua capacidade de criar redes efetivas de vigilância.

Hammes afirma que “Guerras de Quarta Geração tem pouco mais de 70 anos e estão atingindo a maturidade”. “Apesar de nós só estarmos entendendo isso claramente agora, a história nos diz que a quinta geração já começou a evoluir”. Ele reconhece abertamente que ainda é cedo demais para se ter certeza disso, mas ele acredita que as 5GG serão travadas por “indivíduos super-empoderados ou pequenos grupos” que diferentemente das 4GG não estão inseridos em redes mais abrangentes, e são, portanto, menos visíveis. Essa é a descrição de como grande parte do ELF (Earth Liberation Front – Frente de Libertação da Terra) e o ALF (Animal Liberation Front – Frente de Libertação Animal) dizem funcionar, apesar de essa raramente ser uma descrição da realidade – como a repressão bem sucedida das redes de libertação animal dos anos 80 e do green scare dos anos 90 nos mostram. Ela também ressoa com o aparecimento cada vez maior de ataques solitários pelo espectro da oposição. Vale lembrar que esse “super-empoderamento” de que Hammes fala não se refere a uma superabundância de autoconfiança nietzscheana, e sim do efeito da tecnologia de magnificar o poder²⁷.

Mais cedo nós analisamos o pensamento militar sobre a forma que tomará a insurgência nas novas mega-cidades do Terceiro Mundo. Aqueles que desejariam manter uma paz submissa não se esqueceram da Revolta de Los Angeles, e estão rapidamente se militarizando enquanto esperam o seu retorno. O nível do pensamento apocalíptico entre as elites (e o fracasso das classes oprimidas de atingirem suas expectativas) foi mais evidente após o Furacão Katrina. Mesmo na falta de revoltas no dia a dia, ainda há e haverá oportunidades de interferir e participar em momentos de luta social ecológ-

27. A propósito, a teoria e prática das 4GG está altamente desenvolvida, e a incorporação da guerrilha e da guerra de redes lhe dá mais valor tanto no papel quanto no campo de batalha. Só por isso, sua leitura vale a pena. Coronel Thomas X. Hammes (USMC [Corpo de Marinheiros dos EUA]), *The Sling & The Stone: On War in the 21st Century* (“A funda e a pedra: sobre a guerra no século XXI”), St.Paul: Zenith Press, 2004. Citado nas páginas 24 e 290 respectivamente. Neste ensaio, a ALF faz uma cômica aparição como possível tela para um ataque 4GG do tipo “operação de bandeira falsa” do exército chinês contra a indústria da carne estadunidense, p. 456.

28. “Para ser feminista, primeiro é preciso se converter em uma feminista (...) Não que essas sejam conscientes de coisas que outras desconhecem; são conscientes das mesmas coisas, porém, de forma diferente. A consciência feminista, posso arriscar, transforma um ‘fato’ em uma ‘contradição’”. — Sandra Lee Bartky, citada em: Carol J Adams, *The Sexual Politics of Meat: A Feminist-Vegetarian Critical Theory* (As políticas sexuais da carne: Uma teoria crítica feminista-vegetariana), Nova Iorque: Continuum, 1991, p. 184. Ainda que muitos articulem seu anarquismo por meio da palavra escrita, é estranho — ao menos em minha opinião — que decidam se tornar anarquistas por meio dela. Na verdade, a propaganda mais poderosa é a “propaganda pelo ato”, quer dizer, a das experiências vividas, quer seja por meio da participação em resistências ou ao experimentar o amor e a ética vivida em comunidades anarquistas.

ica; de mostrar empoderamento da base, ajudar a criar um espírito combativo e prover infraestrutura importante. O sucesso muitas vezes vem quando revoltas parecem surgir do nada, mas esse sucesso se nutre da vontade e experiência que residem em comunidades de resistência já estabelecida.

A política muitas vezes busca estender esses momentos além da sua expectativa de vida natural, mas o impulso só dura por um tempo e o Estado não demora a se organizar. Essas situações não serão a fundação de uma transformação libertária total do mundo, mas elas têm a chance de ocasionalmente atingir ganhos de classe reais, defendendo comunidades e ecologias, tornando a vida das pessoas mais segura, mostrando às pessoas suas próprias capacidades e quebrando ilusões sociais²⁸. Elas podem, obviamente, ter um alto custo, tanto em termos de repressão quanto pelo efeito sedativo que pode ter a libertação de impulsos por parte da população. Nós não devemos alimentar nenhuma ilusão de que forças sociais autoritárias – dos dois lados das barricadas – não tentarão usar esses momentos para seus próprios objetivos.

Parece então que, pelo menos em algumas das mentes de nossos inimigos, as principais formas ofensivas de resistência que acontecerão nas regiões temperadas futuras – mais brutas e mais vigiadas – serão aquelas de pequenos grupos (e indivíduos) super-empoderados e não interconectados, além de incontroláveis episódios de oposição social em massa. Por enquanto, um caminho do meio ainda existe – ocupado em sua maioria por ativistas e pelo crime – mas talvez não por muito tempo. Como eu disse antes, ações subversivas servem tanto às necessidades do poder quanto à liberdade, e por isso a tolerância do poder poderia durar mais do que o tecnicamente necessário se isso servir para inibir formas emergentes de ação. Também deve ser óbvio que as forças de oposição mencionadas até agora – existentes ou ainda por surgir – são métodos de oposição que não têm porque serem necessariamente disparadores de transcendência ou de um fim determinado. O que não impede que eles se reivindicuem dessa forma. Nos nossos círculos, alguns comunistas sem dúvida verão lutas sociais e o surgimento da desordem como algo que levará à transcendência, enquanto algumas primitivistas verão as 5GG como uma forma de acabar com a civilização no coração de seu território.

Situações em terras distantes podem chamar a atenção, e aqueles por trás dos muros podem sair – pelo menos por um instante. É muitas vezes difícil ir até onde as batalhas e tempestades estão emergindo, onde potencialidades para a anarquia estão se abrindo e ecossistemas precisam ser defendidos, mas há quem sempre irá “preferir liberdade com perigo ao invés de paz com escravidão²⁹”.

Pode ser que alguns de nós que não se encaixam nessa ideologia po-

dem sentir alguma obrigação de lutar, tanto em um nível que poderia ser insustentável sob Estados de vigilância, como em lugares e junto à pessoas selvagens, os quais em regiões temperadas estão, em sua maior parte – porém não todos –, cada vez mais distantes entre si. Apesar de toda a negação, ainda há muitos espaços fora das civilizações e, como discuti em capítulos anteriores, o aquecimento global provavelmente irá expandi-los.

Amor, saúde e insurreição

Minha opinião é que essa situação não tem concerto, que a raça humana produziu uma mudança ecológica irreversível... mas, assumindo que há uma possibilidade de mudar a direção catastrófica em que as sociedades estão rumando, isso só pode ser feito através da infecção, da infiltração, da difusão e da imperceptibilidade de forma microscópica por todo o organismo social, como partículas invisíveis de uma doença chamada 'Saúde'.

– *Kenneth Rexhorth, Anarquista e Poeta, Julho de 1969*³⁰

Nós escolhemos ser anarquistas, pelo menos em parte, porque acreditamos que é o mais ético e saudável. É melhor que não haja chefes nem servos em nossas relações sociais íntimas. Transformar a dor que sentimos em resistência é melhor do que descarregá-la uns nos outros, na nossa própria classe e em nossos próprios corpos. É mais saudável para o meio ambiente (usando um termo bastante degradado) defender as liberdades selvagens do que deixar que todo o planeta se torne território da civilização.

Se Rexroth estivesse vivo hoje ele não se surpreenderia pelo fato de que já é provavelmente tarde demais para mudar “a direção catastrófica em que as sociedades estão rumando”. Apesar disso, aqueles de nós que escolheram ser anarquistas, mesmo em alguns dos lugares mais domesticados da Terra, ainda precisam encontrar uns aos outros – tanto para serem efetivos quanto para serem socialmente equilibrados. Nós temos que manter alguma invisibilidade em relação ao poder ao mesmo tempo em que precisamos ser sufi-

29. Um aristocrata polonês, citado em: Jean Jacques Rousseau, *The Social Contract* (O contrato social), Cosimo Inc: Nova Iorque, 2008, p. 70.

30. Kenneth Rexroth, *Radical Movements on the Defensive* (Movimentos radicais na defensiva), San Francisco Magazine, Julho de 1969. Bureau of Public Secrets (Agencia de segredos públicos)– Rexroth Archive, (www.cddc.vt.edu/bps/rexroth).

cientemente presentes socialmente para sermos contagiosos.

Muitas vezes o ativismo de algumas pessoas se parece com a fase maníaca do distúrbio bipolar. Essa fase é seguida inevitavelmente por uma fase depressiva, que após desiludir algumas pessoas de seus sentimentos de onipotência, passa a reforçar ilusões de impotência. Para nos tornarmos mais fortes e saudáveis, e para encorajarmos e apoiarmos outros a fazê-lo também, é imprescindível adotarmos objetivos realizáveis em curto prazo, ao invés de adotarmos uma perspectiva de "tudo ou nada". Isso vale tanto para determinar o que queremos que a nossa resistência conquiste quanto o que queremos criar ativamente, o que nós queremos aprender ou simplesmente o que queremos ser. Dessa forma a nossa ação consciente pode adquirir a função de uma terapia coletiva, melhorando nossas vidas de forma significativa por meio do anarquismo ao mesmo tempo em que conquistamos ganhos ecológicos e sociais. Há muitas respostas para como podemos fazer isso.

Nós somos anarcossindicalistas nas fábricas, anarquistas verdes nas florestas, anarquistas sociais em nossas comunidades, individualistas quando estamos sozinhos, anarco-comunistas quando há algo a compartilhar, insurrecionalistas quando queremos golpear³¹.

Um Anarquismo com muitos adjetivos, mas um que também atinge objetivos, pode ter um ótimo presente e ainda ter um futuro; mesmo quando se está fundamentalmente fora do passo do mundo ao seu redor. Há muito que podemos fazer, conquistar, defender e ser; inclusive aqui onde, infelizmente, a civilização ainda tem um futuro.

31. Crimethinc., 'Say you want an Insurrection: Putting the "Social" in Social War' (Diga que você deseja uma insurreição: aplicando o 'social' na Guerra Social), em, Rolling Thunder, No. 8, Outono de 2009.

Capítulo 10:

Deserto

Ao longo deste texto tenho tentado plasmar futuros presentes e plausíveis ao mesmo tempo em que faço um chamado em favor do possível, abandonando velhas ilusões e batalhas impossíveis de ganhar. Espero que tenha ficado clara a convocatória para que desertemos da sociedade de classes e da civilização, pessoal ou coletivamente. Já posso ouvir as acusações do meu próprio bando; acusações de desertar da causa da Revolução, abandonar a luta por Outro Mundo. Quem emite estas acusações tem razão. Responderia-lhe que tais mitos progressistas e de "novo milênio" são o núcleo central da expansão do poder. Podemos ser mais anárquicos que isso.

Grande parte deste texto tem sido uma visão geral, mas isso não deveria diminuir o verdadeiro valor da prática, do local, de nossas relações emocionais e projetos cotidianos. O futuro não deveria impedir o presente, inclusive se o presente está impedindo algumas possibilidades futuras. Não vale a pena lutar por um futuro que não existe hoje.

Nada do que foi enfatizado neste escrito é incrivelmente revelador. Na comunidade anarquista em que vivo algumas ideias deste tipo são consideradas em parte como senso comum. Creio que isso também ocorra em

outros coletivos. No entanto, há pessoas que poderiam não elucidá-los a partir de nossos posicionamentos – tanto os públicos como os escritos – inclusive, com frequência, a partir de nossa forma de nos relacionar. É um sentimento tacitamente compartilhado. Como já foi assinalado, sinto que perder a fé no progresso revolucionário pode nos fazer mais fortes, livres e mentalmente sadios.

Desiludir-se com a "revolução global" e com nossa capacidade de "salvar o planeta" não deveria mudar nossa natureza anarquista ou o amor que, como anarquistas, sentimos pela natureza. Ainda assim há muitas possibilidades para a liberdade e para a natureza. Quais são algumas dessas possibilidades e como podemos vivê-las? Que objetivos, planos, vidas e aventuras surgem quando deixamos de lado as ilusões e caminhamos pelo mundo já não incapacitadas pela desilusão, mas sim libertas de seu peso?

*Cruzaria o rio se eu não cruzo
ou te a fogueira neste deserto, essa mesa vazia onde bebemos?
Se somos bestas, não somos bestas de carga
então cavalgue só ou em manada
somente cavalgue, o mais rápido que puder.*

– *Blackbird Raum, Valkyrie Horsewhip Reel*¹

1. Letra da música 'Valkyrie Horsewhip Reel' de Blackbird Raum, Suécia (Santa Cruz: Black Powder Records).

"A esperança de um grande final feliz machuca as pessoas. Ela serve de base para a dor que sentirão quando se desiludirem. Porque, honestamente, quem de nós acredita num final feliz hoje em dia? Quantas foram consumidas pelo esforço que implica se reconciliar com a fé cega de mudar o mundo com a realidade que nos cerca? No entanto, apesar de nos desiludirmos – com a revolução global, com nossa capacidade de parar as mudanças climáticas – isto não deveria alterar nossa natureza anarquista nem o amor que sentimos pela natureza como anarquistas. Ainda assim existem muitas possibilidades para a liberdade e o selvagem.

Quais são algumas dessas possibilidades e como podemos vivê-las? O que poderia significar ser anarquista, ecologista, quando a revolução global e a sustentabilidade socioecológica não são o objetivo principal? Que objetivos, que planos, que vidas, que aventuras permanecem quando deixamos de lado as ilusões e caminhamos pelo mundo já não padecendo a incapacitação gerada pela desilusão, mas sim livres de sua carga?

